

Faustino João  
Elvo Clemente

1931-1951



HISTÓRIA DA  
**PUCRS**

VOLUME

I



EDIPUCRS

# **HISTÓRIA DA PUCRS**



## **PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL**

*Chanceler:* Dom Altamiro Rossato

*Reitor:* Ir. Norberto Francisco Rauch

*Conselho Editorial:*

Antoninho Muza Naime

Antonio Mario Pascual Bianchi

Délcia Enricone

Jayme Paviani

Jorge Alberto Franzoni

Luiz Antônio de Assis Brasil e Silva

Regina Zilberman

Telmo Berthold

Urbano Zilles (presidente)

*Diretor da EDIPUCRS:* Antoninho Muza Naime

### **EDIPUCRS**

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

C. P. 1429

90619-900 Porto Alegre RS

Tel.: (051) 3320-3500 r: 7880

**Irmão Faustino João**  
**Irmão Elvo Clemente**

# **HISTÓRIA DA PUCRS**



**Porto Alegre**

**1995**

## FICHA CATALOGRÁFICA

J52h v.1	João, Faustino História da PUCRS / Faustino João, Elvo Clemente. - Porto Alegre: EDIPCURS, 1995.  3v.  1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - História 2. Ensino Superior - Rio Grande do Sul I. Clemente, Elvo II. Título.  C.D.D.      378.8165
-------------	---

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Processamento Técnico da Biblioteca Central – PUCRS

*Capa:* José Fernando de Azevedo  
*Digitação e Revisão:* José Renato Schmaedecke  
*Diagramação:* Isabel Cristina Pereira Lemos  
*Impressão:* GRÁFICA EPECÊ

## ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	6
INTRODUÇÃO .....	8
I - INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS .....	11
II - IRMÃOS MARISTAS NO BRASIL .....	16
III - IRMÃO AFONSO – O FUNDADOR.....	21
IV - FACULDADE DE CIÊNCIAS POLÍTICAS E ECONÔMICAS.....	25
V - FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS .....	47
VI - ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL .....	85
VII - FACULDADE DE DIREITO .....	92
VIII - CONSTITUIÇÃO DA UNIVERSIDADE .....	97
IX - TRIÊNIO ADMINISTRATIVO 1948 - 1951 .....	106
O TÍTULO DE PONTIFÍCIA .....	109
INSTALAÇÃO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RGS.....	115
OUTORGA DO TÍTULO “DOCTORIS HONORIS CAUSA” AO IRMÃO AFONSO .....	125
ANEXOS.....	138
BIBLIOGRAFIA.....	159

## APRESENTAÇÃO

---

Faço com alegria a apresentação do primeiro volume da HISTÓRIA DA PUCRS, escrita pelos Irmãos Faustino João e Elvo Clemente. O primeiro assistiu desde o começo os passos sofridos do Irmão Afonso ao projetar e instalar a primeira Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas no sul do Brasil. O segundo vem acompanhando a vida da Universidade após a criação e implementação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Ambos trabalharam e trabalham diuturnamente em diversos cargos e tarefas, quer na docência quer na administração.

O Irmão Faustino João vem arquivando há várias décadas os documentos referentes à vida, ao desenvolvimento e às realizações da Universidade.

O Irmão Elvo Clemente soube dar forma aos textos a fim de apresentá-los de maneira ordenada e atraente.

A *História da PUCRS* será constituída de três partes definidas pela cronologia: a primeira, de 1931 a 1951; a segunda, de 1952 a 1978, e a terceira, de 1979 até os dias atuais.

Na primeira parte está o relato dos trabalhos, das dificuldades e dos êxitos ocorridos com os projetos e com a criação das Faculdades: de Ciências Políticas e Econômicas, de Filosofia, Ciências e Letras, de Serviço Social e de Direito.

A figura do Irmão Afonso (Charles Désiré Joseph Herbaux) domina o panorama histórico do grande empreendimento universitário no sul do Brasil, com os seus notáveis colaboradores da primeira hora: Eloy José da Rocha, Elpídio Ferreira Paes, Francisco Juruena, Salomão Pires Abraão, Antônio César Alves, Manoel Coelho Parreira, Armando Dias Azevedo, Armando Pereira da Câmara e tantos outros que entenderam e abraçaram a idéia e a realização da Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

A *História da PUCRS* é oferecida aos professores, aos funcionários, aos alunos e ex-alunos, aos amigos, para que, ao lerem estas páginas, vejam

o quanto fizeram os paladinos do ensino superior no Rio Grande do Sul para as atuais e futuras gerações.

Que Deus Nosso Senhor e Nossa Senhora do Rosário, Padroeira da PUCRS, recompensem tantos esforços e sacrifícios em prol da formação de bons profissionais e honestos cidadãos!

*Prof Ir. Norberto Francisco Rauch*

*Reitor da PUCRS*



## INTRODUÇÃO

---

Escrever a história de uma vida é algo de grandioso. Escrever a história de uma instituição de ensino e de educação em que se comprometeram centenas de vidas para iluminar e encaminhar novas vidas é um ato temerário de grandeza que intimida os mais valentes desbravadores da historiografia. Na humildade e no sentimento de nossos limites nos abalançamos à tarefa de lançar no papel algumas notas sobre aquelas pessoas que tiveram a iluminada idéia de criar a Universidade guardiã da ciência e distribuidora de conhecimentos. O admirável em tudo isso é ver homens simples, dedicados ao ensino e à educação da juventude que de repente ouviram uma voz que os chamava para criar uma Instituição de ensino superior de que a sociedade requeria a presença para a formação de novas gerações.

Ouviram os apelos e puseram mãos à obra com pequenos recursos, com poucas pessoas, com grande esperança e com a confiança plena na Divina Providência. Os apelos vinham dos alunos, das famílias, eram apelos de Deus, era preciso atender. Irmão Afonso ouviu a voz misteriosa e começou a agir, um grupo de Irmãos Maristas do Colégio Nossa Senhora do Rosário acompanhou-lhe os passos. Eram eles: Irmão Estanislau, Ir. Ignacio Calvo, Ir. Gondolfo, Ir. Víctor Gabriel. Ao lado deles estavam os obreiros da primeira hora: ex-alunos - Eloy José da Rocha, Elpídio Ferreira Paes, Salomão Pires Abrahão. Foram em frente, era preciso atender as vozes que pediam o pão da instrução superior, que pediam novos horizontes para a Pátria e para o mundo. Foi surgindo a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, firmando seus passos, aumentando as fileiras na década de trinta.

A estrela brilhava no horizonte, acenava promissora com os brilhos potentes da Universidade. Não era chegado ainda o momento. Houve a chamada da infância e da juventude pedindo mestres, a resposta foi dada pelo Irmão Afonso que desde vários anos tinha guardado o projeto completo da

Faculdade de Educação, Ciências e Letras, aprovada em 1939, inaugurada em março de 1940. Projeta-se solene a figura do Prof. Armando Pereira da Câmara, com as de outros professores: Irmão Faustino João, Irmão José Otão, Irmão Gelásio Maria, Irmão Roque Maria, com os professores: Mário Bernd, Ney Chrysostomo da Costa, Raul Franco Di Primio, Elpídio Ferreira Paes, Armando Dias de Azevedo, Francisco Juruena e outros. O Prof. Eloy José da Rocha encontrava-se na direção da novel Faculdade.

A nova instituição passaria a denominar-se, mais tarde, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Centenas e milhares de professores aí se formaram e se irradiaram pelo Rio Grande e pelo sul do Brasil. Dessa Faculdade surgiram várias nas diversas dioceses do Rio Grande do Sul: Caxias do Sul, Uruguaiana, Pelotas, Santa Cruz do Sul, Santa Maria.

Os caminhos para o reconhecimento dos cursos e a sua implementação conheceram agruras, lutas e vitórias.

A assistência social estava a reclamar melhor atendimento da parte da sociedade e da Igreja Católica. A 5ª sessão das Semanas Sociais fez sentir o clamor urgente para que se formasse a Escola de Serviço Social. A voz de Aylde Pereira, do Instituto Social do Rio de Janeiro, ecoou profundamente nos corações do Ir. Afonso, de Laudelino Teixeira de Medeiros e de Mario Goulart Reis. No dia 25 de março de 1945 fundava-se a Escola de Serviço Social.

Outros clamores, outros apelos se faziam ouvir desde o Antístite Dom João Becker até dos alunos que concluíam os colégios católicos - era necessário fundar a Faculdade de Direito. Com ela haveria outra orientação nos estudos e na prática das leis, com ela o caminho para a criação da Universidade estaria desimpedido. Em janeiro de 1947 era autorizada a novel Faculdade com os mestres: Armando Pereira da Câmara, Baltazar Gama Barbosa, Camilo Martins Costa, Armando Dias de Azevedo, Ruy Cirne Lima e outros luminares das ciências jurídicas.

Com as quatro Faculdades instaladas e em pleno funcionamento e benquistas, a idéia de Universidade tomou corpo e pôs-se em marcha. Irmão

Afonso estava na Europa nas altas funções de Conselheiro Geral na Administração do Instituto Marista, mas não abandonava os passos da obra universitária. As dificuldades advindas de pessoas e de grupos não esperados não o intimidaram. O Irmão Faustino João exerceu papel importantíssimo e decisivo na consecução da equiparação da Universidade. O Prof Armando Dias de Azevedo, nomeado Reitor interino, teve ação modesta e determinante no processo que se coroou de êxito com o decreto assinado pelo Presidente Marechal Gaspar Dutra no dia 9 de novembro de 1948 - estava criada a Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

As alegrias das novas conquistas não arrefeceram os trabalhos, era preciso o título de PONTIFÍCIA. O Arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, desdobrou-se em atividades junto da Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades de Estudos, o Ir. Alessandro Di Pietro, Procurador Geral do Instituto Marista junto à Santa Sé, empenhou-se a fundo no assunto. No dia 1º de novembro, o Papa Pio XII assinava solenemente o decreto exornando as Faculdades Católicas com o título de *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*.

No dia 7 de março de 1951, era instalada solenemente a terceira Universidade Pontifícia no Brasil com a presença do episcopado riograndense e do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, do Rio de Janeiro. A solenidade do ato teve seu brilho com maior deslumbramento com a outorga do título de “Doctor Honoris Causa” ao Irmão Afonso. O périplo dessas duas décadas, 1931 a 1951, começou com o humilde e despretensioso trabalho do Irmão Afonso e teve seu ponto culminante com a honraria universitária no alto grau, conferida ao Irmão Afonso, que sempre ouviu e atendeu os apelos dos que necessitavam do pão da instrução e da LUZ DA VERDADE.

OS AUTORES

## INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS

---

### O FUNDADOR

Os caminhos das pessoas e das instituições são misteriosos e cheios de surpresa. No mesmo ano em que começavam os acontecimentos da Revolução Francesa, nascia a 20 de maio de 1789, no povoado de Rosey, na diocese do Puy, Marcelino José Bento Champagnat, de família de modestos agricultores da região do Forez. Na infância e adolescência não tivera oportunidade de ampliar os estudos primários dada a situação pós-revolucionária que deixara a França desmantelada na instrução, na cultura e na religião.

Chamado ao sacerdócio, aos 17 anos, mostra extraordinária capacidade de aprender o latim e preparar-se aos estudos de Filosofia e de Teologia do Seminário Santo Irineu de Lyon, de 1813 a 1816. Ordenado sacerdote com 52 companheiros, empreende, em Fourvière, a fundação da Sociedade de Maria, dirigida pelo P.e Claudio Colin.

Champagnat é designado para a paróquia de La Valla, nos contrafortes do monte Pilat. Fica impressionado com a miséria moral e intelectual daquele povo das montanhas. Em sua alma repercute o “gemido daquela gente”, como escrevia São Paulo: “Gememos interiormente suspirando pela redenção” (Rom 8,22-24). Matteo Ajassa escreve: “É dois de janeiro de 1817, quando o jovem vigário, numa pequena casa, por ele arrumada, dá vida ao Instituto dos Irmãos Maristas”, com dois jovens. O mesmo autor resume, num parágrafo, a atividade apostólica do novel Instituto:

“Educação da juventude e adequado ensino do catecismo constituem os objetivos essenciais da nascente comunidade que, estimulada pelo exemplo fervoroso, se habilita à missão educativa, rezando, estudando e

agindo. A prática da fórmula “formação-ação” se revela uma das intuições pedagogicamente mais válidas de Champagnat, um método ditado pela clara prospecção dos valores e pelo equilibrado senso das coisas concretas. Educar significa agir sobre a realidade original e viva que é cada pessoa” (Ajassa, p. 17).

Em poucos anos os jovens discípulos de Champagnat, já numerosos, dirigiam dezenas de escolas nos povoados da zona rural e em algumas cidades.

“A instrução para Champagnat visava à formação integral do homem, sintetizada no conceito, muitas vezes por ele repetido em suas palestras, indicando a meta final da instrução dada por um Marista: *Formar bons cristãos e virtuosos cidadãos*” (Martins, p.78).

O fundador do Instituto merece que lhe seja feita uma apresentação em seus aspectos de homem.

## **Caráter**

Desde cedo começou a trabalhar para forjar um bom caráter, eliminar ou diminuir os lados negativos do temperamento. O seu primeiro biógrafo, Irmão João Batista Furet, apresenta-o desta maneira:

“Era alto, de estatura imponente, tinha fronte espaçosa, bem pronunciados os traços do vulto, cor castanha, aspecto modesto e sério. Sob o exterior severo escondia o mais feliz dos caracteres. Tinha o espírito reto, o coração terno, sentimentos nobres e elevados. O caráter era jovial, aberto, firme, ardente, constante e sempre uniforme.”.

## **Bondade e amor**

Eram dignos de nota a bondade e o amor para os outros, particularmente para os meninos. Sua diretriz pedagógica: “Para educar as crianças e os jovens é preciso amá-los e amá-los todos igualmente”.

O biógrafo registrou o seguinte: “A bondade com que tratava os jovens e a atenção com que os escutava fizeram impressão sobre todos quantos o conheceram e conviveram com ele.”

Guy Chastel escreve: “O amor pelas crianças e adolescentes é a nota distintiva da pedagogia de Champagnat”.

## **Respeito às pessoas**

Outro aspecto de sua pedagogia é o respeito às pessoas, quer adultos ou crianças. Insiste ainda mais sobre o respeito aos pequenos porque são fracos e a eles se dirige, em particular, a educação. É impossível educar sem o respeito.

## **Realismo - equilíbrio - firmeza**

Esses foram dotes indispensáveis para um verdadeiro educador, e Champagnat os teve em altíssimo grau. Eram nele dom da natureza, que soube desenvolver com esforço contínuo para melhorar a si mesmo mediante a oração, com a reflexão sobre a experiência diária de dedicação para formar homens e religiosos, e com a direção da obra por ele fundada, que o colocou em contato com pessoas de todos os níveis sociais.

Amor, equilíbrio e realismo estão presentes em todas as suas atividades de administração e desenvolvimento das obras do Instituto.

## **A sua espiritualidade**

A raiz de sua bondade, de seu amor, de seu respeito e de todas as virtudes é o seu coração de apóstolo e de santo.

A santidade é essencialmente amor com várias formas de espiritualidade.

No P.e Champagnat a espiritualidade assumia as características seguintes:

*Um amor humilde e apaixonado por Jesus Cristo*, que está na base de sua santidade. Amor haurido nas fontes mais puras: a contemplação dos mistérios da Encarnação, da Redenção, da Eucaristia. Amor manifestado em toda uma vida de humildade, de sacrifício, de renúncia de si mesmo e de profunda piedade eucarística.

De Jesus Cristo e do Evangelho aprendeu a necessidade das longas preparações e da oração; aprendeu a esperar a hora de Deus, seja para agir, seja para recolher os frutos da própria ação. Sobretudo, conheceu o imenso valor de uma vida humilde e escondida, porque cheia de Jesus como eram as vidas de Maria e de José.

*A grande devoção a Maria Santíssima*, que caracterizou a vida de Marcelino Champagnat e que deve caracterizar a vida dos seus discípulos e do seu Instituto, aos quais deu o nome de Maria, tem aqui a sua fonte.

A devoção marial de Champagnat ficou sintetizada no lema: *“Tudo a Jesus por Maria; tudo a Maria para Jesus”*. São os dois grandes amores fundidos num só amor que distingue mas não separa o caminho da meta.

*A oração era o seu elemento vital*, o ponto capital. Confidenciava aos Irmãos: “Não tenho maior dificuldade de estar unido a Deus nas ruas de Paris do que nos sendeiros solitários de Hermitage”.

Fazer conhecer e amar a Jesus Cristo é o escopo da vocação e do Instituto Marista. Tinha uma forte e irredutível confiança em Deus e em Nossa Senhora a quem chamava - “nosso recurso ordinário”.

“Quando mesmo o mundo inteiro estivesse contra nós e Deus e a Virgem Santíssima estiverem conosco, nada há que temer”.

A sua confiança jamais foi iludida, como o provam os múltiplos acontecimentos de sua vida.

Os Irmãos iam aonde eram solicitados pelas comunidades, pelos bispos, pelos párcos, sempre atentos aos gemidos do povo.

O Instituto teve um desenvolvimento surpreendente, tantos eram os apelos e a necessidade de escolas para o ambiente rural e urbano.

## **EXPANSÃO MARISTA**

O mapa da expansão marista foi-se dilatando durante o século XIX na Inglaterra, Bélgica, Escócia, Irlanda, África do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Itália, Espanha, Estados Unidos da América, Colômbia, China, Algéria, Suíça e Líbano. Em 1897 chegou a vez do Brasil, seguiram-se o México e a Argentina. Nas décadas do século XIX houve outras fundações na América, na Oceânia, na África e na Ásia.

Perseguições, guerras e infortúnios, nada pôs um basta ao atendimento dos que pediam o pão da educação da Escola Marista.

Em 29 de maio de 1955 o mundo marista teve a grande alegria de contemplar Marcelino Champagnat na glória de Bernini entre os bem-aventurados.



## II

# IRMÃOS MARISTAS NO BRASIL

---

## BRASIL CENTRAL

A vinda dos Irmãos Maristas ao Brasil tem três datas: 1897, 1900 e 1903.

A primeira leva desembarcou no Rio de Janeiro no dia 15 de outubro de 1897 e era formada por seis Irmãos: Andrônico (Diretor), Afonso Estêvão, Aloísio, Basílio, Luís Anastácio e João Alexandre. As crônicas narram assim o fato:

“Coube a Dom Eduardo Duarte, Bispo de Uberaba, a primeira tentativa para conseguir a vinda dos Maristas, em 1893. Nada conseguiu além de promessas. Quatro anos depois Dom Silvério Gomes Pimenta, Bispo de Mariana e membro da Academia Brasileira de Letras, fez a segunda tentativa indo falar diretamente com o Superior Geral, Irmão Estratônico, com carta especial do Cardeal Rampolla na qual mostrava o interesse do Papa Leão XIII em que fossem enviados Maristas ao Brasil. Foram escolhidos seis entre os muitos voluntários. Após uma visita ao santuário de Nossa Senhora da Guarda, em Marselha, embarcaram no navio francês Provence. Os Irmãos foram recebidos pelo P.e Cândido Veloso no Rio de Janeiro no dia 15 de outubro. No dia seguinte, de trem, chegaram até Congonhas do Campo (MG) onde Dom Silvério os recebeu acompanhado por uma grande representação de fiéis da paróquia de Bom Jesus. Depois iniciaram as aulas em que os mestres aprendiam a língua vernácula com os discípulos. Devido às condições precárias do educandário, a permanência em Congonhas foi apenas de seis anos”. Aos poucos os Irmãos foram cumprindo a palavra profética de Dom Silvério: “Desejo ver os Irmãos bem espalhados no Brasil, e cada casa nova é para mim motivo de contentamento” (carta de 9.1.1903).

A seguir os Irmãos se estabeleceram em São Paulo, nos colégios do Carmo, de Nossa Senhora da Glória, Arquidiocesano; no Rio de Janeiro: Internato e Externato São José; para o interior de São Paulo, em Franca e Santos; no interior de Minas Gerais: Uberaba, Varginha, Poços de Caldas e Montes Claros; no Paraná, Colégio Santa Maria que deu origem à Faculdade de Ciências e Letras, em Curitiba; em Ponta Grossa, em Londrina, em Maringá e em Cascavel. Em Santa Catarina, em Jaraguá do Sul. Depois vieram os colégios em Goiânia e Brasília. Nas últimas décadas os Irmãos se lançaram às missões em Goiás, Mato Grosso, Rondônia e Amazônia.

## **BRASIL SUL**

A segunda entrada dos Irmãos Maristas aconteceu no Sul, em Bom Princípio (RS), a 3 de agosto de 1900. Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão levou ao Superior Geral Irmão Teofânio, em 1899, o pedido da paróquia de Bom Princípio. Três Irmãos foram escolhidos para a nova missão: Weibert, Marie-Berthaire (José) e Jean-Dominici (Domingos). Em junho de 1900 saíram de Beaucamps (perto de Lille) para Paris, onde consagraram a nova obra ao Sagrado Coração de Jesus no Santuário de Montmartre.

Dias depois embarcaram em Le Havre, no navio Guaíba, da companhia Hamburguesa. Após cinco longas semanas de viagem chegaram a Porto Alegre no dia 23 de julho de 1900. No dia 2 de agosto, recepcionados em São Sebastião do Caí por um cortejo de cavaleiros, seguiram triunfalmente de carreta até Bom Princípio, onde o Pároco P.e Rudgero Stenmans e os paroquianos deram as solenes boas-vindas aos mestres. Terminados os festejos, os três Irmãos estavam na pobreza da casa. Alguns dias depois iniciavam as aulas numa sala improvisada no campanário. Aos poucos a notícia da chegada dos Irmãos foi se espalhando e os pedidos de novas fundações não paravam de chegar à Casa Geral dos Irmãos em Saint-Genis-Laval, Lyon, França. Foram surgindo colégios maristas em São Leopoldo, Garibaldi, Porto Alegre, Santa Maria, Uruguaiana, Rio Pardo, Alegrete,

Santana do Livramento, Tupanciretã, Rio Grande, Veranópolis, Guaporé, Bento Gonçalves, Vacaria, Camaquã. E sob o provincialato do Irmão Afonso fundaram-se colégios em Caçador (SC), Joaçaba (SC) e o Internato Paranaense em Curitiba.

O desenvolvimento rápido da obra marista nas primeiras décadas do século deveu-se à vinda de 178 Irmãos da Europa entre 1900 e 1913. A perseguição religiosa na França favoreceu muitos lugares que necessitavam da educação católica. De 1930 a 1960 o desenvolvimento foi se mantendo graças às numerosas vocações que afluíam de todos os recantos do Rio Grande.

## **BRASIL NORTE**

Com novos reforços vindos da França os Irmãos procuraram atender outros pedidos de bispos do Norte e Nordeste de Salvador, Maceió, Fortaleza, Recife, Natal, São Luís. A expansão marista aconteceu especialmente nas capitais, não esquecendo o interior dos estados como: Aracati (CE), Surubim (PE), Taguatinga (DF). O espírito missionário característico do Instituto levou Irmãos a Conceição de Araguaia, à fundação de Juvenópolis em Maceió, dedicada à educação de menores órfãos e abandonados, à comunidade de inserção em Propriá (SE).

Os Irmãos tiveram duas belas experiências de fundação universitária: em Fortaleza e Salvador com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a primeira incorporada à UFCE e a segunda, base da Universidade Católica da Bahia.

## **IRMÃOS MARISTAS EM PORTO ALEGRE**

Ao mesmo tempo em que os Irmãos Maristas abriram escolas no interior do Estado, na capital estabeleciam importantes posições.

Em fevereiro de 1902 o Irmão Marie-Berthaire (Ir. José) abriu, a pedido da comunidade alemã a Escola São José, que teve a presença dos Irmãos até 1924 quando passou aos Padres Jesuítas com o nome de Escola Roque González.

Outra comunidade de Irmãos colaborou com o Colégio Anchieta até 1926.

**Colégio Nossa Senhora do Rosário:** a 7 de fevereiro de 1904 os Irmãos assumiram a direção da Escola Paroquial, no bairro italiano, da Igreja Nossa Senhora do Rosário, a pedido do Pároco P.e Hipólito Costabile. As aulas funcionavam nas salas consistoriais, no piso superior da sacristia. A escola ia crescendo e pedindo mais espaço. Em 1908, foi alugada uma casa, à rua da Ponte, hoje Riachuelo. Aumentando o número de alunos os Irmãos conseguiram de Dom João Becker, os locais do Antigo Seminário, hoje Cúria Metropolitana, para instalarem todos os cursos do Ginásio Nossa Senhora do Rosário, de 1913 a 1926.

No local funcionavam as aulas do ginásio, os cursos preparatórios e a Escola Dom Sebastião, para meninos carentes, cujo acesso era pela rua do Arvoredo, hoje Fernando Machado.

Em 1926 os Irmãos receberam aviso de que seria o último ano de permanência sob as arcadas do Seminário. Conseguiram, depois de muitas fadigas e preces, dois imóveis à Av. Independência, onde construíram moderno prédio para o internato e externato.

No dia 26 de fevereiro de 1927, Dom João Becker participou da inauguração dos novos locais do Ginásio Nossa Senhora do Rosário. O educandário foi equiparado ao Colégio Dom Pedro II, paradigma de todos os ginásios estaduais juntamente com os colégios Anchieta e Sevigné (externatos) e Bom Conselho e Rosário (internatos), pelos decretos nn. 4.538 e 4.539 de 7 de julho de 1930. As aulas eram ministradas nos seguintes níveis: curso primário, curso secundário; Ginásio e Curso de Comércio. O ginásio e os prés formavam os candidatos aos cursos superiores, o curso de

Comércio formava técnicos administradores, peritos contadores dados às atividades mercantis e industriais.

Em junho de 1927 assumia a direção do Ginásio Nossa Senhora do Rosário o Irmão Afonso (Charles Désiré Joseph Herbaux) que durante sete anos havia levantado o ensino no Ginásio Santa Maria. O novo Diretor, coadjuvado por uma comunidade dinâmica de Irmãos, realizou uma série de projetos que em breve tempo colocaram o estabelecimento em primeira plana no Estado, quer no curso secundário, quer no Instituto Superior de Comércio. Os alunos finalistas, em 1930, solicitaram insistentemente ao Irmão Afonso a fundação do Curso Superior. Novamente a administração dos Irmãos Maristas atendeu ao pedido dos que queriam mais estudo, mais cultura.

### III

## IRMÃO AFONSO – O FUNDADOR

---

Os Irmãos Maristas, nas primeiras décadas do século, abriram colégios de norte a sul do Brasil atendendo aos apelos dos bispos, dos párocos e do povo. Ministravam ensino e educação a crianças e jovens das capitais dos Estados federados e das cidades menores bem como de povoados. Muitos colégios prosperaram, outros definharam e foram desativados.

Em todas as escolas estavam presentes os Irmãos Maristas, pessoas com carisma especial na direção ou na formação. Entre os muitos educadores religiosos maristas estava o Irmão Afonso cujo nome de família era Charles Désiré Joseph Herbaux. Filho de pais profundamente católicos da aldeia Quesnoy-sur-Deûle, perto de Lille, nasceu no dia 19 de agosto de 1887. Vencido o ensino primário na escola da aldeia, aos doze anos sentiu-se chamado à vida religiosa, indo para a Casa de Formação que os Irmãos Maristas dirigiam em Beaucamps onde concluiu o curso secundário em 1901. No dia 19 de março de 1903 vestiu o hábito marista, recebendo o nome de Désiré Alphonse e que no uso corrente passou a ser Afonso ou Afonso, dada sua estatura física e vigorosa personalidade.

Sobre os religiosos pesava a lei de Combes, da expulsão dos religiosos e do seqüestro dos bens das ordens e congregações, a fim de sanar as finanças da República Francesa. O irmão Afonso teve tempo de realizar os exames de “brevet”, antes de passar à Bélgica para terminar o noviciado. No dia 2 de fevereiro de 1904, após rápida despedida dos familiares, partiu para o Brasil com outros 14 Irmãos, chegando a Porto Alegre no dia 23 de maio. Em julho foi estrear o “brevet” no recém-fundado Colégio Sant’Ana, em Uruguaiana. Permaneceu na fronteira até 1906. Foram anos duros no aprendizado e prática da língua, na preparação de aulas, pesquisas e estudos

personais para ampliar os horizontes do saber. Os jovens Irmãos vinham com bagagem cultural condizente com a escola de magistério da França, na época. As escolas no Brasil abrangiam os cursos primário e secundário, exigiam dos mestres domínio da Matemática, Física, Química, Astronomia, Filosofia, História Universal e História do Brasil, além das línguas inglesa, alemã e italiana. O professor era verdadeiramente autodidata, fruto do seu esforço, da colaboração, dos coirmãos e de longas horas de estudo e pesquisa.

Em 1907 o Irmão Afonso foi designado para o Colégio Santa Maria onde realizou obra notável até dezembro de 1926. Foi professor e Diretor, marcou profundamente gerações de jovens que foram figuras representativas na vida cultural e política do Estado e do País. Citamos apenas alguns nomes: Francisco Juruena, Baltazar da Gama Barbosa, Daniel Krieger, Manoel Coelho Parreira, Fernando Ferrari.

No dia 30 de junho de 1927 assumiu a direção do Colégio Nossa Senhora do Rosário que contava então 579 alunos; ao deixá-lo em 1936, as matrículas haviam chegado a 1501.

Empreendedor, espírito clarividente, Irmão Afonso empenhou-se na municipalização e posteriormente na estadualização do colégio, internato e externato. Batalhou muito na oficialização do Curso Comercial sob o nome de Instituto Superior de Comércio. O Ginásio e o Instituto formaram plêiades de jovens que se projetaram no cenário da indústria, do comércio, das carreiras liberais, nos postos diretivos do Estado e do País.

Irmão Afonso foi o grande diretor e incentivador dos cursos de Comércio em Santa Maria e em Porto Alegre, fato que serviu de base para a fundação da primeira unidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

O espírito empreendedor e inovador do Irmão Afonso é testemunhado pelo aluno de 1926 do Ginásio Santa Maria, Francisco Juruena, fundador do Grêmio Literário Fagundes Varela: "Irmão Afonso era o nosso diretor, ao mesmo tempo lecionava Filosofia à turma do quinto ano, após o jantar,

caminhando em grupo, no pátio. Era o verdadeiro ensino como fazia o velho Sócrates nos jardins de Academo, na Grécia” (Irmão Afonso, p.35).

O testemunho do Ministro Eloy José da Rocha que conviveu e colaborou com o grande educador desde 1931, se traduziu assim: “Para mim o Irmão Afonso foi um homem de enxergar claro, de ver o ideal, de perceber soluções do problema e de grande pertinácia na execução dos seus objetivos. Uma vez traçada a linha a seguir, procurava segui-la à risca com inteligência e energia. Além do mais, sabia valorizar o esforço alheio e assim conquistava colaboradores” (Irmão Afonso, p. 160 e 163).

Dom Vicente Scherer, Cardeal de Porto Alegre, deu este testemunho: “Tive amiadados contatos com o Irmão Afonso. Todos eles fundamentaram em mim a elevada estima que tinha por ele e me confirmaram na certeza de que era um religioso de indefectível fidelidade à vocação, de um dinâmico promotor do ensino em todos os graus e pessoalmente um eminente educador”.

Humorística e verdadeira é a expressão do Prof. Elpídio Ferreira Paes no texto *Tres faciunt collegium*: Afonso, Eloy, Elpídio eram esses personagens. Afonso seria o Supervisor, Eloy, o Diretor, Elpídio, o Secretário. Ora, segundo alguns etimólogos, Afonso significa ‘nobre e diligente’, Eloy, ‘o de boa palavra’, Elpídio, ‘o que traz esperança’. Pois da união da diligência com a eloqüência e a esperança resultou a colaboração preciosa de vários professores que iniciaram essa marcha para o futuro” (40 Anos a Serviço da Cultura, p.115).

Prof Antônio César Alves, por ocasião da inauguração da herma, no Campus Universitário, a 8.12.1971, assim falou: “Irmão Afonso revelou-se operoso, diligente, renovador, entusiasta e idealista” (Anuário 1971, p.25-32).

Dom Frederico Didonet, Bispo de Rio Grande, em carta de 2.3.1983 escreveu: “Para mim Irmão Afonso, com sua figura nobre e insinuante, foi um homem de Deus, fiel aos apelos do seu tempo. Decidido e realizador, com uma santa paixão evangelizadora, nunca se acovardou diante das



dificuldades. Em todos os seus empreendimentos procurou servir à Igreja e ao mundo, fiel ao carisma do Fundador” (Irmão Afonso, p.151).

O Irmão José Ignacio Calvo Y Alonso, companheiro e colaborador dos primeiros anos na Faculdade, escreveu: “O Irmão Afonso foi um desses varões ilustres, enamorado de um ideal nobilíssimo que é a educação integral da juventude, e que conseguiu plasmar numa autêntica realidade, e num fato objetivo de incomensurável significado: a criação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, meta suprema de um longo caminhar, estrela polar de seus sonhos, *leit-motiv* de grande parte de sua existência” (Irmão Afonso, p.155).

Os depoimentos poderiam ser multiplicados às centenas, pelo que foi aqui anotado percebe-se a personalidade profundamente religiosa com o cunho marista, de grande visão, de decisões fortes e amplas para a ampliação da ciência e a cultura em todos os quadrantes das conquistas humanas. Exerceu cargos importantes no Instituto Marista, na Administração Geral, como Conselheiro e incentivador das missões de Angola e Moçambique.

Passou os últimos anos na prece e na meditação, incentivando as jovens gerações a prosseguir na trajetória palmilhada por ele. Veio a falecer no dia 10 de junho de 1970, no Hospital São Francisco, em Porto Alegre.

## IV

### FACULDADE DE CIÊNCIAS POLÍTICAS E ECONÔMICAS

---

#### EVOLUÇÃO DOS CURSOS DE COMÉRCIO

Os estabelecimentos maristas no Estado do Rio Grande do Sul se notabilizaram pelos Cursos de Comércio. Em numerosas localidades funcionavam os cursos de guarda-livros: Garibaldi, Uruguaiana, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Porto Alegre.

Em 1927 o Irmão Afonso criava o Instituto Superior de Comércio, junto ao Colégio Nossa Senhora do Rosário, sendo o primeiro curso reconhecido no sul do País, na vigência do Decreto n. 17.329 de 28 de maio de 1927, pela Portaria de 14 de abril de 1928:

*“O Ministro de Estado dos Negócios de Agricultura, Indústria e Comércio, em nome do Presidente da República RESOLVE, atendendo a que o Instituto Superior de Comércio anexo ao Ginásio N. S.a do Rosário, com sede em Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, preenche todas as exigências regulamentares, reconhecer oficialmente o curso comercial do mesmo estabelecimento de ensino, para os efeitos do disposto no Regulamento aprovado pelo Decreto n. 17.329 de 28 de maio de 1926. Rio de Janeiro, 14 de abril de 1928. (ass.) Geminiano Lira Castro.”*

O ensino comercial teve várias reformulações até a Lei n. 20.158 de 30 de junho de 1931 elaborada sob a orientação do Ministro da Educação e Saúde, Dr. Francisco Campos, em cuja exposição de motivos salienta:

“O ensino comercial, no Brasil, teve início em escolas particulares destinadas apenas à Contabilidade, e sem nenhuma influência oficial. Atendendo, por outro lado, a que a crise brasileira, em parte, tem sido por incapacidade administrativa, foi ainda criado o *Curso Superior de Administração e Finanças*, do qual será de esperar larga influência na alta

administração do País. Esse curso será também o viveiro dos professores das escolas de comércio". (Rio de Janeiro, 8 de junho de 1931)

O Instituto Superior de Comércio correspondia ao Curso de Contador de nível médio, preparação imediata ao Curso Superior de Administração e Finanças. O embasamento seguro do curso secundário preparava profissionais capazes de agirem nas empresas de indústria e comércio de todo o Estado.

## **CRIAÇÃO DO CURSO SUPERIOR DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS**

Atendendo o pedido de peritos-contadores, diplomados pelo Instituto Superior de Comércio, o Irmão Afonso resolveu criar o Curso Superior de Administração e Finanças, título dado pela legislação ao conjunto de cursos que mais tarde formariam a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas.

Vencendo dificuldades, aparentemente insuperáveis, conseguiu inaugurar o primeiro curso a 12 de março de 1931. Até 1º de abril matricularam-se doze candidatos, sendo efetivos apenas nove. É estranho como as matrículas não obedeceram à numerosa demanda...

O Curso de Administração e Finanças tinha o objetivo de exercer larga influência na alta administração do país. Vale a pena recordar o nome dos componentes do corpo docente: Irmão Afonso, Diretor; Eloy José da Rocha, Elpídio Ferreira Paes, Carlos Sacknies, Colombo Rodrigues de Lima e Ir. José Ignacio Calvo Alonso.

O corpo discente compunha-se de: Antônio Maria da Silva Filho, Arlindo Borsato, Carlos Pedro Gerlach, Ciro Menezes da Cunha, Décio Oscar Kraemer, José Schmidt, Lanes Menezes, Luís Baroni e Otávio Lund.

## INAUGURAÇÃO DA SEDE

A administração do Colégio do Rosário envidou todos os esforços para dotar a Faculdade com ambiente condizente. No dia 22 de outubro de 1933 foram inauguradas as novas instalações, à Praça Dom Sebastião, nº 86. O ato se revestiu de solenidade. Após a bênção das instalações o Diretor passou a palavra ao Prof Dr. Mem de Sá que pronunciou o discurso do qual se destacam os parágrafos:

“Sem pompas, sem galas, sem brilho, inauguramos a sede de nossa Faculdade. Que não nos preocupe, porém, a humildade sábia da nossa apresentação. Homens e religiosos, institutos e sistemas, têm isto de comum com o mistério insondável da criação: - na ínfima semente recalcada no ventre da terra, sonha o roble a glória da fronde porvindoura, ao estábulo da Galiléia, na luz de uns olhos de criança, refulge a Fé que redime o mundo; da choupana perdida do Monte Albano, brota o gênio de um Leonardo, que de si mesmo, soube dizer: ‘Glória eterna ao ninho em que nasceste’.

“Obscuros e humildes, tenhamos o arrojo de encarar de frente a trilha longa, animados de coragem obstinada dos que crêem, elevemos os olhos para o alvo ideal de nossas possibilidades, sem outro arrimo que o de nossa vontade, outro móvel que o do saber, outra recompensa que o bem da pátria e a graça de Deus.

“Se alto é o destino, sólido o alicerce em que assentamos. Somos a coroação de uma companhia de luz e de verdade. Há trinta anos chegava ao Rio Grande a nova bandeira que a Fé enviara a desbravar o sertão bruto da ignorância brasileira. Eram três bandeirantes e, um deles, patriarca da instrução rio-grandense, ainda hoje aqui está, vivendo a velhice venerada dos Justos e dos Sábios.

“Em três décadas domaram a terra, cruzaram o solo, espargindo letras como quem espalha sementes, a cada passo, uma escola surgia; a cada palavra emergia um homem da treva para o sol do alfabeto.

“Hoje, trinta anos depois, sete são os Ginásios que se erguem de suas mãos, como focos de irradiação onde os pequenos brasileiros se fazem homens para a grandeza do Brasil. Oito os cursos de comércio, disseminados como marcos de um roteiro sem fim, e outros tantos os núcleos para a instrução primária gratuita que os Maristas difundem a mãos cheias, como pródigos em delírio. Seis mil e oitocentos rio-grandenses, só no ano corrente, vão dia por dia às aulas, aprender para a Pátria.

“Eis o sonho realizado, o ideal feito corpo, como o bronze torna verdade a inspiração da arte. Nesta realidade assentamos nós. A Faculdade que hoje sai à luz, constitui a coroa suprema, o capitel de ouro da coluna que os Maristas levantam há trinta anos para o culto de Deus, em bem do Brasil. Nascemos com a vitória!”.

As palavras de Mem de Sá têm força de profecia quando se refere ao “alto destino, sólido o alicerce em que assentamos”.

No decorrer de 1933, a Faculdade, com o seu terceiro ano em funcionamento, em maio recebeu a aprovação do Ministério de Educação, gozando, como os restantes cursos do Instituto, de reconhecimento oficial.

O Instituto é o primeiro no Estado do Rio Grande do Sul a completar seus cursos pela criação da Faculdade prevista e regulamentada pelo Decreto n. 20.158 de junho de 1931.

## **RECONHECIMENTO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS POLÍTICAS E ECONÔMICAS**

Em novembro de 1933, Victor Vianna, Superintendente do Ensino Comercial, solicitou ao Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, o reconhecimento por decreto da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas. Na exposição de motivos dirigida ao Ministro da Educação e Saúde, Dr. Francisco Campos, mostra a vida regular e efetiva da Instituição desde a inauguração em março de 1931, as excelentes condições de

funcionamento, fazendo jus ao Decreto de reconhecimento que veio sob o n. 23.993 de 12 de março de 1934.

Eis o Decreto n. 23.993 de 12 de março de 1934:

*“O Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, usando das atribuições que lhe confere o art. 1º do decreto n. 19.398 de 11 de novembro de 1930, e atendendo ao que propõe o Conselho Nacional de Educação, no desempenho das atribuições que lhe são outorgadas pela legislação do ensino vigente,*

**RESOLVE:**

*Art. 1º - À Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, fica conferido o reconhecimento oficial do Curso Superior de Administração e Finanças, nos termos do decreto n. 20.158, de 30 de junho de 1931.*

*Art. 2º - O presente decreto entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.*

*Rio de Janeiro, 12 de março de 1934, 113º da Independência e 46º da República.*

*(Ass.) Getúlio Vargas  
Washington F. Pires”*

## **COLAÇÃO DE GRAU DA PRIMEIRA TURMA**

È interessante transcrever a notícia veiculada pelo Correio do Povo no dia seguinte à formatura dos bacharéis em Ciências Econômicas, 18 de julho de 1934:

“Já é bastante conhecida em nosso Estado a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas desta capital, que tem sede à Praça da Conceição, e que esteve, até há pouco tempo, anexa ao Ginásio N. S.a do Rosário. Ontem, no salão nobre da Biblioteca Pública, especialmente cedido para este fim, teve lugar a colação de grau da primeira turma de bacharéis dessa nova Faculdade, tendo ficado assim memorável aquela data para a nossa capital,

pois não é somente a primeira turma daquela Faculdade, como a primeira que se forma, no Brasil, em Ciências Políticas e Econômicas.

“Para presidir a esse ato, foi convidado dos bacharéis o General Flores da Cunha, Interventor Federal, que por estar ausente, fez-se representar pelo Dr. João Carlos Machado, Secretário do Interior.

“A turma é composta dos seguintes moços: Antonio Maria da Silva Filho, Carlos Pedro Gerlach, Arlindo Borsato, Cyro Menezes, João Schmidt Filho, Luiz Guilherme Baroni, Décio Oscar Kraemer, Lanes Menezes e José Pinheiro Dias.

“Tomaram assento à mesa o Dr. João Carlos Machado, que presidia a solenidade, e estava ladeado pelo Dr. Lúcio José dos Santos, diretor da escola de Minas, em Ouro Preto; os representantes do Sr. Arcebispo Metropolitano, do Comandante da Região, do Prefeito Municipal e demais autoridades, nosso colega Arlindo Ramos, o Reitor do Ginásio N. S.a do Rosário e o secretário do mesmo.

“O Dr. Eloy da Rocha declarou aberta a sessão, dando a palavra ao Dr. João Carlos Machado, que agradeceu em nome do Gen. Flores da Cunha a deferência da turma escolhendo-o como paraninfo, e dizendo sentir-se honrado com a distinção que lhe fora conferida, pois era motivo de orgulho ter merecido aquela especial atenção.

“Dando a palavra ao secretário da mesa, foi por este lida a ata da formatura dos novos bacharéis, terminada a qual, o Dr. João Carlos Machado começou a fazer a entrega dos competentes diplomas aos bacharéis que, ao recebê-los, prestaram o juramento.

“Cada bacharel, ao terminar o juramento, era recebido por uma salva de palmas do seletor público que enchia o salão nobre da Biblioteca”.

Terminada a cerimônia, fez uso da palavra o orador da turma, Antônio Maria da Silva Filho. Em seguida, o Dr. João Carlos Machado, Secretário do Interior e representante do Interventor Gen. Flores da Cunha, congratulou-se com os novos bacharéis e suas famílias. O Prof. Dr. Eloy José da Rocha,

Diretor da Faculdade, agradeceu a presença dos convidados, deu os parabéns aos bacharéis da primeira turma e às famílias, e encerrou a sessão.

O corpo docente da Faculdade era formado por 16 professores, sendo 11 bacharéis e 3 Irmãos Maristas e 2 contadores, sob a direção do Prof. Dr. Eloy José da Rocha que substituiu o Irmão Afonso a partir de março de 1933.

Os alunos estavam satisfeitos com o desempenho dos mestres. Nos últimos meses foram chamados a altas funções dois professores: Dr. Vicente Marques Santiago, para a comissão de redação do projeto da Constituição Estadual, e o Dr. Salomão Pires de Abrahão, para o cargo de procurador regional do Tribunal Eleitoral.

A congregação da Faculdade decidiu, atendendo pedido de alunos do curso Técnico de Perito Contador, criar o Curso de Estudos Políticos, de dois anos. Foram convidados a lecionar profissionais de incontestável valor: Dr. Félix Contreiras Rodrigues, conhecido sociólogo e diretor do Banco do Rio Grande do Sul, Dr. Armando Pereira da Câmara, Dr. Breno Pinto Ribeiro e Dr. José Pereira Coelho de Souza. As disciplinas do currículo: Direito Político, Sociologia e Política, História das Doutrinas Sociais e Políticas, Questões Sociais e Políticas Contemporâneas, Sociologia e Política Brasileiras. Lamentavelmente o curso tão bem planejado não chegou a funcionar, por razões político-econômicas.

O interesse dos alunos pelo Curso de Economia aumentava ano após ano, em 1934 havia 78 alunos matriculados. Os estudantes resolveram fundar o Centro de Estudos Sociais para debate dos problemas econômicos e políticos.

Os cursos de 1935 foram marcados pelo Centenário da Revolução Farroupilha.

No início do ano houve a despedida do Prof Dr. Carlos Thompson Flores Neto, eleito deputado federal classista pelos funcionários públicos. A formatura, com autorização do Ministério de Educação, foi realizada no dia 25 de setembro, como parte dos festejos do Centenário Farroupilha, teve 17



bacharéis. Foi paraninfo o Dr. Félix Contreiras Rodrigues e orador da turma, o bacharel Olintho Sanmartin que mais tarde foi membro da Academia Riograndense de Letras.

Em 1935, a 22 de dezembro, registrou-se com grande pesar o falecimento do Dr. Luiz Coelho da Silva, com 53 anos de idade. Foi durante largos anos fiscal federal dos estabelecimentos de Ensino Comercial, inclusive da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas. A ele se deveu o extraordinário desenvolvimento e aceitação que teve o ensino comercial no Rio Grande do Sul, em mais de 15 escolas ou institutos supervisionados por seu zelo e devotamento.

As matrículas de 1935 subiram para 106 alunos, sendo 58 do 1º, 28 do 2º e 20 do 3º ano.

Em 1936 o Irmão Afonso foi designado, pelo Conselho Geral do Instituto dos Irmãos Maristas, Superior da Província do Brasil Meridional. Dessa forma foi coagido a abandonar as funções no Colégio N. S.a do Rosário, no Curso Técnico de Perito Contador e na Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas. Apesar dos muitos trabalhos do novo cargo, continuou a orientar e a estimular as atividades do ensino universitário. Por ocasião de sua despedida em julho foi alvo de significativa e comovente homenagem.

O ano de 1937 registrou o fato da primeira defesa de tese de Doutorado em Ciências Políticas e Econômicas do sul do Brasil, pelo bacharel Afonso Suermann, no dia 15 de janeiro. A banca examinadora, escolhida pela Congregação da Faculdade, esteve constituída pelos professores catedráticos: Dr. Eloy José da Rocha (presidente), Dr. Mem de Sá, Dr. Francisco Juruena, Dr. Salomão Pires Abrahão, Dr. Afonso Sanmartin, Dr. Elpídio Ferreira Paes e os Irmãos Gabriel Victor e Estanislau. A tese sobre *Problema Residencial das Classes Operárias no Brasil* foi debatida pelos examinadores, sendo o candidato aprovado plenamente. Inaugurou dessa maneira a galeria dos Doutores da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas.

Na turma dos bacharéis de 1937 encontra-se Salomón Torrecilla Vesga (Irmão Faustino João), primeiro Irmão Marista a receber o título da novel Faculdade.

Em 1938 começou a publicação dos ANAIS da Faculdade com três partes: Doutrina, Relatório do ano letivo, e Promoções e Habilitações. Tudo isso constitui um documentário de vital importância.

No fim do ano, os professores, membros da Congregação, elegeram o Prof. Dr. Francisco Juruena, Diretor da Faculdade cujo mandato começou em janeiro de 1939. De 1933 a fins de 1938 regera os destinos da Faculdade o prof Dr. Eloy José da Rocha.

Em 1942 assumiu a Direção da Faculdade o Dr. Salomão Pires Abrahão, Dr. Gastão Loureiro Chaves continuava fiscal federal, o secretário passou a ser o Dr. Sylvio Ferreira Paes, cargo ocupado anteriormente pelo Prof. Dr. Elpídio Ferreira Paes.

O corpo docente era formado pelos professores: Dr. Francisco Juruena, Dr. Eloy José da Rocha, Dr. Ney Crisóstomo da Costa, Dr. Ary Jobim Meirelles, Dr. Dario Bittencourt, Irmão Gabriel Victor, Dr. Alcides Flores Soares, Engº Leovegildo Paiva, Dr. Ney Wiedemann, Dr. Mem de Sá, Dr. Djalma Cardia, Dr. Manoel Bento Fernandes, Dr. Antonio César Alves, Engº Ir. José Otão, Dr. Oswaldo Ehlers, Ir. Estanislau e Des. Celso Afonso Pereira.

Realizou-se importante concurso de provimento de vagas no dia 28 de agosto. As provas tiveram a presença do Diretor Prof. Salomão Pires Abrahão, do Inspetor Federal Dr. Gastão Loureiro Chaves e respectivas bancas examinadoras, sendo secretário *ad hoc* Lourenço Giolo.

Foram classificados os professores nas respectivas cátedras: de Direito Constitucional e Civil - Dr. Antonio César Alves; de Contabilidade Industrial e Agrícola - Dr. Florentino Nehms; de História do Comércio, Indústria e Agricultura - Dr. Abel Tavares dos Santos; de Estatística - Irmão Faustino João, e de Economia Política - Irmão Faustino João.

## INFAUSTO ACONTECIMENTO

No dia 27 de março de 1943, a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas ficou profundamente sacudida com a tragédia que vitimou o Diretor Prof. Dr. Salomão Pires Abrahão, figura brilhante na vida pública e colaborador destemido das iniciativas do ensino universitário.

Em sentida homenagem póstuma assim falou o Prof. Dario Bittencourt:

“O Prof. Salomão Pires Abrahão, natural desta capital, fez o curso secundário no Ginásio Nossa Senhora do Rosário e, por suas qualidades, ascendeu ao ambicionado posto de comandante do batalhão escolar que, nos dias feriados, garbosamente soía desfilar pelas ruas citadinas; efetivou matrícula, a seguir, na nossa Faculdade de Direito, concluindo o curso em 1926.

“Antes, no entretanto, de receber o grau de bacharel, já se iniciava na judicatura, servindo no Juizado Municipal de Dom Pedrito em 1924 e 25 e como Adjunto do Promotor de Justiça Militar da 1ª Auditoria de Porto Alegre de 1926 a 34.

“Criada a efêmera Justiça Eleitoral, serviu como Procurador Regional Eleitoral deste Estado de 1934 a 1937.

“Com notável pendor para o magistério, foi professor do Colégio Militar de Porto Alegre de 1935 a 37, catedrático desta Faculdade de 1934 a 43 e catedrático interino da Faculdade de Direito de nossa Universidade de 1938 a 43. Inscrito em concurso para Professor catedrático de Direito Penal, apresentou interessantíssima monografia sobre o discutido e oportuno tema “Da necessidade dos Patronatos para os egressos das prisões”, não chegando sequer a defender tese, em virtude de haver sucumbido, em lancinante tragédia que comoveu não apenas a metrópole gaúcha, mas também todo o Estado e mesmo o país.

“A tese escrita pelo Prof. Pires Abrahão é um trabalho original, em que, após passar em revista quanto já se escreveu sobre o assunto e confortar

suas palavras com dados estatísticos extraídos dos prontuários criminais de vários Estados brasileiros, inclusive o nosso, chega à conclusão de serem necessários os patronatos para os liberados, egressos definitivos, liberados e, mesmo desocupados, como única tábua de salvação em meio da miséria e das privações em que se encontram.

“O labor jurídico do extinto Professor de Direito, a quem hoje postumamente se homenageia, não foi fruto de mera improvisação e, sim, ao revés, obra de observação diuturna, à luz da Legislação, da Doutrina e da Jurisprudência, dos povos cultos.

“Mas aí não estancou a castália produtiva, na seara jurídica, do pranteado Professor: entusiasta e enamorado da sua disciplina, não se limitava, apenas, a prelecionar seus alunos, em aulas soporíferas; ao contrário, procurando interessá-los, sempre e cada vez mais, deliberou um dia, mesmo com sacrifício pecuniário, elaborar os pontos regulamentares sob forma esquemática, fazendo-os imprimir em 1941 sob a modesta epígrafe de “Rudimentos de Direito Penal”.

“Se certo é que, pela simples falange de um animal antediluviano, conseguir-se-á hoje em dia reconstituir toda a gigantesca estrutura do desconhecido monstro, assim também, pelos pontos esquematizados e impressos, poderá alguém entendido na matéria, aquilatar dos profundos cabedais de cultura e das imensas reservas acumuladas de conhecimento, no âmbito da Ciência Penológica, de que era possuidor o saudoso Prof. Pires Abrahão.

“Como Catedrático desta Faculdade, o Prof. Abrahão deixou também um traço inapagável e, à testa da Direção da mesma, procurou imprimir-lhe (seguindo aliás a sábia orientação de seu antecessor e atual sucessor, Prof. Francisco Juruema), procurou imprimir-lhe um cunho mais consentâneo com as realidades da época, renovando o Corpo Docente e atribuindo a especialistas o acesso às cátedras vagas. Sob a direção do pranteado extinto, foi tal o renome merecidamente granjeado pela nossa Faculdade que, como

conseqüência, mais de meio milhar de alunos efetivou, no ano passado, matrícula - número esse que ainda mais avultou no ano em curso.”

O Prof. Francisco Juruena foi reeleito pela Congregação a fim de completar o mandato do falecido. O ano de 1944 mostrou significativo acréscimo nas matrículas: 1º ano - 53; 2º ano - 75 e 3º ano - 62, total de 190 alunos.

## **DOCTOR HONORIS CAUSA**

O Prof. Oswaldo Ehlers, docente desde 1934, ministrou a cadeira de *Contabilidade de Transportes* ininterruptamente na Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas de Porto Alegre e a partir de 1942, na Faculdade de Economia e Administração da Universidade de Porto Alegre. Professor clarividente e perseverante estudioso dos temas ligados à cátedra conquistou a amizade e admiração dos discípulos e dos colegas. Durante vinte e cinco anos exerceu as funções de Chefe da Contabilidade Geral da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Os alunos tomaram a iniciativa de homenagear o mestre com o título de “Doctor Honoris Causa” em ciências econômicas. A esse movimento se associaram os professores e a Sociedade de Economia do Estado. A Congregação da Faculdade em reunião especial resolveu conceder o título de “Doctor Honoris Causa” ao Prof. Oswaldo Ehlers. A sessão solene presidida pelo Diretor Prof. Dr. Francisco Juruena teve a presença das autoridades universitárias, civis, eclesiásticas e da Sociedade de Economia. O discurso foi pronunciado pelo Dr. Luiz Siegmann que teceu um retrato fiel da personalidade e das atividades docentes e administrativas do primeiro “Doctor Honoris Causa” da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas.

## FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS

Despertou vivo interesse, entre os bacharéis da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, a fundação, em 16 de novembro de 1945, da Associação dos Ex-alunos.

Os trabalhos preparatórios estiveram a cargo dos ex-alunos: Dr. Arnaldo Ren, João W. Campana, Lírio Generali e Ciro Flores Vargas, com a valiosa colaboração dos Irmãos Maristas.

Em assembléia geral, presidida pelo Prof Francisco Juruena, Diretor da Faculdade, foram realizados os atos necessários: leitura, discussão e aprovação dos estatutos. A seguir foi eleita a diretoria assim constituída:

Presidente:	Dr. Arnaldo Ren
Vice-Presidente:	Dr. João W. Campana
1° Secretário:	Dr. Lodovino Comerlato
2° Secretário:	Dr. Ciro Flores Vargas
1° Tesoureiro:	Dr. Milton Geidel
2° Tesoureiro:	Dr. Nilo Wulff
Conselho Fiscal:	Dr. Ir. Faustino João, Dr. Sven Schultz e Dr. Florentino Nehms.

O Dr. Lírio Generali traduziu em vibrante discurso as finalidades da Associação dos Ex-alunos da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas.

## **CÁTEDRA DE ECONOMIA POLÍTICA “ABRAMO EBERLE”**

A sociedade mantenedora da Faculdade, União Sul Brasileira de Educação e Ensino, promoveu uma campanha para angariar fundos a fim de poder ampliar as áreas do ensino universitário com a perseverante melhoria de qualidade. Concebeu-se o plano de criação de fundadores de cátedras acadêmicas. A família Eberle aderiu ao plano e assim ficou estabelecida a Cátedra de Economia Política Abramo Eberle, como homenagem ao grande industrialista de Caxias do Sul. O ato realizado a 18 de maio de 1946 consistiu na doação de cem mil cruzeiros, na inauguração de placa de bronze no saguão. O Dr. Zatti Oliva proferiu o discurso em nome da família Abramo Eberle.

### **DESDOBRAMENTO DOS CURSOS**

Em 1946, de conformidade com o Decreto nº 7978 de 22 de setembro de 1945, passaram a funcionar em nível superior os cursos de Ciências Econômicas, e de Ciências Contábeis e Atuariais. Deixava de receber matrículas o Curso de Administração e Finanças. Ciências Econômicas no 1º ano teve 63, ao passo que

Ciências Contábeis e Atuariais apenas 6 matrículas.

### **VISITAS HONROSAS**

No dia 24 de fevereiro de 1947, Dom Carlo Chiarlo, Núncio Apostólico da Santa Sé, no Brasil, recepcionado pelo corpo docente das Faculdades de Ciências Políticas e Econômicas, Filosofia, Ciências e Letras e Faculdade de Serviço Social, foi saudado pelo Prof Dr. Armando Pereira da Câmara.

O Irmão Leônidas, Superior Geral dos Irmãos Maristas, em 9 de fevereiro de 1948 realizou uma visita às Faculdades e suas dependências. Na

ocasião foi saudado pelo Prof. Dr. Armando Dias de Azevedo, Reitor interino da Universidade Católica de Porto Alegre.

## **CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE PORTO ALEGRE**

Na década de 1930 fervilhavam os espíritos em busca da renovação científica, cultural e tecnológica no Brasil, por meio das universidades.

Havia escolas e faculdades isoladas mantidas pelo governo federal, pelo governo estadual ou por particulares. Não existia, porém, a *alma máter* da ciência e da cultura, a Universidade.

Em 1934, o chefe do Governo do Estado, sensibilizado e motivado pela idéia da fundação de uma Universidade, o Interventor Federal Gen. José Antônio Flores da Cunha nomeou uma comissão especial para tal fim. Foi assim constituída de professores representantes da Escola de Engenharia - Ary de Abreu Lima e Egydio Hervé; da Faculdade de Direito - Francisco Rodolfo Simch e Leonardo Macedonia; e da Faculdade de Medicina - Luiz Francisco Guerra Blessmann e Martim Gomes.

Mozart Pereira Soares e Pery Pinto Diniz da Silva, em *Memória da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1934-1964*, registram vários pedidos de Faculdades e Escolas para serem incorporadas à Universidade, mas em obediência ao critério seguido, não foram atendidos. Também não julgou oportuno, por insuficiência de recursos, incluir na Universidade a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, da União Sul Brasileira de Educação e Ensino, apesar de já estar o seu Curso Superior de Administração e Finanças reconhecido. (Memória p. 41)

A Universidade de Porto Alegre foi criada pelo Decreto Estadual n.º 5.758 de 28 de novembro de 1934.

O Irmão Afonso, liderando um grupo de professores, ofereceu à Comissão que estruturava a Universidade de Porto Alegre a inclusão no projeto a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas e a Faculdade de Educação, Ciências e Letras.



O Prof Eloy José da Rocha, Diretor da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, enviou ao Interventor Federal Gen. José Antônio Flores da Cunha o ofício n.º 23 de 1934:

“Agradecendo a gentileza do convite que V. Ex.<sup>a</sup> enviou à Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas de Porto Alegre, tenho a honra de Comunicar a Vossa Excelência que foram designados para representar esta Faculdade junto à Comissão a cujo cargo está o estudo da organização universitária rio-grandense os lentes Dr. Carlos Thompson Flores Neto e Vicente Marques Santiago.

“Com as homenagens de profundo respeito e excelso apreço, subscrevo-me, de Vossa Excelência

*(ass.) Patrício Atento*

*Eloy José da Rocha – Diretor*

*Porto Alegre, 9 de junho de 1934”.*

Idêntico pedido foi enviado ao Dr. João Carlos Machado, Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Presidente da Comissão.

Posteriormente, é relatado em *Memória*, a Constituição do Estado alterou o nome da Universidade de Porto Alegre para Universidade do Rio Grande do Sul, visando à incorporação das Faculdades de Direito e de Odontologia, de Pelotas, e da Faculdade de Farmácia de Santa Maria. Quanto à Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, também foi aprovado pelo Conselho Universitário projeto de fusão do estabelecimento dos Irmãos Maristas e da Escola Superior de Comércio anexa à Faculdade de Direito. Não chegou, entretanto, a ser convertido em lei, em virtude das modificações constitucionais de 1937. (*Memória* p. 41)

Em vista da recusa da Comissão organizadora da futura Universidade, o Irmão Afonso enviou ao Gen. Flores da Cunha este ofício:

*“Porto Alegre, 8 de setembro de 1934. Apresento-vos os meus respeitosos cumprimentos. Informações fidedignas me asseguram que a*

*Comissão encarregada de organizar o Estatuto da futura Universidade rio-grandense, da qual foram excluídos os dois membros cuja nomeação fora solicitada ao diretor da nossa Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, acaba de terminar os seus trabalhos, devendo apresentar-vos o seu relatório. Seria excluída a nossa Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, reconhecida pelo Governo Federal, para deixar entrar a Escola de Comércio anexa à Faculdade de Direito, cujo curso técnico tem apenas fiscalização preliminar. Diante de tão clamorosa injustiça, permita que eu venha apresentar o meu veemente protesto. A vós, Excelentíssimo General, que sois nesta terra o paladino da justiça, reclamo, e comigo os lentes e os 180 alunos da nossa Faculdade, reclamamos um exame mais detido da situação. A todos os titulares, assiste-nos o direito de ver a nossa Faculdade, fruto de cinco longos anos de esforços, incorporada no organismo universitário.*

*“Os Irmãos Maristas vos devem, Excelentíssimo Senhor, favores sem número. Bem sabeis que sempre podereis contar com o seu humilde concurso. Hoje, por minha voz, eles vos pedem um pouco de justiça e esperam obtê-lo do vosso generoso coração.*

*“Subscrevo-me com respeitosa consideração de V. Ex.<sup>a</sup>*

*humilde servo,*

*(ass.) Irmão Afonso”*

Analisando hoje, 60 anos depois, esses acontecimentos, achamos providencial não ter sido incluída a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas e não ter sido acolhida a sugestão de criar a Faculdade de Educação na Universidade. Entretanto, está explícita a vontade do Irmão Afonso e colaboradores da primeira hora de que as Faculdades se constituíssem em Universidade.

## **ATIVIDADES DOS ALUNOS**

### **Centro Acadêmico**

A partir de 1932 os alunos da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas criaram o Diretório Acadêmico, também chamado Centro.

As atividades sociais dos acadêmicos eram organizadas pelo Centro, participação de eventos culturais na Capital, no Estado e no País.

A vida social era intensa numa cidade em que os estudantes universitários eram relativamente pouco numerosos. Os Anais de 1937 registraram diversas participações dos acadêmicos na vida cultural da Capital e do Estado. Era presidente do Centro, Sandro Ribeiro, auxiliado pelo vice-presidente Abel Tavares dos Santos e os secretários Wilson Sachini e Artur Ulrich.

O Diretório organizou um concurso de temas de Cultura que tiveram teses de valor. Para julgamento dos trabalhos colaboraram os professores: Mem de Sá, Elpídio Ferreira Paes e Osvaldo Ehlers. A classificação foi a seguinte:

1º lugar - A máquina na produção, de Bruno Reichel.

2º lugar - A economia dirigida e o ensino da Igreja, de Salomão Torrecilla.

3º lugar - Estudo sobre a desigualdade econômica, de José Campos.

No dia 7 de dezembro, em sessão solene, foram entregues os prêmios pelo diretor cultural acadêmico Rui Madrid.

Faziam ainda parte da diretoria os acadêmicos Clovis Cidade, 1º tesoureiro; Marino Schultz, diretor social; e Diamantino Menezes, diretor esportivo. A comissão de contas era formada por Florentino Nehms e Nelson Maehry.

Em 1938 o Diretório Acadêmico teve intensa atividade sob a presidência de Abel Tavares dos Santos auxiliado pelos colegas Clovis Roth Cidade e Artur Albite Ulrich.

Em 1939 o Diretório Acadêmico teve a presidência de Pedro Araujo.

Em 1940 o Diretório Acadêmico realizou numerosas atividades sob a presidência de Artur Albite Ulrich.

Os bacharéis em Ciências Econômicas criaram uma entidade sob o nome de Instituto de Ciências Econômicas tendo à sua frente o Dr. José Bellobon, decano-presidente.

O Instituto publicava um órgão de propaganda e defesa dos interesses da classe intitulado ICE.

Os alunos do 1º ano da Faculdade excursionaram a Santa Maria de 6 a 11 de novembro, por ocasião da III Exposição de animais e produtos derivados.

O Centro Acadêmico, por seu departamento de esportes, participou da 1ª Olimpíada Universitária Rio-grandense; prevista para maio, foi transferida para 13 de novembro no novo estádio do Esporte Clube Cruzeiro.

Em 1942 os bacharelados, ora em pequenos ora em grupos maiores, realizaram visitas de estudos a Caxias do Sul, a Salvador da Bahia, a São Paulo e ao Rio de Janeiro.

## **Congresso da U.E.E.**

O Centro Acadêmico esteve presente no Congresso da União Estadual dos Estudantes, na pessoa do bacharelado Arno Welsch, a 6 de novembro. Apresentou a comunicação sobre a organização da Secretaria de estudos econômicos da U.E.E.

No dia 16 de novembro o Diretório Acadêmico passou a denominar-se Centro Acadêmico Visconde de Mauá, em homenagem ao ilustre brasileiro. A Diretoria do Centro Acadêmico esteve assim constituída: Presidente, Arno Welsch; vice-presidente, Egídio Prato; 1º secretário, Walter Paldes Valério; 2º

secretário, Roberto G. Oliveira; 1º tesoureiro, Orlando F. Philomena; 2º tesoureiro, Alberto Zanardi; diretor social, Leocádio A. Antunes; diretor desportivo, Lírio Generali; diretor cultural, Luiz Alberto Cibils; comissão de contas: Ernesto Keller, Marcelo Genta e Marbri Lenzi.

### **C.P.O.R. de Intendência**

Os alunos da Faculdade requereram ao Gen. Valentim Benício da Silva a criação do C.P.O.R. de Intendência. O pedido foi atendido a 30 de novembro de 1942, quando foi constituída a primeira turma com a presença em sua maioria de alunos da Faculdade.

Em 1943 o Centro Acadêmico Visconde de Mauá teve a diretoria: Presidente, João Pedro dos Santos; vice-presidente, Hilário Giacobbo Zortéa; 1º secretário, Manoel Francisco Lopes Meirelles; 2º secretário, Fernando Ferrari; 1º tesoureiro, Garibaldi Barreto; 2º tesoureiro, João Martins de Andrade; diretor cultural, Leo Giron; diretor social, Mario Cardoso Jarros; presidente da associação desportiva, Lírio Generali; comissão de contas: Ernesto Keller Filho, Alfredo Zetler e Paulino Bellomo Filho.

O Centro Acadêmico filiou-se à Federação dos Estudantes das Escolas Superiores Livres de Porto Alegre (FELPA) e conseqüentemente à União Estadual dos Estudantes e União Nacional dos Estudantes.

O Centro Acadêmico organizou a primeira Cooperativa Acadêmica do Rio Grande do Sul para aquisição e venda de livros aos associados.

Os bacharelados realizaram em julho uma viagem de estudos aos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal.

O Centro Acadêmico Visconde de Mauá teve a Diretoria de 1944 assim consituída: Presidente, Manoel Francisco Lopes Meireles; vice-presidente, Orlando da Frota Philomena; secretário geral, Ermano José Weber; vice-secretário, Paulino Belomo Filho; tesoureiro geral, Assis Dias Ferreira; vice-tesoureiro, Alfredo Schwartz; diretor cultural, Fernando Ferrari; diretor social, Mario Cardoso Jarros; presidente da associação desportiva,

Remo José Bísio; comissão de contas: Armando José Dias, Francisco Assis de Oliveira e Ernesto Walter Albrecht.

A CEPAL (Cooperativa dos estudantes de Porto Alegre), estruturada pelos acadêmicos José Monserrat, José Zamprogna e Pedro José Lahude, exerceu grande atividade em prol dos estudantes.

Em 1945 o Centro Acadêmico Visconde de Mauá teve a Diretoria: Presidente, Manoel Francisco Lopes Meireles (reeleito); vice-presidente, José de Farias; secretário geral, Ermano José Weber (reeleito); vice-secretário, José Rubens de Farias Cidade; tesoureiro geral, Dante Cardoso Jarros; vice-tesoureiro, Elias Azmus; diretor cultural, Guido Mondin; diretor social, Ernesto Walter Albrecht; presidente da associação desportiva, Hermenegildo Machado; comissão de contas: Armando José Dias (reeleito), Osmar Toniuzzi e José Plácido Severo Júnior.

### **Nova Sede do Centro**

A Direção da Faculdade, atendendo o pedido dos alunos, destinou ao Centro Acadêmico nova sala com amplo espaço para as instalações dos serviços do CAVM.

### **Excursão a Uruguaiana**

A embaixada acadêmica Visconde de Mauá conseguiu ir a Uruguaiana por ocasião dos festejos da inauguração da ponte internacional entre a Argentina e o Brasil.

### **Embaixada Acadêmica Visconde de Mauá**

Com o patrocínio do Centro Acadêmico e com o apoio financeiro de numerosas firmas comerciais, visitou as repúblicas do Prata, em viagem de

estudos, a caravana Visconde de Mauá, chefiada pelo Prof. Dr. Dario Bittencourt.

Os acadêmicos se notabilizaram nos esportes, recebendo vários prêmios em atletismo, remo, vólibol, tênis, xadrez, basquete e futebol.

Em 1949 o Diretório Acadêmico era assim constituído: Presidente, Enio Aveline da Rocha; vice-presidente, Murilo Cabral de Lima; 1º secretário, Bruno Germano Breustet; 2º secretário, Victor Raimundo Verdi; 1º tesoureiro, Henrique Ivo Deppermann; 2º tesoureiro, Helio Antonio Arenhardt; diretor social, Egmar H. Santana de Moraes; diretor cultural, Otacílio Moura Escobar; comissão de contas: Selmy Scherer, Jayme Adriano Farina, José Carlos Bohne e Antonio Centeno Divan.

## V

# FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

---

## ANTECEDENTES

No Rio Grande do Sul do fim do século XIX imperava a doutrina positivista de Augusto Comte nas escolas e na vida política marcada por Júlio de Castilhos. O positivismo era cultivado na Escola Militar, na Escola Livre de Farmácia e Química Industrial a partir de 1895, na Escola de Engenharia, fundada em 1896 e na Faculdade de Direito surgida em 1900. Além do ensino a influência positivista se exercia pela leitura dos livros *Pelo Futuro*, de Alcides Maya, em 1897, e de *Opúsculos de Filosofia Social*, de Augusto Comte, em tradução e prefácio de Dinarte Ribeiro.

Ao lado da corrente positivista salientava-se o pensamento spencerista com o seu mentor Karl von Koseritz, no livro *A Terra e o Homem à luz da moderna ciência*, em que expunha a doutrina evolucionista. Graciano Alves de Azambuja, em 1891, publicava *Lições de Filosofia Elementar*, considerado por Sílvio Romero e Carlos Maximiano como o único tratado de filosofia moderna, aparecido no Brasil até 1897.

Luiz Osvaldo Leite no artigo sobre “A Filosofia Rio-grandense na década 1880-1890” salienta o surgimento da corrente néo-escolástica nos seminários e alguns colégios católicos em obediência à orientação do Papa Leão XIII, em sua *Encíclica Aeterni Patris*, de 4 de agosto de 1879, que exortava os filósofos cristãos a voltarem ao estudo dos grandes mestres da Escolástica.

Os Jesuítas foram os paladinos da néo-escolástica junto com os Padres Palotinos e os Freis Capuchinhos.



O Colégio Conceição de São Leopoldo, fundado em 1869, abrigou de 1870 a 1890 um Curso de Teologia além de ter no currículo Filosofia e Lógica. Muito importante foi o livro do P.e Gustavo Locher, escrito no Ginásio Gonzaga de Pelotas e publicado em São Paulo em 1898 sob o título *Vade-Mecum Filosófico*. O jovem Alcides Maya, relata Luís Osvaldo Leite, atacou com 17 contundentes artigos no jornal “A República”, o *Vade Mecum*, em 1898. Dentre os mestres do Seminário dos Capuchinhos em Garibaldi e Porto Alegre sobressai a personalidade do Frei Pacífico de Bellavaux.

O P.e Werner von und zur Mühlen continuou o apostolado da neo-escolástica entre os ex-alunos do Colégio Conceição e do Anchieta, com entrevistas, aulas, conferências. A ação e a personalidade do Padre Werner foram assim caracterizadas:

“Em tudo o seu hábito de pensar, falar, agir e tratar os homens e as cousas traduzia a herança aristocrática de sua família. Na aula era claro, breve, sério, severo, exigente, fruto da firmeza e fidelidade a si próprio” (P.e Balduino Rambo, Revista *Estudos* n° 1). Armando Dias de Azevedo assim se refere ao mestre: “Sábio como poucos, conhecia os meandros da Filosofia e da Teologia, das línguas latina, grega, hebraica e francesa” (*Estudos* n° 2). Em seu apostolado usou três meios: uma atitude profundamente científica, uma atitude nobremente humana e uma atitude totalmente religiosa.

Os jovens que aspiravam a algo mais nas carreiras liberais, através do ensino superior, buscavam os cursos preparatórios do Irmão Weibert, os cursos filosóficos do P.e Werner e de Frei Pacífico.

O Reitor Armando Câmara ao outorgar o Diploma de *Doctor Honoris Causa* a Frei Pacífico de Bellevaux, no dia 14 de março de 1951, assim se expressou:

“Padre Pacífico. Fazendo-vos *Doctor Honoris Causa*, esta Pontifícia Universidade formaliza, tão só, uma situação que, há muito, era uma realidade evidente: que a consciência católica do Rio Grande soleniza o reconhecimento de um fato aceito por toda a elite intelectual e moral de nosso Estado.

“Parece, até, algo irritante e pleonástico, que uma instituição cultural como a nossa, cuja gênese foi amplamente possibilitada por vossos labores, por vossas árduas conquistas apostólicas, destaque a realidade de um valor que foi uma de suas fontes geradoras. (Anuário de 1950, p. 56-61)

Assim é que se foi formando a “geração católica” que se opunha em sua doutrina, em suas posições políticas e sociais aos positivistas e spenceristas que dominavam nas escolas superiores.

Nos colégios Anchieta e Rosário a formação continuava e se aprofundava graças à Congregação Mariana. Fernando Casses Trindade afirma: “Essa instituição foi a escola mais decisiva na produção da “geração católica”. Nos colégios femininos Seigné, Bom Conselho e outros, dentro do mesmo espírito da Congregação Mariana surgiram os núcleos das Filhas de Maria”. O núcleo mais importante foi o dos Acadêmicos chamado “Mater Salvatoris”, abrangia ex-alunos dos diversos colégios do Rio Grande do Sul, o organizador foi o P.e Estêvão Muser. Os congregados freqüentavam as faculdades existentes.

Fernando Casses Trindade continua: “Depois da Congregação ‘Mater Salvatoris’, outra instituição importante criada, foi o Centro Católico de Acadêmicos, em 1931, precursor da Juventude Universitária Católica. O Centro propôs, além do programa de espiritualidade e aperfeiçoamento pessoal, a conquista das cátedras das escolas superiores. O Prof. Armando Pereira da Câmara foi nomeado, em 1935, pelo Governador Flores da Cunha, professor da disciplina *Introdução à Ciência do Direito*, substituindo Alberto Pasqualini, identificado como positivista. Outros eminentes professores católicos foram ocupando cátedras na Faculdade de Direito, na Medicina, na Engenharia, que se haviam constituído na Universidade de Porto Alegre, em 1934.

Em 1933, o Centro dos Católicos Acadêmicos realizou o 1º Congresso Universitário Rio-grandese. A tese mais significativa do Congresso foi a

proposta da criação de uma Faculdade de Filosofia Católica que devesse ser acessível a todos que se coadunassem dentro de um espírito cristão.

O Irmão Weibert com os cursos preparatórios no Colégio Rosário, o P.e Werner von und zur Mühlen no Colégio Anchieta e Frei Pacífico na Escola de Teologia São Lourenço de Brindisi foram os pioneiros e os formadores dos homens que construíram a Faculdade de Filosofia e mais adiante a Universidade Católica.

No ambiente de renovação e de novos empreendimentos que pairava sobre o Brasil e sobre o Rio Grande com o Decreto nº 19.851 de 11 de abril de 1931, do Governo Provisório de Getúlio Vargas e do Ministro de Educação Francisco Campos, a idéia e o propósito de criar a Faculdade de Filosofia ia tomando corpo.

A Filosofia era ensinada nos seminários para a formação do clero. Os Beneditinos, sob a orientação de Dom Beda Kruse, instituíram a Faculdade de Filosofia de São Bento, em São Paulo, com o objetivo de formar professores para os colégios mantidos pela Ordem.

Em 1920, o Estado de São Paulo, pela Lei nº 1750, de 8 de dezembro, criava a Escola Superior de Altos Estudos Pedagógicos. Com as experiências havidas, o Ministro Francisco Campos deu os passos para a organização da Universidade do Rio de Janeiro, pelo já mencionado Decreto nº 19.851 de 11 de abril de 1931. Na estrutura da Universidade deveria estar presente a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Iniciativa concreta no campo dos estudos da educação e da filosofia podemos encontrar no Instituto Superior de Pedagogia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae, de São Paulo, mantido pela benemérita Congregação das Cônegas de Santo Agostinho, criado em 1934. Teve a seguinte estrutura: Faculdade de Letras, Faculdade de Ciências e Instituto Superior de Educação para alcançar o diploma de Licenciatura ou habilitação para exercer o magistério no Curso ginásial e colegial.

No mesmo ano de 1934, o Governo do Estado, pelo Decreto nº 6.283 de 25 de janeiro, criava a Universidade de São Paulo que previa em sua composição a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, passando a constituir a medula do sistema universitário com a preocupação da pesquisa científica e da alta cultura.

O governo do Estado de São Paulo enviou várias comissões em busca de professores e especialistas estrangeiros, notadamente da Europa, num louvável empenho de criar no Brasil as necessárias condições para o ensino e a investigação.

Desastradamente, veríamos, entretanto, que a Faculdade de Filosofia resultaria, com o tempo, em mais uma Unidade inviável, pela “resistência” das Faculdades tradicionais, não admitindo a idéia de que seus alunos tomassem cursos básicos na nova instituição, integradora e unificadora da Universidade. Dir-se-ia que a educação é possivelmente uma das forças mais poderosas de “resistência à mudança...”. O resultado é de todos conhecido: aquela que deveria ser a mais custosa de nossas Unidades de ensino superior, pela quantidade e natureza de seus cursos, se expandiu paradoxalmente com tanta rapidez, a despeito da pobreza do meio.

No Rio Grande do Sul, o Interventor Gen. José Antônio Flores da Cunha, pelo Decreto nº 5.758, de 20 de novembro de 1934, criou a Universidade de Porto Alegre, constituída com as unidades acadêmicas: Faculdade de Medicina, com as escolas de Odontologia e Farmácia, criada em 1898, mantida pela Governo Federal; Faculdade de Direito, com a Escola de Comércio, fundada em 1900, de iniciativa privada; Escola de Engenharia, criada em 1896, de iniciativa privada; Instituto de Belas Artes, mantido pelo Governo do Estado; Escola de Agronomia e Veterinária, criada em 1910, mantida pelo Governo do Estado; Faculdade de Educação, Ciências e Letras seria criada em 1942.

Além dessas escolas e faculdades existia, desde 1931, a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, mantida pela União Sul Brasileira de

Educação e Ensino. Ao surgir o movimento de criação da Universidade, o Irmão Afonso, movido pelo grupo de professores da Faculdade, solicitou ao Interventor Federal e à Comissão organizadora a inclusão da unidade acadêmica, única existente no Rio Grande do Sul, com o reconhecimento legal do Governo Federal. O pedido não foi aceito alegando falta de sustentação econômica.

No mesmo ano, o Irmão Afonso não esmoreceu, apresentou ao Gen. José Antônio Flores da Cunha o projeto da Faculdade de Educação, Ciências e Letras com os respectivos currículos dos cursos, programas das disciplinas e regulamento interno e o elenco de professores das diversas disciplinas. O Prof. Eloy José da Rocha e o Prof. Elpídio Ferreira Paes muito ajudaram na tarefa de contactar e selecionar os futuros professores. Infelizmente não conseguiu o seu intento. Irmão Afonso não era homem de ensarrilhar as armas.

Nas duas tentativas de incorporar as faculdades maristas à novel Universidade de Porto Alegre estaria a idéia de renunciar o árduo encargo de formar uma universidade autônoma? A nosso ver, estariam ali a explicitação do desejo e a semente de conseguir ser Universidade através das duas unidades. Uma existente e outra em projeto. A continuidade dos esforços do Irmão Afonso provam a assertiva.

Em 31 de janeiro de 1939, houve um fato novo, o Conselho Administrativo da USBEE resolveu criar a Faculdade de Educação, Ciências e Letras, cujo teor da Ata transcrevemos: *“ATA - Aos 31 de janeiro de 1939, presentes os membros do Conselho Administrativo, instalou-se a sessão extraordinária, convocada pelo Sr. Presidente, de acordo com o art. 10 dos Estatutos em vigor. Aberta a sessão foi lida a ata da sessão anterior que recebeu aprovação. Pelo Presidente foi proposta a criação da Faculdade Livre de Educação, Ciências e Letras, com o fim de difundir a cultura superior, preparar os candidatos ao magistério, membros da Congregação dos Irmãos Maristas e os que mais o desejarem, entre seus alunos e outros. O Presidente*

*ponderou as vantagens e necessidades da nova Instituição educacional; como elemento primordial para a finalidade da “UNIÃO”. Nesse sentido submeteu ao Conselho Administrativo os Estatutos da referida Faculdade, pelos quais fica inteiramente a cargo da “União” a manutenção do citado Instituto, devendo cada ano destinar-se toda a renda disponível para tal fim. Pelo Sr. Presidente foi dito ainda que solicitava aprovação do Conselho para a seguinte proposta: da receita do presente ano deve destinar-se a importância de cem contos de réis, destinados às despesas iniciais de instalação da Faculdade. Submetidos à votação as propostas bem assim os Estatutos foram os mesmos aprovados com unanimidade. E, para constar, eu, secretário da “União”, lavrei a presente ata que vai por mim assinada e pelo Sr. Presidente, e pelos membros do Conselho. Porto Alegre, 31 de janeiro de 1939. (ass.) O Secretário, Francisco Xavier Uhl, e o Presidente, Carlos Herbaux”.*

Em 22 de fevereiro de 1939, o Irmão Afonso, Assistente Geral, e o Irmão Vendelino Weiland, Presidente da USBEE, solicitaram ao Ministro de Educação e Saúde a autorização de funcionamento da Faculdade Livre de Educação, Ciências e Letras, cujos cursos foram instalados oficialmente em 26 de março de 1940.

Ambas as Faculdades foram pioneiras no Rio Grande do Sul, devido à iniciativa e à energia do grande educador marista, Irmão Afonso.

## **PRIMEIRA TENTATIVA DE CRIAÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Logo após o Decreto-Lei nº 19.851 de 11 de abril de 1931 que reformulou a legislação do ensino superior no País e determinou a constituição da Faculdade de Educação, Ciências e Letras, o Irmão Afonso com os professores Eloy José da Rocha, Elpídio Ferreira Paes, Armando Pereira da Câmara e outros, iniciou o movimento com o objetivo de fundar a referida Faculdade.

A Faculdade de Educação, Ciências e Letras se propunha elevar o nível intelectual e pedagógico dos professores do ensino primário e secundário do Estado, dos colégios maristas e outras escolas. O Irmão Afonso explicita em carta ao Gen. José Antônio Flores da Cunha:

*“O meu projeto não foi inspiração de momento nem consequência de interesses subalternos. Trabalhei nele durante quase três anos, o que me parece bastante, para dar-lhe, pelo menos, o cunho de bem estudado.*

*“Logo que o Governo Provisório baixou o Decreto criando as Faculdades de Educação (isto é, quando ainda no Rio Grande do Sul não se falava em tal instituição), entreguei-me ao trabalho intenso de planejar e organizar a nossa futura Faculdade. Depois de devidamente estudado o plano da minha Faculdade, tive o prazer de submetê-lo a pessoas entendidas, tais como os doutores Guerra Blessmann, João Lüderitz, João Carlos Machado e Darcy Azambuja, os quais o consideraram excelente”.* (Carta do Ir Irmão Afonso ao Interventor Flores da Cunha, 12 de julho de 1934).

No dia 22 de fevereiro de 1939 foi encaminhado ao Ministério de Educação e Saúde o pedido de autorização do funcionamento da Faculdade de Educação, Ciências e Letras. No pedido constava o projeto com:

1. *Regulamento da Faculdade de Educação, Ciências e Letras*, e indicação do currículo das diversas secções da Faculdade e dos professores.

2. *Regimento Interno da Faculdade.*

3. *Curso complementar do ensino secundário* de acordo com o Decreto nº 21.241 de 4 de abril de 1932. Na época, além do ensino secundário de 5 anos era obrigatório cursar dois anos preparatórios para o ingresso nas Faculdades. Eram: o pré-técnico, o pré-jurídico e o pré-médico. Elaborou-se um currículo especial para o ingresso na Faculdade de Educação, Ciências e Letras.

4. *Plano de estudos para as diversas secções da Faculdade.*

O Processo levou o n.º 7.798/39 em que foram solicitados os cursos de Filosofia, Geografia e História, Ciências Sociais, Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Anglo-Germânicas.

A 31 de março de 1939 o Ministério de Educação designou o Prof. Thiers Martins Moreira, técnico do Ministério, para fazer a verificação das condições existentes para implantação dos diversos cursos solicitados. A 30 de abril do mesmo ano apresentou amplo e circunstanciado relatório com numerosos anexos ao Diretor do Departamento Nacional de Educação.

Entrementes, a 4 de abril de 1939 foi publicado o Decreto-Lei n.º 1.190 referente à organização da Faculdade Nacional de Filosofia, instituindo o estabelecimento nacional, padrão para as unidades de ensino desse tipo, em decorrência disso passou a denominar-se Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e não mais Faculdade de Educação.

Em 10 de abril o presidente da USBEE, Irmão Afonso, nomeou por portaria n.º 1/39 o Dr. Eloy José da Rocha, Diretor da Faculdade, e pelas portarias nn. 2, 3 e 4 respectivamente, os membros do Conselho Administrativo da Faculdade, os Professores Salomão Pires Abrahão, Elpídio Ferreira Paes e Elyseu Paglioli.

Em 29 de abril de 1939 foi apresentado novo Regimento da Faculdade, de conformidade com o Decreto-Lei n.º 1.190 de 4.4.1939.

Em 8 de novembro de 1939 o Conselho Departamental Nacional de Educação aprovou o pedido.

Pelo Decreto n.º 5.163 de 23.1.1940, o Governo Federal concedeu a autorização requerida, nos termos seguintes:

*“O Presidente da República RESOLVE, nos termos do art. 23 do Decreto-Lei n.º 421 de 11.5.38, conceder autorização para que se organizem e entrem a funcionar os cursos de Filosofia, de Letras Clássicas, de Letras Neolatinas, de Letras Anglo-Germânicas, de Geografia e História e de Ciências Sociais da Faculdade Livre de Educação, Ciências e Letras, com*



*sede em Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, e mantida pela União Sul Brasileira de Educação e Ensino (USBEE).*

*Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1940, Ano 119° da Independência, e 52° da República.*

*Getúlio Vargas*

*Gustavo Capanema”*

*(Publicado no D.O. de 19.2.1940)*

Em fevereiro de 1940 foram realizados os exames vestibulares para os cursos autorizados, tendo-se apresentado 93 candidatos assim distribuídos: Filosofia 7- Geografia e História 31 - Letras Clássicas 13 - Letras Neolatinas 31 - Letras Anglo-Germânicas 11.

## **INSTALAÇÃO DOS CURSOS**

Os cursos foram instalados solenemente em 26 de março daquele ano, tendo-se realizado a sessão no salão nobre da Faculdade de Direito da Universidade de Porto Alegre, especialmente cedido para o ato. Tomou a presidência de honra o Dr. José Pereira Coelho de Souza, Secretário de Educação. Coube a Presidência efetiva ao Dr. Eloy José da Rocha, Diretor da Faculdade. Tomaram assento à mesa os Professores: Ary de Abreu Lima, então Reitor da Universidade do Estado do Rio Grande do Sul e grande amigo da Faculdade de Educação, e Armando Pereira da Câmara, a quem coube a preleção inaugural dos cursos. Em sua conferência o preclaro mestre abordou o tema FILOSOFIA E A CULTURA NACIONAL.

Dentre a numerosa assistência, constituída do escol da intelectualidade porto-alegrense cumpre-nos distinguir o representante de Dom João Becker, Arcebispo de Porto Alegre, o Cônego Alberto Colling, professores das Faculdades de Medicina, Direito e Engenharia e vários homens de Letras. Esteve presente o Irmão Afonso, idealizador da nova Faculdade, exercendo na época o cargo de Assistente Geral dos Irmãos Maristas no Brasil.

Tiveram assim início com o maior brilho os cursos da Faculdade Livre de Educação, Ciências e Letras que, pelo significado extraordinário de seu aparecimento em face da cultura nacional, veio marcar de maneira indelével os anais da vida intelectual do Rio Grande do Sul.

## **VIDA DA FACULDADE**

Em 1940 foi concluída parte do novo edifício que a União Sul Brasileira de Educação e Ensino estava levantando, na Praça Dom Sebastião nº 60, para funcionamento normal dos Cursos de Faculdade. A inauguração dessa ala do edifício realizou-se solenemente em 17 de agosto. Das cerimônias inaugurais constam a entronização do Sagrado Coração de Jesus no salão nobre da Faculdade, momento em que o Cônego Alfredo Vicente Scherer proferiu discurso alusivo que versou sobre o tema A FILOSOFIA E A FÉ.

O ano de 1940 firmou a vida da novel Faculdade, pioneira no Sul do Brasil no ensino da Filosofia; das Ciências Sociais; da Geografia e História; das Letras Clássicas, Neolatinas e Anglo-Germânicas.

A Administração esteve a cargo do Prof. Eloy José da Rocha, nomeado Diretor pelo Prof. Ir. Afonso, Presidente da União Sul Brasileira de Educação e Ensino, no dia 10 de abril de 1939.

O Conselho Técnico Administrativo compunha-se de três professores nomeados pelo Presidente da Mantenedora; Prof. Elpídio Ferreira Paes, Elyseu Paglioli e Salomão Pires Abrahão, todos com experiência universitária, pois eram professores da Faculdade de Medicina, o primeiro e os dois outros, da Faculdade de Direito. Em 1942, pela reforma do Regimento Interno, foram nomeados para o CTA os professores: Armando Pereira da Câmara, Amadeu Fagundes de Oliveira Freitas, Elyseu Paglioli, Raul Franco di Primio, Elpídio Ferreira Paes e Salomão Pires Abrahão.

No dia 24 de agosto de 1941, a infausta notícia do trágico falecimento do Prof. Ary de Abreu Lima, Reitor da Universidade de Porto Alegre, abalou

profundamente os meios universitários. Desaparecia, em acidente aviatório, em São Paulo, um grande e incansável amigo. Se a Escola de Engenharia perdia o mestre capaz e dedicado, se a Universidade perdia o Reitor ponderado e operoso, a novel Faculdade perdia o defensor desinteressado e acérrimo dos grandes empreendimentos em prol do ensino e educação do Estado.

## **RECONHECIMENTO DOS CURSOS**

Atendendo às disposições do Decreto Federal n.º 421, de 11 de maio de 1938, o Prof. Eloy José da Rocha, Diretor da Faculdade de Educação, Ciências e Letras, solicitou a 10 de janeiro de 1942 o reconhecimento dos cursos anteriormente autorizados.

Pela Portaria n.º 115, de 13 de maio do mesmo ano, foram designados o Dr. Paulo de Assis Ribeiro, Técnico do Ministério de Educação e o Dr. Raul Azambuja, Inspetor da Faculdade de Direito de Pelotas, e por telegrama n.º 125 de 25.5.42 o Dr. Luiz Henrique de Souza Lobo, Inspetor do Curso Complementar do Ginásio do Estado do Rio Grande do Sul para fazerem o relatório de sua visita aos cursos da Faculdade. Este foi apresentado em 20 de maio e aprovado pelo Conselho Nacional de Educação, em Parecer n.º 147 de 18 do mesmo mês.

O Governo Federal, por Decreto n.º 9.891, de 7 de julho de 1942, reconheceu os cursos nos termos seguintes:

*“O Presidente da República RESOLVE, nos termos do art 23 do Decreto-Lei n.º 421, modificando a redação do Decreto n.º 9.708 de 16.6.42, conceder reconhecimento aos cursos de Filosofia, Geografia e História, Ciências Sociais, Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Anglo-Germânicas da Faculdade Livre de Educação, Ciências e Letras, com sede em Porto Alegre, RS.*

*Rio de Janeiro, 6 de julho de 1942, 121° da Independência e 54° República.*

*Getúlio Vargas*

*Gustavo Capanema”*

*(Publicado no D. O. de 9.7.1942)*

## **OS CURSOS DE CIÊNCIAS, PEDAGOGIA E DIDÁTICA**

No nobre intuito de completar a obra encetada, a União Sul Brasileira de Educação e Ensino requereu, em 27 de dezembro de 1940 (Proc. 42.013/40), ao Senhor Ministro da Educação e Saúde, autorização para o funcionamento das restantes secções preconizadas pelo Regimento Interno de Matemática, Física, Química, História Natural, Pedagogia e Didática. Esse pedido, entretanto, não teve despacho favorável, porquanto o Diretor da Divisão de Ensino Superior exigiu a adaptação do Regimento Interno da Faculdade de Educação ao Regimento da Faculdade Nacional de Filosofia. Satisfeita, entretanto, essa exigência, a USBEE fez novo requerimento em 9 de outubro de 1941, tendo o Conselho Nacional de Educação em sessão de 25 de outubro, Parecer n° 254, aprovado o novo Regimento Interno da Faculdade, com emendas a serem introduzidas na redação definitiva do mesmo. No dia 10 de outubro, novamente foram requeridos os referidos cursos, apresentando-se ampla documentação comprobatória do aparelhamento e capacidade didática, inclusive nominata e *curriculum vitae* dos professores.

Em 10 de janeiro de 1942 o Diretor da Faculdade, Dr. Eloy José da Rocha, remeteu ao Conselho Nacional de Educação a redação final do Regimento Interno, cumprindo as exigências do Parecer n° 254; tendo sido aprovado pelo mesmo Conselho em 15 de maio, sendo aprovado e homologado pelo Ministro da Educação a 25 do mesmo mês.

Como o C.N.E. exigisse da Faculdade laboratórios adequados às aulas práticas, foi-lhe enviada em 28 de fevereiro de 1942 cópia do contrato celebrado entre a USBEE e a Reitoria da Universidade de Porto Alegre, em data de 21 de fevereiro daquele ano, a fim de que aquela entidade pudesse usar os laboratórios dos Institutos componentes da Escola de Engenharia. Tal contrato, aliás, era confirmado pela autorização anteriormente dada pelo Secretário da Educação, Dr. José Coelho de Souza, conforme telegrama de outubro de 1941.

Designado por uma portaria do Sr. Ministro da Educação e Saúde, de 13 de maio de 1942, esteve em Porto Alegre procedendo à verificação dos novos cursos o Dr. Paulo Assis Ribeiro que dirigiu minucioso relatório ao C.N.E. em 26 do mesmo mês. A 28, aquele colendo Conselho opinou favoravelmente ao funcionamento dos novos cursos, autorizados pelo Decreto nº 9.696 de 15 de junho de 1942, cujo teor é o seguinte:

*“O Presidente da República RESOLVE nos termos do art. 23 do Decreto-Lei nº 421, de 11 de maio de 1938, conceder autorização para funcionamento, a partir do corrente ano letivo, dos cursos de Matemática, Física, Química, História Natural, Pedagogia e Didática, da Faculdade Livre de Educação, Ciências e Letras de Porto Alegre, RS.*

*Rio de Janeiro, 15 de junho de 1942, 121º da Independência e 54º da República.*

*Getulio Vargas*

*Gustavo Capanema”*

*(Publicado no D.O. a 19.6.1942)*

## **INSTALAÇÃO DOS CURSOS DE CIÊNCIAS**

De acordo com o Decreto nº 9.696 de 15.6.1942, abriu-se inscrição para o concurso e habilitação aos cursos autorizados, de 10 a 20 de junho.

Foram realizados os exames de 26 daquele mês a 4 de julho. Instalaram-se os cursos a 13 desse mês, tendo-se apresentado candidatos apenas para os cursos de Matemática e Física.

## **EPISÓDIO ESTRANHO**

Em junho de 1942, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Porto Alegre realizou a instalação definitiva dos Cursos de Matemática, Física, Química e História Natural. Os demais cursos - Filosofia, Geografia e História, Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Anglo-Germânicas, Pedagogia e Didática se instalaram no ano subseqüente, marcaram o grande momento para a construção definitiva do sistema universitário (Memória p. 66).

Os trabalhos preparatórios e o funcionamento dos Cursos das duas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras decorreram em harmonia e mútua colaboração entre as instituições e entre os professores e administradores.

Eis que no dia 6 de junho de 1942 o Governo do Estado do Rio Grande do Sul publicou o Decreto n. 548 que regulamentava a Faculdade de Filosofia da Universidade de Porto Alegre, em que havia, no Art. 7, a seguinte determinação:

“Os professores dos estabelecimentos oficiais ou oficializados pelo Estado, de Ensino Secundário, estão obrigados a matricular-se nos cursos respectivos da Faculdade, sob pena de terem rescindidos seus contratos”.

O Artigo feria frontalmente o direito de liberdade de os professores secundários candidatos aos cursos universitários optarem pela Faculdade de sua preferência e conveniência.

O Irmão Afonso, os professores e alunos da Faculdade se reuniram e planejaram o protesto formal junto do Departamento Nacional de Educação.

A liberdade de escolha foi reconhecida pelo Departamento de Educação e o Decreto do Governo do Estado ficou sem efeito para os professores contratados pelos estabelecimentos oficiais ou oficializados

como era o caso dos colégios: Anchieta, Nossa Senhora do Rosário, Sévigné e Bom Conselho.

## **COLAÇÃO DE GRAU**

A 17 de dezembro de 1942 realizou-se a cerimônia da colação de grau da primeira turma de bacharéis em Ciências e Letras, formados pela Faculdade. Foi paraninfo o Professor Armando Pereira da Câmara, sendo homenageados o Irmão Afonso e os Professores Eloy José da Rocha, Diretor da Faculdade, Elpídio Ferreira Paes, Raul Franco di Primio, Darcy Azambuja e René Ledoux. Foi orador da turma o bacharel em Letras Clássicas, João Arlindo Mombach.

## **NOVA SEDE**

Os locais destinados às faculdades tornavam-se cada vez mais restritos, pois aumentavam os cursos e as matrículas. A administração resolveu construir mais uma parte do imóvel já prevista na planta geral.

## **BÊNÇÃO DA PEDRA ANGULAR**

A 8 de dezembro de 1943 realizou-se a bênção da pedra angular do novo edifício da Faculdade, esquina da Praça Dom Sebastião com a Independência, tendo sido paraninfo do evento o Ten.Cel. Ernesto Dorneles, Interventor Federal do Estado do Rio Grande do Sul.

Logo após a bênção, falaram o Sr. Arcebispo Metropolitano Dom João Becker, o Prof Francisco Juruena em nome da Direção e do corpo docente da Faculdade de Educação, Ciências e Letras, e o Engº Hermínio Lima, construtor do novo edifício.

## INAUGURAÇÃO

A 30 de setembro de 1944 realizou-se a solene inauguração do novo prédio das Faculdades.

Estiveram presentes o Ten. Cel. Ernesto Dorneles, Interventor Federal, os Secretários de Estado, o Episcopado do Rio Grande do Sul, o Prefeito de Porto Alegre, o Presidente do Tribunal de Justiça e numerosos membros do corpo docente.

Após a bênção do edifício, proferiram discursos Dom João Becker e o Prof. Eloy José da Rocha. Transcrevemos aqui as palavras de Dom João Becker:

*“A Igreja, por intermédio dos seus sacerdotes e do laicato católico, pelas suas Ordens Religiosas, tem promovido largamente, através dos séculos, a instrução.*

*“Houve algum tempo em que ela era a única que administrava ensino ao povo. Nunca tem sido inimiga da verdadeira ciência, mas sempre sua promotora, corrigindo erros e falsas doutrinas. Ela não pretende o monopólio, porém a liberdade do ensino.*

*“Diz a nossa Constituição de 10 de Novembro de 1937: ‘A arte, a ciência e o ensino são livres à iniciativa individual e à de associações ou pessoas coletivas, públicas e particulares. É dever do Estado contribuir, direta e indiretamente, para o estímulo e desenvolvimento de uma e de outro, favorecendo ou fundando instituições artísticas, científicas e de ensino “. (Art. 128)*

*“Entre as Congregações Religiosas salientam-se os Irmãos Maristas que dirigem no Estado do Rio Grande do Sul como em outros da União, muitos ginásios e colégios. Eles têm prestado notável serviço à Nação e à Igreja pela instrução primária, secundária e normal. Mas sobressaem também pelo ensino superior, procurando pautar os estudos universitários pela legislação pátria e pelos ensinamentos da Igreja.*



*“Uma prova desse fato é a manutenção da Faculdade Livre de Educação, Ciências e Letras e da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas onde os acadêmicos recebem instrução sólida, ministrada por um escolhido corpo docente. Um argumento em favor do meu asserto é também a construção deste majestoso edifício que hoje inauguramos com toda a simplicidade e sem ostentação, como convém numa época de luta e de guerra em que nossos patrícios, nossos soldados expedicionários derramam seu rubro sangue e sacrificam sua vida pela libertação da escravidão mundial.*

*“Seria de bom alvitre a fundação de uma Faculdade de Direito nesta casa, o que não seria difícil em vista do espírito progressista dos Irmãos e a relativa facilidade de obter professores competentes.*

*“Por todas essas razões os Irmãos Maristas são dignos de louvores e merecem a gratidão das autoridades civis e eclesiásticas e do povo em geral.*

*“Existem no Rio de Janeiro Faculdades Católicas oficializadas. Também em Campinas existe uma Faculdade de Filosofia. Mas essas circunstâncias não impedem que tenhamos em Porto Alegre escolas superiores de caráter católico.*

*“Disse com acerto o Papa Pio XII aos universitários da Ação Católica: ‘A Igreja que nunca foi inimiga da ciência e da arte, gosta e se ufana de ter centros próprios de alta cultura, onde livre e plenamente possa exercer sua obra: mas nem por isso está disposta a aceitar que a verdade, cujo depósito guarda, fique ausente e sem influência nem luz nos demais centros no ordenamento dos quais mais ou menos se prescinde do critério católico. E vós precisamente, em quem essa verdade vive pela fé, opera pela caridade, se alegra no gozo da verdade, deveis levá-la por toda parte e fazê-la resplandecer, fazê-la desejada, amada e possuída em todos os recantos’.*

*‘Far-vos-eis então arautos da verdade católica? Sereis os novos apóstolos do Evangelho no seio da sociedade dos doutos e sábios modernos? Sim, este deve ser o vosso apostolado, ao lado e sob a dependência da hierarquia eclesiástica. Porém, para cumprir tal missão, sem perigo para vós e*

*com eficácia em torno de vós, é necessário, antes de tudo, que nas vossas mentes e almas não haja desequilíbrio entre cultura religiosa e cultura universitária, geral e especial'.*

*“Da palavra do Sumo Pontífice pode-se deduzir a necessidade de uma Universidade Católica ao lado da existente em Porto Alegre. Pois uma Universidade Católica em Porto Alegre lançaria suas luzes sobre os cursos superiores de altos estudos.*

*“Também a palavra do Sumo Pontífice indica as normas que devem seguir os estudantes dessas Faculdades.*

*“O Sr. Presidente da República, falando ao Episcopado brasileiro, reunido no Rio de Janeiro em 1939, declarou sabiamente: ‘No Brasil colônia, no Brasil império, no Brasil república, o lugar da Igreja Católica está marcado em destaque como fator preponderante na formação espiritual da raça, e as suas doutrinas e ensinamentos constituem as bases da organização da família e da sociedade’. (A Nova Política do Brasil, tomo VI, p.275)*

*Essas são palavras que resumem todo o nosso passado e posso acrescentar-lhes outro conceito proferido também pelo Sr. Presidente da República, em saudação ao Cardeal Pacelli, hoje Pio XII gloriosamente reinante: ‘Desta ação imprescindível (da Igreja) continua sempre o Brasil a esperar o concurso inestimável para a construção do seu porvir. É sobre a sólida formação cristã das consciências, é sobre a conservação e defesa dos mais altos valores espirituais de um povo que repousam as garantias mais seguras de sua estrutura social, e as esperanças mais fundadas da grandeza, estabilidade e desenvolvimento das suas instituições (A Nova Política, tomo III, p. 306)*

*Nessas palavras do preclaro Sr. Presidente Dr. Getúlio Vargas apóiam-se as Faculdades Católicas. Pois se sobre a sólida formação cristã das consciências repousam as garantias da grandeza e estabilidade das instituições no Brasil, esta sentença tem uma aplicação especial ao nosso*

caso, pois uma interrupção das tradições brasileiras, ou seja, a substituição das doutrinas tradicionais causaria um abalo, um verdadeiro desastre.

*“Os Irmãos Maristas, fundando e mantendo Faculdades Científicas, não querem melindrar susceptibilidades de quem quer que seja, mas querem apenas fazer uso de um direito que lhes assiste, em benefício da juventude estudantil e da sociedade contemporânea.*

*“Por isso, deve-se esperar que todos os bons rio-grandenses auxiliem os operosos Irmãos Maristas a conseguirem, plenamente, a realização dos seus patrióticos projetos.*

*“Por esse motivo, nós, Bispos do Rio Grande do Sul, tomamos sob o nosso especial patrocínio as Faculdades Católicas dos Irmãos Maristas, as existentes e as futuras, e as recomendamos vivamente aos que pretendem fazer os respectivos estudos”.*

*“Que Nosso Senhor Jesus Cristo, por intercessão de Nossa Senhora do Rosário, proteja e abençoe estas Faculdades e a futura Universidade Católica, são os nossos votos patrióticos! - Disse.”*

O Prof. Eloy José da Rocha, Diretor da Faculdade de Educação, pronunciou as seguintes palavras:

*“Bem hajam os Irmãos Maristas que idealizaram a Faculdade e tornaram possível sua existência. Comportaram-se, mais uma vez, com uma ativa consciência da realidade.*

*“Já em 1928 e 1929, quando o mundo era abafado pela crise econômica, lançaram os Irmãos Maristas as bases de um Instituto Superior de estudos das ciências econômicas, que se concretizou em 1931, na Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, a primeira que, no Estado, se amoldou ao novo padrão traçado pela legislação federal.*

*Nesta Faculdade como na outra, foi eminentemente cristã a inspiração, pois que, para nós, nenhum problema da pessoa humana é estranho à filosofia cristã da vida.*

*A solenidade de inauguração do edifício que servirá de sede às duas Faculdades é a reafirmação expressa do mesmo ideal de 1931 e 1940, cada vez mais insistente: a cristianização da sociedade - atrair para Cristo os corações, as inteligências, as vontades; atrair as pessoas e os grupos sociais.*

*Nesta hora, e daqui, parte para o Alto a promessa de um devotamento integral à causa da cultura, que é a causa da Pátria, que é a causa da humanidade, que é a causa de Deus”.*

## **RECONHECIMENTO DOS CURSOS DE MATEMÁTICA, QUÍMICA, HISTÓRIA NATURAL, PEDAGOGIA E DIDÁTICA**

Os cursos de Ciências, Pedagogia e Didática foram autorizados a funcionar em junho de 1942. Em 24 de maio de 1944 o Prof. Eloy José da Rocha requereu o reconhecimento dos cursos de: Matemática, Física, Química, História Natural, Pedagogia e Didática (Proc. 45.724/44). Pelas Portarias Ministeriais 390 de 22.8.44 e 424 de 21.9.44 foi nomeada a comissão verificadora composta pelos senhores Aryon Niepce da Silva, Rômulo Harthley Gutiérrez e Waldemar Camilo Ruas.

Em data de 18 de outubro do mesmo ano foi encaminhado pela comissão um minucioso relatório ao Diretor da Divisão do Ensino Superior. Esse relatório foi examinado e aprovado pelo Conselho Nacional de Educação, conforme Parecer 215 de 28 de novembro de 1944 (Publicado no D.O. 6.12.44).

Em vista disso, o Governo Federal baixou o seguinte ato de reconhecimento dos cursos:

*“Decreto nº 17.398 de 19.12.44: CONCEDE reconhecimento dos cursos de Matemática, Física, Química, História Natural, Pedagogia e Didática da Faculdade Católica de Filosofia do Rio Grande do Sul. O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere o art. 74, letra a) da Constituição, e nos termos do art. 23 do Decreto-Lei 421 de 11.5.38,*

*RESOLVE conceder reconhecimento aos cursos de Matemática, Física, Química, História Natural, Pedagogia e Didática mantidas pela Faculdade Católica de Filosofia do Rio Grande do Sul (Faculdade Livre de Educação, Ciências e Letras com sede em Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul).*

*Rio de Janeiro, 19.12.1944, 123° da Independência e 56° da República.*

*Getulio Vargas*

*Gustavo Capanema”*

*(Publicado no D.O. de 22.12.1944)*

## **CURSO DE JORNALISMO**

O Curso de Jornalismo foi instituído no Brasil pelo Decreto-Lei 5.480 de 13 de maio de 1943 e regulamentado pelos Decretos 22.245 de 6 de dezembro de 1946 e 24.719 de 29 de março de 1948.

A 4 de julho de 1949 o Conselho Universitário por proposta do Reitor Prof. Armando Pereira da Câmara designou o Irmão Faustino João para elaborar o plano de orientação do Curso de Jornalismo dentro dos moldes apontados pelos Decretos referidos acima.

Iniciados os primeiros trabalhos, foi o assunto tratado nas sessões do Conselho Técnico Administrativo da Faculdade de Filosofia realizados nos dias 5 e 21 de setembro do mesmo ano, tendo esse órgão técnico aprovado a sugestão e organizado uma relação de professores das diversas cadeiras do curso.

A 3 de março de 1950 o Conselho Universitário deliberou que a Universidade requeresse ao Ministério de Educação, autorização para seu funcionamento, desde que fosse ouvido a respeito o Conselho Superior da Universidade.

Em reunião de 11 de março o Conselho Superior aprovou as despesas decorrentes da instalação do Curso de Jornalismo, bem como o pedido de autorização.

Aos vinte dias do mês de março do mesmo ano, a Universidade Católica, por seu Reitor, requereu ao Ministro de Educação Dr. Clemente Mariani a autorização necessária.

Como o Regimento Interno da Faculdade não previa o Curso de Jornalismo, porquanto a sua criação foi posterior ao respectivo Regimento foi mister que, em sessão da Congregação realizada a 19 de outubro de 1950 se fizesse o acréscimo com referência ao Curso, ao currículo e à seriação das disciplinas do mesmo.

Em Portaria n° 68, de 8 de setembro de 1950, foi designado o Dr. Walter Clemente, de Curitiba, para fazer a verificação das condições da Faculdade de Filosofia da PUCRS em Porto Alegre no que diz respeito aos preparativos realizados para o funcionamento do Curso de Jornalismo.

O referido Inspetor, em 20 de outubro apresentou o Relatório ao Dr. Jurandir Lodi, Titular da Diretoria do Ensino Superior do Ministério de Educação.

O Conselho Nacional de Educação aprovou a autorização de funcionamento do Curso de Jornalismo e o Governo Federal pelo Decreto 29.831 de 31 de julho de 1951 concedeu autorização de funcionamento do Curso de Jornalismo, nos termos seguintes:

*“O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 87, item I, da Constituição e nos termos do art. 23 do Decreto-Lei 421 de 11 de maio de 1938, DECRETA:*

*Artigo único: - É concedida autorização para o funcionamento do Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com sede na capital desse Estado.*

*Rio de Janeiro, 31 de julho de 1951, 130° da Independência, e 63° da República.*

*Getulio Vargas  
E. Simões Filho".*

## **Periódicos**

Desde o início das atividades docentes a Faculdade de Filosofia, através da secretaria, manteve os ANAIS, publicação anual com artigos, discursos, e colaborações dos professores, além do registro dos atos acadêmicos e eventos importantes. Dessa maneira preservou-se a memória da produção científica, literária e filosófica da Instituição de 1940 a 1947.

Em 1947 os ANAIS passaram a abranger as Faculdades Católicas de Porto Alegre. Paralelamente aos Anais era editado o ANUÁRIO, registro dos fatos acadêmicos, culturais e sociais da Instituição.

Em 1955 os Anais passaram a constituir a Revista VERITAS, trimestral, com edições ininterruptas de artigos e textos de professores até a presente data. Entre os mais assíduos freqüentadores dos Anais até 1950, com seus artigos encontram-se Dom Vicente Scherer, Elpidio Ferreira Paes, Armando Pereira da Câmara, Irmão Faustino João, Dante de Laytano, Francisco Machado Carrion, René Ledoux, José Aleixo Dischinger e Heinrich A. W. Bunse.

## **Problemas de educação psicológica**

A Faculdade de Filosofia promoveu de 16 a 27 de outubro de 1950 o curso de extensão sobre Problemas de Educação Psicológica a cargo do Prof. Dr. P.e José Antonio de Laburu, SJ. O ilustre catedrático da Universidade Pontifícia Gregoriana tratou de maneira magistral e com eloquência e simplicidade dos aspectos da Psicologia formativa e os fatores biopsicológicos.

## **DIA DAS FACULDADES CATÓLICAS**

A entidade mantenedora, União Sul Brasileira de Educação e Ensino, nome civil da instituição dos Irmãos Maristas no sul do Brasil, idealizou uma forma de conscientizar o público sul-rio-grandense sobre a importância de manter as Faculdades Católicas para a formação de profissionais capazes e honestos para o Estado e para o País. Com o assentimento e apoio de Dom João Becker, Arcebispo Metropolitano e dos outros bispos do Rio Grande do Sul, foi criado o *Dia das Faculdades Católicas*.

Dois foram os objetivos:

1° Dar a conhecer as Faculdades Católicas à sociedade rio-grandense para que visse nelas outro caminho para a formação dos profissionais liberais: economistas, professores, assistentes sociais e bacharéis.

2° Despertar a generosidade dos gaúchos, em especial dos católicos, no sentido de ajudar financeiramente o desenvolvimento e a manutenção dos cursos.

O Irmão Félix Roberto solicitou uma bênção especial dos Senhores Cardeais Arcebispos e Bispos do Brasil à Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no dia 6 de junho de 1945, por ocasião da reunião do Episcopado no Rio de Janeiro.

O programa para o DIA DAS FACULDADES CATÓLICAS do Rio Grande do Sul, celebrado no dia 30 de setembro de 1945 previu:

1) a preparação com matéria publicada nos jornais e propaganda nas rádios da Capital e do interior, além de palestras e de cruzada de orações;

2) a celebração feita em todas as paróquias e capelas com homilia apropriada e coleta dos fiéis, destinada às Faculdades Católicas.

O Rio Grande do Sul foi atingido completamente e respondeu com generosidade.

Em 1946, o Dia das Faculdades Católicas foi celebrado na data de 11 de agosto.



A mantenedora das Faculdades enviou aos senhores Bispos e Párcos do Rio Grande do Sul o relatório das celebrações e das coletas do Dia das Faculdades de 30 de setembro de 1945. Junto seguiu o apelo de colaboração para a manutenção das Faculdades Católicas por meio da inscrição na ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Foram estipuladas várias categorias de sócios: fundadores, protetores insignes, protetores, contribuintes e cooperadores.

Todos os Bispos do Rio Grande do Sul enviaram às paróquias e capelas Circular com apelos veementes de colaboração com as Faculdades Católicas. As contribuições não tiveram os valores quantitativos esperados. A consciência pró-ensino superior católico ficou mais viva e ativa.

No dia 11 de agosto os centros acadêmicos da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e da Escola de Serviço Social fizeram intensa mobilização dos alunos para o DIA DAS FACULDADES. Na data houve bela confraternização no Salão Nobre onde, no coquetel, apresentaram-se números artísticos e literários.

O Cônego Vicente Scherer, professor titular de Lógica, foi nomeado em 1946 Bispo Auxiliar de Porto Alegre. Por ocasião do Dia das Faculdades Católicas foi homenageado pelos professores e alunos. O Prof. Francisco Machado Carrion saudou o novo Antístite em nome do corpo docente; Antonio Carlos Osório em nome do CASTA; Judith Lucia Flesch em nome do Clube de Línguas Vivas, e o Irmão Elvo Clemente em nome da Academia Literária Rui Barbosa.

Em 1947, repetiram-se com entusiasmo a preparação e realização do *Dia das Faculdades* com a adesão plena do Episcopado Rio-Grandense. O dia escolhido foi 21 de setembro. Houve movimentação nas paróquias com homilias e coletas especiais. Os acadêmicos como sempre realizaram uma confraternização em que contaram com a presença da novel Faculdade de Direito.

## ATIVIDADES DOS ALUNOS

### Centro Acadêmico Santo Tomás de Aquino

Os estudantes da Faculdade aos poucos foram organizando o Centro Acadêmico como existia na Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas e em outros centros de ensino superior do País.

Para tal fim realizou-se uma assembléia geral no dia 6 de novembro de 1944, quando foi criado o Centro Acadêmico e se elegeu a primeira Diretoria:

Presidente - Gorki M. Lima

Vice-Presidente - Lélío Telmo de Carvalho

1° Secretária - Lenira Müller

2° Secretário - Elísio Mosca de Carvalho

1° Tesoureira - Maria Feijó Monteiro

2° Tesoureiro - Alberto Paetzold

Departamento cultural - Teresa Leite Costa

Departamento social - Beatriz Ludwig Bülau

Departamento religioso - Carmen Conceição Camboim

Departamento de publicidade - Evan C. Fernandes

Departamento de assistência - Armando Brenner.

O Diretório promoveu no mesmo ano as seguintes conferências para os alunos:

- *A vida comunitária nos Estados Unidos*, pelo Prof. José Gomes de Campos, da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas.

- *O comunismo*, pelo Prof. Armando Pereira Câmara, lente de Psicologia e Filosofia Geral.

- *A cultura chinesa*, por Frei João Batista Kao Tchien, OFM, Presidente da Academia Católica da China.

O *movimento religioso* dos acadêmicos era realizado através da Juventude Universitária Católica(JUC) e da Congregação Mariana e do Sodalício das Filhas de Maria.

Dezenove bacharelados da Faculdade realizaram uma excursão ao Rio de Janeiro e São Paulo, no mês de julho de 1944, e tiveram o patrocínio da Presidência da República. O Prof. Dante de Laytano e esposa Dona Ilha Almeida de Laytano acompanharam a excursão que visitou lugares culturais e turísticos de São Paulo e Rio de Janeiro.

A Direção da Faculdade incentivou os alunos Anerys Fortini, do Curso de Matemática, e Helma Hermann, do Curso de Anglo-Germânicas, a realizarem Curso de Especialização com bolsa do Governo dos Estados Unidos.

Em 1945 começou a campanha para dar ao Centro Acadêmico um nome. Houve duas propostas: Santo Tomás de Aquino e Jacques Maritain. Na disputa venceu o nome do autor da *Summa Theologica* e da *Filosofia Escolástica*, proclamado na Assembléia geral de 25 de setembro de 1945.

No dia 25 de maio de 1946 houve a solene inauguração da sede e as cerimônias do batismo do Centro Acadêmico Tomás de Aquino. De manhã houve missa em honra do santo, na capela da Faculdade. À tarde, a cerimônia de inauguração, às 17h, com a presença do Presidente da mantenedora - Prof. Ir. Vendelino Weiland, dos Diretores das Faculdades de Filosofia – Prof. Ivo Wolf e de Ciências Políticas e Econômicas, Prof. Francisco Juruena, e representantes dos Centros Acadêmicos da Capital. Fizeram-se ouvir as palavras do Prof. Francisco Juruena, do Presidente do CASTA - Evan Fernandes, e do acadêmico Antônio Carlos Osório.

O Centro Acadêmico Santo Tomás de Aquino em 1947 realizou:

1.- *Dois concursos literários*. O melhor poeta da Faculdade e o melhor contista. Foram vencedores, do 1º - Jorge Fernandes, e do 2º - Betty Ielda Brognoli Borges Fortes.

2.- *Conferências*:

- *Aspectos da França hodierna*, a cargo do Prof. Irmão Roque Maria (Ernesto Daniel Stefani).

- *Minha segunda viagem ao Nordeste*, pelo Prof. Francisco Juruena.

- *Interação Científica*, pelo acadêmico Ney Duarte Luz.

3.- *Festa das Faculdades Católicas*. As quatro Faculdades maristas viveram horas de intensa vida social no dia 20 de setembro, em que os alunos se reuniram para comemorar o Dia das Faculdades Católicas.

O Centro Acadêmico Santo Tomás de Aquino, em 1948, sob a presidência de Antonio Carlos Osório realizou as atividades:

1) Festa de confraternização entre os alunos das Faculdades, que decorreu com entusiasmo e alegria.

2) Várias conferências:

A ciência moderna e a arte, pelo Prof. Eugênio Steinhof.

O existencialismo, pelo Prof. Ir. Dionísio Fuertes Álvarez.

3) A excursão às Missões teve grande sucesso na visita às cidades de Santo Ângelo e de Uruguaia.

4) Curso de preparação ao Artigo 91, funcionou com 50 alunos sob a orientação dos colegas Romeu Enzweiler e Primo Burile.

5) Excursão ao Rio de Janeiro e Belo Horizonte, de uma caravana de alunos orientados pelo Prof. Amyr Borges Fortes.

Em 1949 o Centro Acadêmico Santo Tomás de Aquino, sob a presidência de Enio Gualdi, manteve e desenvolveu as atividades dos anos anteriores.

Os membros do diretório com os membros dos diretórios de outras unidades acadêmicas começaram a organizar o Diretório Central de

Estudantes - DCE, fundado no dia 14 de outubro de 1949, dirigido inicialmente por uma junta presidida por Enio Gualdi.

## **Clube de Línguas Vivas**

O Clube de Línguas Vivas, criado a 5 de junho de 1946, por iniciativa do Prof. Ir. Dionísio Fuertes Alvarez e coadjuvado pelo Irmão Liberato, reunia os estudantes de Letras Neolatinas e Anglo-Germânicas para a prática das respectivas línguas através de palestras e de cantos. A primeira Diretoria ficou assim constituída:

Presidente: Judith Lucia Flesch; Vice-Presidente: Maria Helena Englert, Secretária: Bety Brognoli Borges Fortes.

O Clube de Línguas Vivas realizava reuniões semanais recreativas e instrutivas em espanhol, francês, inglês, alemão e italiano, proporcionando aos sócios a oportunidade de se exercitarem nesses idiomas.

O Clube de Línguas vivas ano 1948 teve a felicidade de ver duas sócias premiadas pelo *Comité Catholique des Amitiés Françaises*, pelos trabalhos apresentados pelas alunas: Louise Célestine Fontmorin - *Le Langage des Reines*; Yvone Debize Medaglia - *La France*.

O Clube teve a visita, por ocasião do 5º Congresso Eucarístico Nacional, do Bispo de Tocantins, Dom Alano Du Noday; a saudação ao eminente Prelado missionário coube ao Irmão José Próspero.

Os alunos do Curso de Anglo-Germânicas prepararam extenso e magnífico programa para a sessão lítero-musical para a celebração do centenário do falecimento em 24 de maio, da grande poetisa Annette Elisabeth Freiin von Drost-Hülshoff. Estiveram presentes numerosos acadêmicos e representantes do Centro Acadêmico Santo Tomás de Aquino e da Academia Literária Rui Barbosa.

## Academia Literária Rui Barbosa

Por iniciativa de alunos e professores do Curso de Letras Clássicas, foi criada em 23 de agosto de 1946 a Academia Literária Rui Barbosa, cuja primeira Diretoria ficou assim constituída:

Presidente - Ernani Alvares Cardoso. Vice-Presidente - Lory Rocha Coimbra. Secretário - Ir. Elvo Clemente. Tesoureira - Maria Bittencourt.

No primeiro aniversário da Academia houve uma sessão extraordinária em homenagem aos sócios beneméritos: Prof. Elpídio Ferreira Paes, Prof. Mario Bernd, Prof. Guilhermino César, Prof. Francisco Juruena. Além do panegírico aos estimados mestres, proferido por Luiz Gonzaga Ferreira Brum, o presidente preferiu uma palestra sobre a vida e obra de Antero de Quental.

A Academia continuou a vida literária nas três séries do Curso de Letras Clássicas reunidas em torno dos mesmos ideais.

Em 5 de maio de 1948, em assembléia geral, foi eleita a nova Diretoria presidida pelo colega Lourenço Colletto, sendo vice, José Nedel.

Incrementou-se o zelo em prol da Biblioteca clássica com a generosa contribuição de 25 obras pela Livraria do Globo e outras doações dos acadêmicos.

Houve no dia 2 de junho sessão solene em homenagem a Nossa Senhora com a colaboração do P.e Arlindo Barros que dissertou sobre o futuro dogma da Assunção de Maria; o Ir. Guido Maria recitou o poema de sua autoria: *Ave, Cheia de Graça*. O Prof. Mario Bernd encerrou a sessão com vibrante oração.

No dia 1º de setembro a Academia apresentou no Salão Nobre uma celebração à Semana da Pátria. A tese principal foi expressa pelo colega Astrogildo Fernandes, fundador e presidente da Sociedade de Geografia do Rio Grande do Sul. O Ir. Roberto Teódulo recitou o seu poema - *Oração à Bandeira*. O Prof. Francisco Juruena fechou com chave de ouro a esplêndida sessão patriótica.

A Academia conseguiu polarizar a atenção e a adesão dos colegas da Faculdade para a semana de preparação ao 5º Congresso Eucarístico Nacional.

### **Prêmio Humanitas**

Em outubro de 1946, o Prof. Elpídio Ferreira Paes, com o objetivo de estimular os estudos clássicos, instituiu o Prêmio *Humanitas*. O primeiro prêmio foi merecido pelo acadêmico Irmão Roberto Teódulo (Venício Brasileiro Facin) que elaborou uma tese sobre antiguidade escrita em latim.

### **Sessão solene**

No dia 13 de novembro a Academia realizou com o Clube de Línguas Vivas uma sessão de encerramento das atividades literárias da Faculdade. Recordam-se com saudades os lindos cantos do Clube, e sente-se ainda a angústia do drama de Arnold Coimbra - “Coração de meu coração”, interpretado pelo acadêmico Luiz Gonzaga Ferreira Brum.

### **Excursão do Curso de História Natural**

Os alunos de História Natural, coordenados pelo Prof Alarich Schultz, fizeram uma visita à Estação Experimental da Secretaria de Agricultura, em Capela.

### **A JUC e a Universidade**

Ruy Ruben Ruschel apresentou sucinto relatório da JUC, o mais recente ramo da Ação Católica, cuja autonomia na Arquidiocese data de 1946. A Juventude Universitária Católica foi respeitada e considerada pelos diretórios e federações de ambas as universidades como legítima entidade acadêmica. A sua finalidade foi de restaurar tudo em Cristo-Rei, dedicando-se

na recristianização do ambiente universitário. A JUC tomou a iniciativa de colaborar também em campos estranhos à Universidade: escrever em jornais, dar aulas de catecismo em escolas leigas, assistir aos doentes da Casa de Correção, auxiliar os pobres, relacionar-se com os círculos operários.

A JUC desenvolveu os programas: Voz da JUC, pelas rádios, a Casa da JUC, a revista Idade Nova com dez mil exemplares.

Em 1948 havia nas diversas unidades acadêmicas cinco núcleos da JUC: 2 na Faculdade de Filosofia - Santo Tomás de Aquino (masculino) e Maria Imaculada (feminino); 1 na Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas - São Mateus (masculino); a Faculdade de Direito tem o núcleo Beato Contardo Ferrini; na Escola de Serviço Social o núcleo é tão numeroso que se bipartiu.

A JUC realizou no salão nobre da Universidade o acontecimento máximo do ano: a 3ª Semana Nacional de Ação Católica.

## **Centro de Ciências**

Com o intuito de orientar os alunos da Faculdade para a investigação científica foi criado em princípios de 1948 o Centro de Ciências que veio juntar-se às outras organizações de investigação científica, filosófica, sociológica e literária.

O Centro de Ciências teve quatro departamentos: Física, Química, Biologia e Matemática, respectivamente com os alunos: Gastão Baumhardt, Willy Engel e Waldir H. Perez.



## **Centro de Pesquisas Filosóficas**

No dia 5 de maio de 1947 fundou-se o Centro de Pesquisas Filosóficas cujo patrono foi desde logo o eminente neotomista Jacques Maritain. Os criadores do Centro foram: Irmão Guy Maurice, Betty Brognoli Borges Fortes e Günther Fleischhut.

Em 1947 o Centro se dedicou ao estudo e discussão dos livros: *Les donnés immédiats de la conscience* e *De Bergson a Santo Tomás por Sebastião Tauzin*.

O Centro promoveu um ciclo de Estudos de Fisiologia nervosa, ministrado pelo Prof Dr. Ary Borges Fortes da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil.

O Prof. Ernani Maria Fiori acompanhou de perto e com solicitude desde os primeiros passos o Centro de Pesquisas Filosóficas.

Em 1948 o Centro retomou as atividades em 27 de agosto com a eleição da nova Diretoria, sendo presidente Betty Brognoli Borges Fortes. Realizaram-se sete sessões de estudos e debates. Em 6 de outubro o Prof. P.e Antonio Steffens, SJ fez a conferência sobre a filosofia de Nicolau Hartmann e sua aplicação na filosofia contemporânea.

Em 1949 realizou-se, por iniciativa da acadêmica Betty Brognoli Borges Fortes, presidente do Centro de Pesquisas Filosóficas, a I Jornada de Estudos Filosóficos com o apoio da direção da Faculdade e da Reitoria.

O convidado especial foi o grande tomista Cônego Dr. Octavio Nicolas Derisi, professor da Universidade de La Plata. O curso do Prof. Derisi foi um sucesso nunca visto, que demonstrou como a verdade bem exposta atrai os espíritos amantes da luz.

## **HOMENAGEM AO IRMÃO AFONSO**

Fundador da Faculdade e grande batalhador pela difusão do ensino no Brasil, egrégio apóstolo da educação, o Irmão AFONSO patenteou o quanto podem o saber e a virtude, quando uma vontade enérgica sabe pô-los em ação.

Professor por muitos anos, dotado de um talento de escol e de uma vasta e profunda erudição, tornou-se o Irmão Afonso uma figura destacada do nosso meio, um paradigma de peregrinas virtudes.

Inestimáveis foram os serviços por ele prestados à causa da educação. Real e profundo foi o bem que ele difundiu nas almas e nos corações.

A 2 de fevereiro de 1946, em sessão solene, a Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, convocada pelo Diretor Prof. Eloy José da Rocha, fez-lhe a entrega do diploma cujo teor é o seguinte:

*“Eu, Professor Eloy José da Rocha, Diretor da Faculdade Católica de Filosofia do Rio Grande do Sul, cumprindo resolução da Congregação dos Professores Catedráticos, e no uso de atribuições que me confere o Regimento Interno, declaro solenemente o reconhecimento do*

**Rev.<sup>mo</sup> Irmão AFONSO (Charles Désiré Joseph HERBAUX)**

*da Congregação dos Irmãos Maristas, pelos seus relevantes serviços prestados à dita Faculdade e ao ensino do Rio Grande do Sul, quer fundando e amparando este Instituto Superior, quer estimulando outras iniciativas no setor educacional, a que vem se consagrando, há longos anos, com alta compreensão da verdadeira cultura, zelo e capacidade excepcionais. Conquistou o Reverendo Irmão Afonso, por tais serviços*

### **A BENEMERÊNCIA**

*nesta Faculdade e fora dela, no domínio da educação no Rio Grande do Sul.*

*E, para testemunho público e permanente desse reconhecimento, mandei passar o presente documento.*

*Porto Alegre, 2 de fevereiro de 1946.*

*Eloy José da Rocha*

*Diretor"*

## **FALECIMENTO DO IRMÃO WEIBERT**

No dia 6 de setembro de 1947, sábado, no Instituto Champagnat, faleceu o Irmão Weibert (Auguste Marx) com a idade de 88 anos.

Natural da Lorena, França, nasceu a 23 de janeiro de 1859 no seio da família Marx, profundamente cristã.

No dia 20 de setembro de 1872 entrava para a vida religiosa, emitindo os votos a 17 de maio de 1874.

Durante 24 anos, até 1898, primeiro em Lille e depois em Paris, educou a juventude francesa, consagrando-lhe o verdor da mocidade e as energias nascentes.

Foi indicado para a direção de um colégio em terra estranha, Copenhague, Dinamarca, na alvura de sua paisagem de neve, vai ser teatro de suas realizações profícuas. A juventude dinamarquesa teve a felicidade de ser orientada por um homem clarividente a amigo, santo e puro, que desce até ele atraído pelo amor apostólico, para iluminar as inteligências e conquistar-lhe a alma para Deus.

Em 1880, o Superior Geral Irmão Teofânio, atendendo ao pedido de Dom Sebastião Laranjeiras, Bispo de Porto Alegre, propõe ao Irmão Weibert a ida para o Brasil Meridional. Foi assim que, providencialmente, tomou sobre seus ombros a espinhosa mas santa missão de educar a mocidade gaúcha. Lançando a semente do bem entre a mocidade do Rio Grande, funda colégios em vários municípios. Tornou-se verdadeiro fundador da Congregação dos Irmãos Maristas no Brasil Meridional. Foi pioneiro dessa cruzada de amor e de heroísmo - o magistério religioso, destinada à formação cristã da juventude.

Mestre consumado, consagrou a existência ao ensino. Compreendeu o alto sentido do magistério e, sem desfalecimento e sem conhecer recuos, realizava e educava, orientava e conduzia seus alunos à verdadeira vocação.

Seu nome há de renascer, a cada aurora, com a mesma constância com que será apontado como modelo a seguir e exemplo de uma vida santa.

O seu sepultamento foi realizado no Cemitério do Instituto Champagnat, local onde atualmente se erguem os majestosos prédios da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

## **IRMÃO AFONSO - “DOCTOR HONORIS CAUSA”**

A 2 de fevereiro de 1946 a Congregação de Professores da Faculdade Católica de Filosofia concedera o diploma de *Benemerência* ao Rev.<sup>mo</sup> Irmão Afonso, quando este, prestes a embarcar para a Europa, onde ia tomar posse do cargo de Assistente Geral da Congregação dos Irmãos Maristas, se despedia dos professores e alunos da Faculdade.

A Congregação dos Professores, porém, desejando honrar condignamente aquele a quem a Faculdade deveu a fundação, decidiu conceder-lhe o mais alto dos títulos honoríficos, o de “*Doctor Honoris Causa*”.

Sobre o direito dessa concessão, foi consultado o Senhor Jurandyr Lodi, Superintendente do Ensino Superior que, em telegrama ao Diretor da Faculdade de Filosofia, declarou não somente concordar com a concessão do título, mas associar-se a tão merecida homenagem, conhecendo como conhecia os insuperáveis méritos do Irmão Afonso nos setores da Instrução e da Educação no Rio Grande do Sul.

Em vista disso, decidiu a Congregação dos Professores, reunida em sessão ordinária a 3 de agosto de 1946, por unanimidade de votos, conceder ao Irmão Afonso o diploma de *Doctor Honoris Causa*.

Foi decidido, outrossim, que o diploma, imediatamente elaborado, fosse remetido para a França, onde o Irmão Afonso se encontrava, e se um

dia o mesmo voltasse a Porto Alegre, em sessão solene da Congregação, lhe fosse prestada a homenagem a que fez jus.

## **VISITA DE DOM JAIME BARROS CÂMARA**

No dia 18 de julho de 1946 a Faculdade recepcionou o Cardeal do Rio de Janeiro, Dom Jaime Barros Câmara.

A numerosa assistência de professores e alunos recebeu entusiasticamente o príncipe da Igreja, sendo saudado pelo Prof. Francisco Juruena. Respondendo, o senhor Cardeal, comovido, disse de sua imensa satisfação em visitar as Faculdades Católicas do Rio Grande do Sul, dirigidas pelos Irmãos Maristas, beneméritos educadores em todo o Brasil.

## VI

### ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

---

#### ANTECEDENTES - SEMANAS DE AÇÃO SOCIAL

Desde 1930 um grande movimento sensibilizou os líderes católicos - as Semanas de Ação Social, em que se estudavam os problemas mais salientes na sociedade para os quais se procuravam soluções.

No dizer da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leônia Capaverde Bulla em sua tese:

“As Semanas Sociais do Brasil foram promovidas pelo grupo de Ação Social, fundado em 15 de junho de 1936, no Rio de Janeiro, por iniciativa do Cardeal Arcebispo Dom Sebastião Leme e do líder católico Hanibal Porto, que presidiu a entidade por vários anos. A partir de 1940 a presidência das Semanas de Ação Social foi assumida por Roberto Sabóia de Medeiros, sacerdote jesuíta, fundador da Ação Social de São Paulo.

“As Semanas Sociais mobilizaram grande público local e regional, atraindo personalidades de todo o País, preocupados com as questões sociais, o que exigia intenso trabalho preparatório. Com esse objetivo, esteve em Porto Alegre, nos dias 6 e 7 de janeiro de 1944, o presidente das Semanas, Roberto Sabóia de Medeiros. Obteve a aprovação do Arcebispo Dom João Becker e o apoio de Ernesto Dorneles, Interventor Federal no Estado do Rio Grande do Sul. Na ocasião foi constituída a comissão executiva local, encarregada de organizar a Semana nos próximos meses. Entre outros líderes gaúchos, compuseram a comissão: Armando Pereira da Câmara, Adroaldo Mesquita da Costa, Ernani Maria Fiori, Carlos de Brito Velho, Daniel Faraco e Mario Goulart Reis, todos católicos militantes, empenhados na vivência da Doutrina Social da Igreja.”.

Assim continua a Dr<sup>a</sup> Leônia Capaverde Bulla:

“As sessões de estudos da V Semana Social se desenvolveram em Porto Alegre, na sede da Associação dos Professores Católicos, no período de 24 de setembro a 1º de outubro de 1944. Houve, também, atividades externas, de visitas a obras sociais da cidade. A sessão de encerramento foi realizada no Teatro São Pedro, com a participação de grande platéia.

“Além das elites católicas, estiveram presentes nas reuniões da V Semana, autoridades estaduais e municipais, expressivo número de militantes e de instituições católicas que atuavam no campo social, tais como o presidente da Federação dos Círculos Operários Católicos do Rio Grande do Sul, Belmonte Macedo, funcionário da Viação Férrea do Rio Grande do Sul.

“A Semana de Ação Social merece um destaque especial, não só por aquilo que muitos católicos presentes fizeram, mas pelo papel importante que tiveram na Fundação da Escola de Serviço Social de Porto Alegre. Os discursos proferidos na ocasião são reveladores da visão de mundo do grupo fundador da Escola.

Nas conclusões implícitas da V Semana de Ação Social de Porto Alegre, está a resolução de fundar o Curso de Serviço Social à semelhança do Instituto Social do Rio de Janeiro cujos representantes tiveram projeção significativa nas conferências e debates do evento. “Por esse motivo, conclui Leônia Capaverde Bulla, a V Semana de Ação Social é considerada um marco histórico na fundação da Escola de Serviço Social de Porto Alegre”.

A história da Escola de Serviço Social teve o início na semente lançada no dia 28 de setembro de 1944 na 5ª sessão das “Semanas de Ação Social” do Brasil. As “Semanas de Ação Social” eram promovidas no Brasil pelo grupo de ação social dirigido pelo P.e Roberto Saboia, SJ. A 5ª sessão realizou-se em Porto Alegre de 24 a 30 de setembro de 1944 na sede da Associação dos Professores Católicos, à Rua Marechal Floriano.

Encerrados os trabalhos da Semana de Estudos de Ação Social, realizaram-se várias reuniões na casa do Dr. Carlos de Brito Velho, com o

objetivo de examinar as possibilidades da fundação imediata da Escola. Entre os participantes das reuniões estavam, entre outros, o Dr. Laudelino Teixeira de Medeiros, o Dr. Ernani Maria Fiori e o Dr. Victor de Brito Velho.

Aylda Pereira, personalidade importante na Semana de Ação Social, dias mais tarde escreveu para saber das possibilidades da fundação da Escola de Serviço Social em Porto Alegre. O Prof. Eloy José da Rocha, Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, recebeu com simpatia e entusiasmo a idéia de Mario Goulart Reis de abrir a Escola, anexa à Faculdade de Filosofia. Exposta a idéia ao Irmão Afonso, este desde logo quis ter conhecimento do material existente: os Estatutos e o Regulamento da Escola de Serviço Social de São Paulo e o artigo de Aylda Pereira sobre Aspectos do Serviço Social no Rio de Janeiro, em 1943. Novamente a Congregação dos Irmãos Maristas abria as portas para a fundação de novo instituto superior de ensino, dessa vez atendendo a demanda de formação de mão-de-obra especializada na assistência social dos funcionários da Viação Férrea do Rio Grande do Sul.

A Prof.<sup>a</sup> Aylda Pereira, em carta escrita a 23 de outubro de 1944 à Madre Benícia, Diretora do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, manifestou a satisfação em saber que o Dr. Eloy José da Rocha era favorável à fundação; “Se isso se realizasse, ficaríamos absolutamente tranqüilas, pois solução melhor não haveria para garantir ao Serviço Social a orientação católica. E conclui:

“Estamos certas de que a senhora Madre juntamente com a Irmã Evódia saberão escolher as melhores candidatas, sob todos os pontos de vista, para que o trabalho de Assistentes sociais e Educadores familiares se inicie em Porto Alegre, orientado por pessoas capazes intelectualmente e moralmente”.

O Irmão Faustino João escreveu ao Irmão Afonso longa carta em que relatava o encontro com o grupo de Ação Católica interessado em criar a Escola de Serviço Social fornecendo valiosas sugestões de como organizá-la



e indicando professores e assistentes sociais que poderiam colaborar com a Escola desde o começo.

## **FUNDAÇÃO DA ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL**

*No dia 25 de março de 1945, na sede da Faculdade Católica de Filosofia, à Praça Dom Sebastião, nº 2, reuniram-se os senhores Irmão Afonso, Irmão Faustino João, Irmão José Otão, Dr. Mário Goulart Reis e o Dr. Francisco Casado Gomes; ficou resolvida, naquela data, a fundação da Escola de Serviço Social. Ato contínuo, o Irmão Afonso nomeou o Dr. Mário Goulart Reis para exercer a Direção da Escola, a União Sul Brasileira de Educação e Ensino assumia a responsabilidade de mantenedora. Na mesma reunião foram tomadas algumas medidas tais como a escolha do corpo docente, organização do plano de propaganda, estabelecimento de exigências para a matrícula, a necessidade de convidar a Prof<sup>a</sup> Germaine Marsaud, Diretora do Instituto Social do Rio de Janeiro, para ministrar aulas e dar orientações sobre o funcionamento da nova Escola. O secretário nomeado pelo Irmão Afonso foi o Dr. Francisco Casado Gomes.*

Em 1945 se matricularam 55 alunos que tiveram as seguintes disciplinas: Religião, Ética, Sociologia, Economia Política, Direito Civil, Biblioteconomia, Psicologia, Higiene, Anatomia, Fisiologia, Dietética, Puericultura e Serviço Social. A última disciplina esteve, no início, a cargo da Prof<sup>a</sup> Germaine Marsaud. Ao retornar ao Rio de Janeiro, ficou a Assistente Social Odette Azevedo enviada pelo Instituto Social. Em 1947 foi designada a Assistente Social Stella Penna Botto para as disciplinas teórico-práticas de Serviço Social.

A nova Escola ampliou sua promoção com conferências em cidades do interior: Cruz Alta, Santa Maria, São Leopoldo, Rio Grande e Bagé, e nos grandes colégios da Capital: Sévigné e Bom Conselho.

Houve duas dificuldades que foram sendo superadas ao longo dos anos de 1947 a 1950: a falta de professoras com o título de Assistente Social.

O Dr. Mario Goulart Reis conseguiu contratar professoras do Instituto Social do Rio de Janeiro, a já mencionada Stella Penna Botto e Isabel de Carvalho. A segunda dificuldade de importância capital: as obras sociais se negavam ou opunham grandes entraves à aceitação de nossos alunos como estagiários, temendo a crítica de seus serviços e a devassa de suas falhas.

## **SERVIÇO SOCIAL COM OUTRA CONGREGAÇÃO**

O Irmão Afonso e a Província dos Irmãos Maristas do sul do Brasil haviam recebido a Escola de Serviço Social de braços abertos em 1945 no ato de sua fundação. Havia, porém, outras idéias em movimento que desejavam ver a Escola fora do âmbito da Faculdade de Filosofia e sob a égide de uma Congregação Religiosa feminina. A mentalidade da época, entre os superiores maiores dos Irmãos Maristas, relutava em admitir alunas nas escolas dirigidas ou mantidas pelos Irmãos. A Escola funcionou algum tempo num prédio na Rua André Puente, cedido pelo Dr. Heitor Cirne Lima. O Irmão Faustino João, atendendo o desejo dos Superiores, dirigiu-se a São Paulo para falar com o Cardeal Carlos Vasconcellos Motta, era no dia 9 de janeiro de 1950. Solicitou a Sua Eminência que interviesse junto das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, de Campinas, para assumirem a Direção da Escola. Ao mesmo tempo falou com Mons. Emílio Salim, Reitor da Universidade Católica de Campinas, fazendo-lhe pedido semelhante. Teve, outrossim, uma entrevista com a Superiora Geral das Irmãs Missionárias.

A 27 de janeiro de 1950, o Irmão Faustino João recebeu o telegrama da Superiora Geral: “Estudando o nosso compromisso verifiquei ser impossível aceitação Escola Serviço Social, mesmo depois de três anos”.

## **RECONHECIMENTO DA ESCOLA**

A Escola nasceu como unidade anexa à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A profissão de Assistente Social foi regulamentada pela Lei

n. 1899 de 13 de junho de 1953. Depois dessa data as Escolas de Serviço Social podiam solicitar o reconhecimento no Ministério da Educação e Cultura, nos termos do Decreto n. 35.311 de 2 de abril de 1954.

O Conselho Administrativo da Escola entendeu que o pedido de reconhecimento pelo MEC devia ser feito pela Direção; o Irmão Faustino João era de parecer de que o pedido devia partir da mantenedora, a USBEE.

Houve tentativa por parte da maioria do Conselho Técnico Administrativo de constituir outra entidade mantenedora e desse modo desvincular-se da Universidade.

No dia 16 de agosto de 1954 a Escola se transferiu para o Clube São Luís, sito à Av. Independência, 925, propriedade do Dr. Heitor Cirne Lima. Na transferência de sede não foi possível levar a biblioteca, os documentos da secretaria e o arquivo.

O processo de reconhecimento estava em andamento e o Inspetor Federal Dr. Walter Clemente, encarregado da verificação, chegara a Porto Alegre. Autorizou a abertura da secretaria da Escola a fim de colher os dados necessários.

A mantenedora USBEE, diante da atitude intempestiva da Direção da escola e de alguns professores, recorreu à Direção do Foro de Porto Alegre. O Dr. Arno Schilling ficou incumbido pela USBEE de mover a ação. O Juiz Mário Boa Nova em sentença exarada no dia 9 de outubro de 1954 deu de causa à USBEE, qualificando o proceder da Escola, de “atitude que se afasta tanto das regras jurídicas, quanto dos preceitos morais”.

A fim de dirimir as dificuldades e os mal-entendidos, foi celebrado em 18 de outubro de 1954, um convênio entre a USBEE e a ESSPA (Escola de Serviço Social de Porto Alegre), devidamente assinado pelo Prof. Emílio Hostyn pela USBEE e pelo Prof. Laudelino Teixeira Medeiros pela ESSPA.

Desse acordo surgiu a incorporação da Escola de Serviço Social à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul no ato do seu

reconhecimento, assumindo a União Sul Brasileira de Educação e Ensino o local para funcionamento e desenvolvimento dos cursos e sua manutenção.

A Faculdade de Serviço Social teve o reconhecimento pelo Ministério de Educação e Cultura pelo Decreto nº 38.578 de 1956, publicado no Diário Oficial da União no dia 24 de fevereiro do mesmo ano.

## VII

### FACULDADE DE DIREITO

---

Na década de 1940 havia no Estado duas Faculdades de Direito, em Porto Alegre e Pelotas. Sentia-se uma demanda forte para o surgimento de nova Faculdade que propiciasse formação jurídica a tantos jovens que aspiravam ao título de bacharel e às profissões dele oriundas.

A idéia estava no ar, como resposta à necessidade crescente de nova Faculdade de Direito. Houve solicitação à Cúria dos Padres Jesuítas para que se ocupasse do assunto.

Com vista à formação da Universidade e a dar uma resposta à juventude desejosa de ter mais uma Faculdade de Direito, o Irmão Afonso, consultado sobre a oportunidade do novo empreendimento de ensino, de Lyon, França, enviou o telegrama: “FACULTÉ DROIT MARISTE”.

A União Sul Brasileira de Educação e Ensino, apoiada pelo Prof. Armando Pereira Câmara e outros professores, resolveu assumir a criação da Faculdade, providenciando com o encaminhamento do pedido ao Ministério de Educação em agosto de 1946.

O Dr. Walter Clemente, Inspetor da Faculdade de Direito de Curitiba, foi nomeado pelo Sr. Ministro, a fim de proceder à verificação das condições de funcionamento da nova entidade.

A verificação realizou-se nos dias 18, 19, 20 e 21 de outubro dando como resultado um longo relatório enviado ao Ministério da Educação e Cultura.

O Conselho Nacional de Educação deu parecer favorável, culminando com o decreto de autorização, datado de 13 de janeiro de 1947, com o n. 22.442 e publicado no Diário Oficial de 18 de janeiro de 1947.

Para o exame vestibular, em março, se inscreveram 60 candidatos. Foram aprovados 41, apesar de terem sido oferecidas 50 vagas.

No ato de inauguração o Prof. Armando Câmara pronunciou excelente discurso do qual destacamos os parágrafos:

“A Faculdade de Direito é uma promissora realidade cultural, uma atuante força apostólica.

“Seu corpo docente é integrado por figuras expressivas da cultura jurídica do Rio Grande. Vários de seus mestres eram já consagrados professores da Universidade do Estado.

“Seu corpo discente constituído por algumas dezenas de jovens acadêmicos, dá-me a tônica impressão de uma elite de espíritos votados à alta missão de dizer e aplicar a justiça a toda uma geração como a nossa conturbada por espetáculos de violência e primarismos.

“Nos meus quinze anos de magistério público, poucas vezes encontrei alunos tão bem dotados intelectualmente, tão famintos de cultura e orientação”. (Anais de 1947, p. 321).

A nova Faculdade ficou assim constituída:

Sociedade Mantenedora: União Sul Brasileira de Educação e Ensino.

Diretor: Dr. Armando Pereira Corrêa da Câmara.

Secretário: Dr. Francisco Casado Gomes.

Conselho Técnico-administrativo:

Armando Dias de Azevedo Francisco Juruena

Baltazar Gama Barbosa Ruy Cirne Lima

Camilo Martins Costa Walter Eustáquio Becker

Corpo docente - Professores catedráticos:

Introdução à Ciência do Direito - Ernesto Daniel Stefani

Direito Romano - Elpídio Ferreira Paes

Economia Política - Salomão Torrecilla Vesga

Direito Constitucional - Camilo Martins Costa

Ciência das Finanças - Walter José Diehl

Direito Civil - José Luiz de Almeida Martins Costa

Armando Dias de Azevedo

Antônio César Alves

Walter Eustáquio Becker

Direito Penal - Celso Soares Pereira

Hernani Estrela

Direito Comercial - Adroaldo Mesquita da Costa

Teoria Geral do Estado - Darcy Azambuja

Direito Público Internacional - Francisco Juruena

Direito Judiciário Civil - Anor Buttler Maciel

Hélio Hoffmann

Direito Judiciário Penal - Baltazar Gama Barbosa

José Salgado Martins

Direito Administrativo e Ciência da Administração – Ruy Cirne Lima

Direito Internacional Privado - Ney da Silva Wiedemann

Medicina Legal - Carlos Bento

Direito Industrial e Legislação do Trabalho - Eloy José da Rocha

Filosofia do Direito - Armando Pereira C. da Câmara

Direito Canônico - P.e Afonso Schmidt.

A gestão de Armando Corrêa da Câmara na direção da Faculdade prolongou-se de 12 de fevereiro de 1947 a 8 de dezembro de 1948, quando foi escolhido para assumir a Reitoria da Universidade Católica, reconhecida oficialmente pelo Decreto n. 25.794, de 9 de novembro de 1948.

Assumi a Direção o Prof. Armando Dias Azevedo, insigne jurisconsulto, catedrático de Direito Civil e prócer católico com inúmeros serviços prestados à Igreja e à Comunidade.

No decorrer de sua administração no triênio de 8.12.48 a 8.12.1951, deu forma definitiva à Escola, pois esta completou cinco anos, tempo mínimo do curso de bacharelado, tendo colado grau a primeira turma. No dia 4 de dezembro de 1951 a Faculdade teve o reconhecimento do Ministério da Educação e Cultura pelo Decreto n. 30.239, de 4.12.51, publicado no D.O. de 10.12.51.

## **CENTRO ACADÊMICO MAURÍCIO CARDOSO**

Já nos primeiros dias de funcionamento da nova Faculdade, manifestou-se entre os alunos a vontade unânime de se congregarem o corpo discente numa entidade representativa. No dia 12 de março de 1948 houve uma reunião geral e resolveu-se fundar o Centro Acadêmico. Nomeou-se a comissão destinada a preparar o anteprojeto de Estatuto. A 25 de março a assembléia geral inaugurava o Centro Acadêmico Maurício Cardoso, cujo nome perpetua a lembrança da grande personalidade jurídica do Rio Grande, falecida tragicamente em acidente aéreo, em 22.5.1938.

O primeiro Diretório ficou assim constituído por eleição:

Presidente - Garibaldi Barreto

1º Vice-presidente - Ney Duarte Luz

2º Vice-presidente - Ruy Rubens Ruschel

Secretário geral - Renato Castro Mota

1º Secretário - Arquimedes de Almeida

1º Tesoureiro - Fernando von Poser

2º Tesoureiro - Vinicius Mainieri.

Diretores de departamentos: Mario Carus Bicca, Sérgio Bento, René Velloso, Lourdes Panatieri, Hilda Campos, Wadie Salomão e José Alexandre Zacchia.

O novo Centro Acadêmico projetou-se no cenário universitário do Estado e do País por suas atividades sociais, políticas e culturais, tais como: criação do curso prático de Técnica Jurídica, dirigido pelo Prof. Dr. Anor Buttler Maciel, concerto e hora de arte na cidade de Rio Grande em benefício da caixa da Casa do Universitário Católico, fundada nesse ano por iniciativa dos centros acadêmicos das Faculdades Católicas; participações nas festividades do Dia das Faculdades Católicas; foi reconhecido pela União Estadual dos



Estudantes e pela Federação dos Estudantes Livres de Porto Alegre e às quais se filiou.

Em união com os centros acadêmicos Visconde de Mauá, Santo Tomás de Aquino e Germaine Marsaud realizou a fundação do Diretório Central dos Estudantes, em 14 de outubro de 1949, com a junta governativa, presidida pelo acadêmico Enio Gualdi.

Na União Estadual dos Estudantes (UEE) e na Federação de Estudantes Livres de Porto Alegre, (FELPA) o Centro Acadêmico Maurício Cardoso teve dois representantes nas presidências: Alceu Loureiro Ortiz e Alcebíades Leal.

Em 1948 o CAMC colaborou decisivamente para a ereção da herma em homenagem ao Irmão Weibert, fundador da obra marista no Rio Grande do Sul, falecido em 1947. No ato da inauguração o acadêmico José Alexandre Zacchia proferiu o panegírico.

## VIII

### CONSTITUIÇÃO DA UNIVERSIDADE

---

#### **IDÉIA, DESENVOLVIMENTO E CONCRETIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE**

O Irmão Afonso, pessoa de amplos horizontes no campo da ciência, da cultura e do apostolado, viu longe ao fundar a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas. Seu desígnio não era parar nessa etapa.

O Governo do Estado, sensibilizado e motivado para a idéia da fundação de uma Universidade, nomeou uma comissão especial para tal fim. Foi ela constituída de professores representantes da Escola de Engenharia - Ary de Abreu Lima e Egydio Hervé; da Faculdade de Direito - Francisco Rodolfo Simich e Leonardo Macedônia; e da Faculdade de Medicina - Luiz Francisco Guerra Blessmann e Martim Gomes. Para presidi-la foi nomeado o Secretário do Interior João Carlos Machado.

O Interventor, Gen. José Antonio Flores da Cunha, convidou dois representantes da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas para participar da Comissão Pró-Universidade. O Prof. Eloy José da Rocha, Diretor da Faculdade, designou os professores Carlos Thompson Flores Neto e Vicente Marques Santiago.

O Irmão Afonso ofereceu a Faculdade, reconhecida pelo Decreto n. 23.993, de 12 de março de 1934, para fazer parte da futura Universidade. A Comissão não julgou oportuno, por insuficiência de recursos, incluir o Curso Superior de Administração e Finanças da USBEE, no rol das Faculdades da futura Universidade de Porto Alegre, criada pelo Decreto n. 5.758 de 20 de novembro de 1934.

Além da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, o Irmão Afonso ofereceu à Comissão organizadora o projeto pronto da Faculdade de

Educação, Ciências e Letras, Unidade Acadêmica necessária à constituição da Universidade, conforme os termos do Estatuto das Universidades Brasileiras constante do Decreto n. 19.851 de 11 de abril de 1931.

A recusa da inclusão das duas Faculdades magoou profundamente o Irmão Afonso. Envidou todos os esforços para reverter a situação junto do Governo do Estado. A idéia e o projeto de Universidade não esmoreceram.

Foram veementes as palavras dirigidas em carta ao Interventor, da qual destacamos alguns parágrafos:

*“Logo que o Governo Provisório baixou o Decreto criando as Faculdades de Educação (isso quando ainda no Rio Grande do Sul não se falava em Instituição similar), entreguei-me ao trabalho bastante intenso, de planejar e organizar a futura Faculdade. E assim procedi, não porque me impelisse um móvel inconfessável, mas porque os Irmãos Maristas possuem, no Estado, oito ginásios com cerca de oito mil alunos, o que me impunha o dever de procurar, cumprindo a exigência legal, pôr os professores à altura do ensino preconizado pela Reforma. Para isso me fora mister criar a Faculdade de Educação, já que outra não havia aqui. E lancei-me à tarefa com todo o afã. Depois de devidamente estudado o plano da minha Faculdade, tive o prazer de submetê-lo a pessoas entendidas tais como os doutores e professores: Guerra Blessmann, João Lüderitz, João Carlos Machado e Darcy Azambuja, os quais o consideraram excelente.*

*“Encorajado pela aprovação e pelos louvores, continuei o meu labor na organização dos currículos e na seleção do corpo docente, com o precioso auxílio do Prof Dr. Eloy José da Rocha”.*

A Faculdade de Educação, com o objetivo primordial de formar professores para o segundo grau, era peça *sine qua non* para a formação da Universidade, nos termos do Decreto n. 19.851 de 11 de abril de 1931.

O Irmão Afonso somou todos os esforços para criar a Faculdade de Educação que seria mais um degrau vencido para a fundação da Universidade. Em vista disso requereu no dia 22 de fevereiro de 1939 a

autorização de funcionamento. No dia 26 de março de 1940, no Salão Nobre da Faculdade de Direito da Universidade de Porto Alegre, foram instalados os cursos da Faculdade de Educação.

Por ocasião da bênção da pedra angular do edifício destinado à sede da Faculdade Livre de Educação, Ciências e Letras, no dia 8 de dezembro de 1943, o Arcebispo Metropolitano, Dom João Becker, assim se expressou na parte final de sua oração:

“Meus parabéns, pois, ao ilustre corpo docente e dignos alunos, bem como aos reverendos Irmãos Maristas que mantêm este Estabelecimento de Ensino Superior com abnegação e sacrifícios” (ANAIS da Faculdade de Educação, Ciências e Letras, de Porto Alegre, 1943, p. 126).

A criação da *Escola de Serviço Social* em 1945 veio reforçar a idéia e encurtar o caminho para a *Universidade*.

Era necessário, porém, fundar a Faculdade de Direito, unidade acadêmica indispensável para o fim colimado, a Universidade. O Decreto nº. 22.442 de 13 de janeiro de 1947 autorizou o funcionamento dos cursos jurídicos.

A União Sul Brasileira de Educação e Ensino (USBEE) vendo que as Faculdades de Ciências Políticas e Econômicas, de Filosofia, Ciências e Letras, de Serviço Social e de Direito, estavam habilitadas a se transformarem em Universidade, requereu ao Ministro de Educação e Saúde - Dr. Clemente Mariani, a equiparação da Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Eis a íntegra do pedido enviado ao senhor Ministro da Educação e Saúde, cujo Processo foi protocolado sob o n. 41.137/47:

“A UNIÃO SUL BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E ENSINO, sociedade civil dos Irmãos Maristas, vem requerer a Vossa Excelência, com fundamento no Decreto-Lei n. 19.851 de 11 de abril de 1931, n. 24.279 de 22 de maio de 1934 e Decreto-Lei n. 8.547, de 26 de dezembro de 1945 a equiparação, como Universidade Livre, da Universidade Católica de Porto Alegre e aprovação de seus Estatutos.

*“Esta Universidade congrega, em unidades universitárias, a Faculdade de Filosofia, Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, Faculdade de Direito, e a Escola de Serviço Social de Porto Alegre. Dispõe de capacidade didática, comprovada pelo fato de autorização, pelo Governo Federal, de funcionamento dos três Institutos de Ensino Superior, além do reconhecimento, já decretado, de dois desses institutos.*

*“A requerente, como fundadora e mantenedora da Universidade, assegura-lhe recursos financeiros, que possibilitem o funcionamento normal dos cursos e a plena eficiência da atividade universitária. Submete-se a Universidade às normas gerais estabelecidas na legislação federal, como se vê de seus Estatutos. Solicita a suplicante que, feita a verificação da satisfação dos requisitos legais, se digne Vossa Excelência mandar o processo à consideração do egrégio Conselho Nacional de Educação. Instruem o pedido:*

*a) os Estatutos da União Sul Brasileira de Educação e Ensino, fundadora e mantenedora da Universidade;*

*b) os Estatutos da Universidade, aprovados pela mesma União Sul Brasileira de Educação e Ensino;*

*c) os regimentos internos dos Institutos e instituições incorporadas.*

*As demais exigências legais serão oportunamente atendidas perante o órgão verificador.*

*Porto Alegre, 15 de abril de 1947*

*Irmão VENDELINO*

*Presidente da USBEE”*

## **APROVAÇÃO**

O processo n. 41.137/47 foi relatado pelo Prof. Reinaldo Porchat, cujo parecer n. 248 foi lido no Conselho Nacional de Educação a 4 de setembro de 1947. Como ele opinasse pelo indeferimento do pedido alegando falta de recursos para a manutenção da Universidade, visto nada constar sobre o

assunto no processo, o Conselheiro Alceu de Amoroso Lima propôs que o mesmo baixasse em diligência a fim de que o requerente pudesse informar sobre o mesmo, tendo esta sugestão sido aprovada pelo plenário.

A entidade mantenedora procurou reunir os laudos de avaliação judicial dos imóveis que constituem o seu patrimônio e remeteu o respectivo relatório ao Ministério a 18 de julho de 1948.

O processo assim informado foi relatado pelo Prof. Paulo Pereira Horta e entrou em discussão a 23 de agosto de 1948 no Conselho Nacional de Educação, cujo parecer n. 323 optou pela equiparação da Universidade Católica do Rio Grande do Sul constituída pelos seguintes estabelecimentos:

Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

Faculdade de Direito

Escola de Serviço Social (agregada).

Faltava ainda a aprovação dos Estatutos da Universidade. O anteprojeto apresentado pela Sociedade Mantenedora a 15 de abril de 1947 foi considerado em desacordo com a lei vigente e teve de ser reformulado.

Por esse motivo, o Irmão Faustino João seguiu para o Rio de Janeiro a 20 de setembro de 1948, a fim de elaborar junto com técnicos do Ensino Superior, um substitutivo dos Estatutos que foi apresentado ao C.N.E. a 8 de outubro de 1948.

Finalmente, a 3 de novembro de 1948 o C.N.E. aprovou a equiparação da Universidade e os Estatutos da mesma, pelo parecer n. 428 cujo relator foi o Dr. Jurandir Lodi.

O Presidente da República assinou o *Decreto n. 25.794 de 9 de novembro de 1948*, que concede prerrogativas de equiparação à Universidade Católica do Rio Grande do Sul com a aprovação do respectivo Estatuto:

*“O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 87, n. 1, da Constituição, e nos termos do art. 3º do Decreto n. 24.279 de 22 de maio de 1934, RESOLVE:*

*Art. 1º - São concedidas à Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com sede em Porto Alegre, as prerrogativas de equiparação e fica aprovado o seu Estatuto, que com este vai abaixo-assinado pelo Ministro do Estado de Educação e Saúde.*

*Art. 2º - Este decreto entrará em vigor a partir da data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário.*

*Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1948, 127º da Independência e 60º da República.*

*(Ass.) Eurico Gaspar Dutra  
Clemente Mariani”.*

## **Ata da Instalação da Universidade Católica do Rio Grande do Sul**

*“Aos oito dias do mês de dezembro do ano de 1948, reuniram-se no edifício da Universidade Sua Ex.a Rev.ma Dom Vicente Scherer, Arcebispo de Porto Alegre e Chanceler da Universidade; Prof Eloy José da Rocha, Secretário de Educação; Prof Armando Pereira da Câmara, Reitor Magnífico; Rev.mo Irmão Vendelino, Superior Provincial dos Irmãos Maristas; Ir. José Otão, Vice-Reitor da Universidade; Ir. Faustino, Secretário ad hoc; Prof Antônio César Alves, Diretor da Faculdade de Filosofia; Prof Francisco da Silva Juruena, Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas; Prof Armando Dias de Azevedo, Diretor da Faculdade de Direito; Engº Mário Goulart Reis, Diretor da Escola de Serviço Social; os membros do Conselho Universitário: Darcy Azambuja, Ruy Cirne Lima e Oswaldo Ehlers; os professores Ernani Maria Fiori, Luiz Pila e Ivo Wolf do C.T.A. da Faculdade de Filosofia; os professores José Salgado Martins e Walter Becker do C.T.A. da Faculdade de Direito; os professores Mem de Sá e Ney Chrysóstomo da Costa, do C.T.A. da Faculdade de Ciências Econômicas; Cônego Alberto Etges, representante do*

*Arcebispo no Conselho Superior; Dr. João Zurlo, Secretário da Faculdade de Filosofia e da de Ciências Econômicas; Dr. Francisco Casado Gomes, Secretário da Faculdade de Direito e da Escola de Serviço Social; os acadêmicos Antônio Osório, Garibaldi Barreto e Herbert Berta, respectivamente, Presidentes dos Centros Acadêmicos Santo Tomás de Aquino, Maurício Cardoso e Visconde de Mauá.*

Sua Ex.a Rev.ma Dom Vicente Scherer abriu a sessão, expressando a sua satisfação por instalar nesse dia tão memorável a Universidade Católica do Rio Grande do Sul. A seguir o Secretário *ad hoc* fez a leitura das Portarias nomeando o Reitor, o Vice-Reitor, os Diretores das Faculdades de Filosofia, Direito e Ciências Econômicas e o representante do Arcebispo no Conselho Superior.

Logo a seguir, o Sr. Arcebispo deu posse do respectivo cargo a cada um dos recém-nomeados:

Armando Pereira da Câmara, Reitor

Irmão José Otão, Vice-Reitor

Antônio César Alves, Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

Francisco Juruena, Diretor da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas.

Armando Dias de Azevedo, Diretor da Faculdade de Direito.

Mário Goulart Reis, Diretor da Escola de Serviço Social.

O Prof. Armando Pereira da Câmara, Reitor Magnífico, num breve discurso salientou a importância de uma Universidade Católica e sua verdadeira missão nos tempos atuais. Após a sua oração que foi muito aplaudida, o Sr. Arcebispo encerrou a sessão congratulando-se pelo magno acontecimento e formulando ardentes votos para que a Universidade seja um luzeiro a iluminar o roteiro das novas inteligências.”



## **Bênção do Episcopado Nacional**

Reunidos no Rio de Janeiro em conferência episcopal, os Ex.mos Sr.s Cardeais, Arcebispos e Bispos do Brasil concederam à futura Universidade Católica do Rio Grande do Sul, uma preciosa bênção exarada no seguinte documento:

“Nós, Cardeais, Arcebispos e Bispos, abençoamos de coração a UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, dirigida pelos Irmãos Maristas e pedimos a Deus as bênçãos sobre tão grandiosa obra para honra da Igreja e da Pátria.

Rio de Janeiro, 6 de junho de 1948.

Assinam:

*Jaime, Cardeal Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro*

*Carlos, Cardeal Motta, Arcebispo de São Paulo*

*Antônio, Bispo de Santa Maria*

*João, Bispo de Caratinga*

*Antônio, Arcebispo de Belo Horizonte*

*Adalberto, Bispo de Pesqueira*

*João, Bispo de Manaus*

*José, Bispo de Caicó*

*Fernando, Bispo de Penedo*

*Henrique, Bispo de Cajazeiras*

*Frei Cândido Maria, Bispo Prelado de Vacaria*

*José, Bispo de Barra do Piraí*

*Luiz, Bispo do Espírito Santo*

*Antônio, Bispo de Jaboticabal*

*Aristides, Bispo de Montes Claros*

*Francisco, Bispo de Taubaté*

*José, Bispo de Oliveira*

*Pedro, Bispo titular de Hebron*

*Alexandre, Bispo de Uberaba*  
*Aureliano, Bispo de Limoeiro*  
*Mário, Arcebispo de Belém do Pará*  
*Mons. Avelar Brandão, Bispo eleito de Petrolina*  
*Antônio, Bispo de Pelotas*  
*José, Bispo de Caxias do Sul*  
*Thomaz Keller, OSB, abade do Rio de Janeiro*  
*Mons. José, Vigário capitular do Maranhão*  
*José Arcoverde, Bispo titular de Liume*  
*Joaquim Mamede da Silva Leite, Bispo titular de Seberto*  
*Otávio Chagas de Miranda, Bispo de Pouso Alegre*  
*Delfim Ribeiro Guedes, Bispo de Leopoldina*  
*Justino, Bispo de Juiz de Fora*  
*José Newton, Bispo de Uruguaiana*  
*Inocência, OFM, Bispo de Campanha*  
*José, Bispo de Bragança*  
*Francisco, Bispo do Crato*  
*Mons. Carlos Eduardo, Administrador Apostólico de Palmas*  
*Augusto, Arcebispo Primaz da Bahia*  
*Mons. Vicente Scherer, Bispo eleito de Emeria,*  
*Auxiliar de Porto Alegre.”*

## IX

### TRIÊNIO ADMINISTRATIVO 1948 - 1951

---

O Prof Armando Dias de Azevedo, docente da Faculdade de Direito e da Faculdade de Filosofia, em dezembro de 1947 foi nomeado Reitor pela União Sul Brasileira de Educação e Ensino, a fim de levar adiante o processo de equiparação da Universidade. Desenvolveu com rara habilidade os passos que culminaram no Decreto n. 25.794 de 9 de novembro que concedia a equiparação à Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

No dia 5 de março de 1948, o Reitor Prof. Armando Dias de Azevedo proferiu a aula inaugural das faculdades sobre “A missão da Universidade Católica”. Por este e outros fatos nota-se como a idéia de Universidade tomava corpo e vigor.

Fato importante para a vida da Universidade registrou-se no dia 27 de outubro de 1948, por ocasião do V Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Porto Alegre: a honrosa visita do Cardeal Legado de Sua Santidade o Papa Pio XII e dos senhores Cardeais. Arcebispos, Bispos e Prelados do Brasil.

O Reitor, Prof Armando Dias de Azevedo, abriu a sessão e saudou os eminentes visitantes com palavras repassadas de emoção e de profunda fé. O discurso oficial esteve a cargo do Prof. Antônio César Alves, Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

As palavras conclusivas do orador foram: “Providencial é vossa presença, nesta Universidade, neste formoso dia, porque, coincidindo, quase, no tempo, o início de seu funcionamento legal com as solenidades do V Congresso Eucarístico Nacional, ao nosso júbilo veio se ajuntar a ventura e a grande honra de vossa visita. Não poderia nascer esta Universidade sob melhores auspícios”. (Anuário 48, p.34)

A vida acadêmica e administrativa das Faculdades Católicas ia-se preparando para assumir o status de Universidade.

Houve esforços conjuntos das autoridades eclesiásticas e civis do Estado do Rio Grande do Sul para que o decreto de equiparação da Universidade fosse promulgado durante os dias do V Congresso Eucarístico Nacional, sediado em Porto Alegre.

A instalação da administração superior aconteceu em ato simples, no dia 8 de dezembro de 1948, em que, com a presença do Chanceler, Arcebispo Dom Vicente Scherer, tomaram posse:

Reitor: - Prof. Armando Pereira da Câmara

Vice-Reitor: - Prof. Irmão José Otão

Secretário Geral: - Prof. Dorival Silva Schmidt.

O Conselho Universitário formou-se com: - Prof. Armando Pereira da Câmara (Reitor), Prof. Ir. José Otão (Vice-Reitor), Prof. Francisco da Silva Jurena (Diretor da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas), Prof. Antônio César Alves (Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras), Prof. Armando Dias de Azevedo (Diretor da Faculdade de Direito), Prof. Darcy Azambuja (pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras), Prof. Oswaldo Ehlers (pela Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas), Prof. Irmão Faustino João (pela USBEE), Prof. José Salgado Martins (pela Faculdade de Direito). O Conselho Superior era formado pelos professores: Armando Pereira da Câmara, Reitor; Irmão Vendelino Presidente da USBEE, Irmão Paulo Norberto, Irmão Faustino João, e Cônego Alberto Etges, representante do Chanceler. A Escola de Serviço Social não se encontra nos conselhos da Universidade por ser entidade agregada. A sua incorporação pela mantenedora se fez em 1954.

O fato notável do triênio foi a ereção da Universidade Católica à categoria de Pontifícia, por ato de Sua Santidade Pio XII, a 1ª de novembro de 1950. A instalação da Pontifícia Universidade Católica realizou-se no dia 7 de

março de 1951, sob a presidência do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro.

Em dezembro de 1948 colaram grau as primeiras turmas com o diploma da Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Bacharéis e Licenciados em Filosofia, Ciências e Letras; Bacharéis em Ciências Políticas e Econômicas, Assistentes Sociais.

Por ocasião da equiparação o número de alunos era: Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, 174; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 398; Escola de Serviço Social, 169; Faculdade de Direito, 92; total na Universidade: 831.

Em 1949 tiveram importância para toda a Universidade as Jornadas Filosóficas a cargo do eminente filósofo tomista, professor da Universidade de La Plata, Argentina, Prof. Dr. Cônego Otávio Nicolás Derisi. Os temas abordados com excelente exposição atraíram numeroso público ao salão nobre para escutar o eminente mestre, dissertando sobre “A pessoa humana e o existencialismo”.

No dia 28 de agosto, por ocasião do encerramento do curso tomou a palavra, o Reitor, Prof. Armando Pereira da Câmara: “Professor Derisi, por terdes intensificado em todos os que, com encantamento, ouviram vossas profundas lições, essa consciência do valor transcendente e da perene vitalidade da visão cristã da vida, por terdes, com vossas magistrais análises revelado a opulência e a serenidade do pensamento tomista comparado com o transviamento do angustiado pensamento moderno, a Universidade Católica do Rio Grande do Sul quer expressar-vos, nesta hora, sua admiração e seu reconhecimento pela vossa soberba obra de pensador e de apóstolo”. (Anuário 1949, p. 15/16)

O departamento artístico esteve a cargo do Prof. Côrte Real que realizou dois concertos de Música de Câmara, nos dias 11 de setembro e 30 de outubro. O ponto alto da arte musical realizou-se por ocasião da inauguração do novo Salão de Atos em dezembro de 1949.

A Reitoria, a partir de 1949, envidou os melhores esforços junto da Santa Sé para conseguir o título de Pontifícia.

Três documentos foram decisivos para o feliz êxito:

a) A carta de Dom Vicente Scherer, Chanceler e Arcebispo de Porto Alegre, escrita em Roma a 30 de abril de 1949.

b) A carta de Dom Carlo Chiarlo, Núncio Apostólico no Rio de Janeiro, no dia 21 de julho de 1950.

c) O pedido do Irmão Alessandro Di Pietro, Procurador Geral do Instituto dos Irmãos Maristas junto da Santa Sé, datado de 6 de novembro de 1949, Roma.

O Cardeal Dom José Pizzardo, Prefeito da Sagrada Congregação dos Seminários e das Universidades de Estudos, respondeu a Dom Vicente Scherer, confortadora carta prometendo para breve o Decreto da Sagrada Congregação, o que realmente aconteceu no dia 1º de novembro de 1950.

## **O TÍTULO DE PONTIFÍCIA**

Depois da instalação solene da Universidade Católica do Rio Grande do Sul no dia 8 de dezembro de 1948, começaram os trabalhos para a conquista do título de PONTIFÍCIA. Os Irmãos Maristas sempre pautaram suas obras pela obediência e respeito às diretivas do Santo Padre, o Papa. A Universidade só estaria completa com o auspicioso título de união e de filial devotamento à Santa Sé.

Os esforços se coadunaram, vindos do Arcebispado e do Instituto dos Irmãos Maristas. Três documentos assinalam a concretização do ideal almejado.

1º - A carta de Dom Vicente Scherer, Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre.

Dom Vicente encontrando-se em Roma, resolveu, a pedido dos Irmãos Maristas, enviar uma carta ao Cardeal Prefeito dos Seminários e Universidades, Dom José Pizzardo, nos termos aqui reproduzidos:

“Roma, 30 de abril de 1949.

Eminência Reverendíssima,

Com a devida vênia submeto à esclarecida consideração de V. Em.<sup>a</sup> Rev.ma o quanto segue:

A Congregação dos Irmãos Maristas, do Ven. Champagnat, mantém em Porto Alegre há mais de dez anos as Faculdades de Filosofia e de Ciências Políticas e Econômicas às quais acrescentaram em 1947 a Faculdade de Direito.

Esses Institutos de ensino superior, em outubro de 1948 foram reconhecidos e equiparados às Universidades Oficiais pelo Governo da República do Brasil.

Os estatutos da Universidade Católica de Porto Alegre obedecem às normas emanadas dessa Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades de Estudos para estabelecimentos semelhantes e o Gran Chanceler é o Arcebispo de Porto Alegre “pro tempore existente”, ao qual também cabe a nomeação dos diretores das diversas Faculdades e de um representante seu, com amplos poderes, no Conselho Universitário.

A Universidade já dispõe de alterosos edifícios próprios, dotados de ótimas instalações e museus e atualmente estão sendo levantadas novas e imponentes edificações.

Em vista do exposto, venho respeitosamente solicitar a insigne mercê de, preenchidos todos os requisitos pelos administradores que são os Rev.dos Irmãos Maristas, ser conferida à Universidade Católica de Porto Alegre o honroso título de Universidade Pontifícia, o que muitíssimo contribuirá para levantar seu prestígio e alargar sua benéfica influência em prol da adequada formação cristã e científica das classes intelectuais do Estado do Rio Grande do Sul.

Respeitosamente

*Dom Vicente Scherer*  
*Arcebispo de Porto Alegre”.*

2º - A carta de Dom Carlo Chiarlo, Nuncio Apostólico no Brasil.

Da sede da Nunciatura Apostólica, Dom Carlo Chiarlo enviou ao Cardeal Pizzardo o mesmo pedido nos seguintes termos:

“Rio de Janeiro, 21 de julho de 1950.

Eminência Reverendíssima,

O Ex.mo Sr. Arcebispo de Porto Alegre me comunicou que neste momento se está tratando nessa Sagrada Congregação da elevação da Universidade Católica de Porto Alegre à categoria de Pontifícia.

Os Rev.mos Irmãos Maristas que dirigem a Universidade em apreço, no caso de serem atendidos em seu pedido, desejariam que o Decreto levasse a data de 15 de agosto, data mariana especialmente cara a esses religiosos.

A mesma deferência foi dispensada à Universidade Católica do Rio de Janeiro, levando o Decreto a data de 20 de janeiro, dia de São Sebastião, Padroeiro da cidade.

Vossa Eminência julgará da possibilidade de satisfazer o justo desejo dos Rev.dos Irmãos Maristas.

Aproveito para renovar a V. Em.<sup>a</sup> Rev.ma os meus sentimentos mais profundos com os quais, osculando a sagrada púrpura, tenho a honra de declarar-me de V. Em.<sup>a</sup> servo dedicadíssimo

*Carlo Chiarlo*  
*Núncio Apostólico*”

3º - O pedido do Irmão Alessandro Di Pietro.

O Procurador Geral dos Irmãos Maristas junto à Santa Sé enviou ao Sr. Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação dos Seminários o seguinte requerimento:

“Roma, 6 de novembro de 1949.

O abaixo assinado, Procurador Geral dos Irmãos Maristas das Escolas, toma a liberdade de expor a V. Eminência o que segue:



Desde algum tempo deu entrada nesse Dicastério o pedido em vista de obter o título de “Pontifícia” para a Universidade Marista de Porto Alegre. Em julho p.p. foi completada a documentação exigida, tendo o Irmão Désiré Alphonse obtido nessa oportunidade a garantia de que brevemente seria promulgado o Decreto com data de 15 de agosto de 1950.

Devendo ele dirigir-se pessoalmente a Porto Alegre para encerrar as festas do Cinqüentenário daquela Província Marista, desejaria levar consigo o esperado Decreto. Sairá de Lyon a 15 de maio.

O requerente se permite renovar o pedido a fim de que possa ser satisfeita a expectativa do Irmão Assistente Geral, da Universidade e de toda a Província.

Osculando reverente a Sagrada Púrpura, declara-se de V. Em.<sup>a</sup> humilde servo,

*Irmão Alessandro Di Pietro*”.

*Resposta do Cardeal Pizzardo a Dom Vicente Scherer*

*“Sacra Congregatio de Seminariis  
et Studiorum Universitatibus  
Prot.N. 529/49*

Roma, 19 de maio de 1949

Excelência Reverendíssima,

V. Ex.<sup>a</sup>. Rev.ma deu-nos notícias consoladoras sobre o auspicioso desenvolvimento das Faculdades Católicas que os Irmãos Maristas fizeram surgir em Porto Alegre e que o Governo Federal do Brasil já reconheceu oficialmente como Universidade livre.

V. Ex.<sup>a</sup> ora solicita o reconhecimento canônico como Universidade Católica Pontifícia.

Este Sagrado Dicastério já recebera do Ex.mo Mons. Núncio Apostólico os volumes dos Anais das Faculdades Católicas de Porto Alegre,

os quais contêm muitas e interessantes informações sobre a origem e o desenvolvimento da florescente Instituição, e também os Irmãos Maristas, há não muito tempo, forneceram pessoalmente ulteriores importantes esclarecimentos a esse respeito. Nessa ocasião lhes foram indicados os documentos necessários para instruir o pedido oficial de ereção canônica, principalmente os Estatutos. Quando forem apresentados esses documentos indispensáveis, esta Sagrada Congregação, com a maior benevolência tomará em consideração a solicitação referida.

Estamos intimamente persuadidos de que as Universidades Católicas possuem um elevadíssimo valor social tanto para a Igreja como para os próprios Estados. No importante discurso que o Santo Padre Pio XII, felizmente reinante, dirigiu em 20 de abril de 1941 à juventude universitária e aos laureados da Ação Católica, teceu um hino ao apostolado intelectual e à magnífica contribuição que a ciência, guiada pela Fé, pode prestar à dilatação do Reino de Cristo.

Além disso, para este Sagrado Dicastério é motivo de especial satisfação saber que V. Ex.<sup>a</sup> seria o primeiro Gran Chanceler da projetada Universidade de Porto Alegre.

Formulando os melhores votos, manifesto a V. Ex.<sup>a</sup> os sentimentos de minha profunda veneração, e me reafirmo de V. Ex.<sup>a</sup> Rev. ma

*Card. José Pizzardo”.*

No dia 1º de novembro de 1950 foi assinado o Decreto da Sagrada Congregação aqui reproduzido em sua tradução.

*Sagrada Congregação de Estudos  
dos Seminários e Universidades*

### **DECRETO**

*Entre tão numerosas solicitudes a S. Congregação dos Seminários e Universidades cuida sem cessar, antes de mais nada, para que os germes da*

*sabedoria e virtude, instilados nas tenras mentes dos adolescentes, preparem excelente renovo, feras em opimos frutos de probidade e doutrina.*

*Foi com prazer, portanto, que ficamos cientes de que os religiosos do Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas abriam no ano do Senhor de 1931 na cidade de Porto Alegre escolas de estudos superiores para os jovens, e que nestes últimos anos fundaram três Faculdades acadêmicas reconhecidas pela aprovação do Governo Federal.*

*Como o Ex.mo Sr. Arcebispo de Porto Alegre nos apresentasse humildes súplicas para que essa nova Universidade fosse canonicamente erecta, esta S. Congregação cuidadosamente examinou os Estatutos que fielmente lhe foram submetidos e as normas pelas quais são regidas as cátedras de cada Faculdade, e viu que tudo estava de acordo para a consecução do proposto fim de formação e educação da juventude cristã.*

*Em conseqüência, esta mesma S. Congregação de Seminários e Universidades, pela autoridade que lhe foi conferida pelo nosso Santíssimo Padre, pela Divina Providência, Papa Pio XII, às Faculdades com as escolas anexas, fundadas pelos citados Irmãos Maristas, em Porto Alegre, erigeas e as declara erectas em Universidade Católica, exornada com título **Pontifício**, com todos os direitos, deveres e privilégios que dizem respeito a institutos desta espécie, contanto se observem fielmente as prescrições do Código de Direito Canônico e as leis desta Sagrada Congregação, não obstante as disposições em contrário.*

*ROMA, Paço de S. Calisto, 1º de novembro, festa de Todos os Santos, dia sagrado da definição da Dogmática Assunção ao céu da B. V Maria, ano do jubileu de 1950.*

*Pref. José Cardeal Pizzardo  
Secr. Carlos Confalonieri  
Bispo Suburbicário de Albano  
Arcebispo de Nicópolis*

## **INSTALAÇÃO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RGS**

A 7 de março de 1951 foi instalada a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em Sessão Solene realizada sob a presidência do Cardeal Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro.

Estiveram presentes:

Cel. Ernesto Dornelles, Governador do Estado. Dom Vicente Scherer, Arcebispo de Porto Alegre. Dom José Barea, Bispo de Caxias do Sul. Dom Antônio Reis, Bispo de Santa Maria. Dom Antônio Zattera, Bispo de Pelotas. Dom José Newton Almeida, Bispo de Uruguaiana. Mons. Emilio Salim, Vice-Reitor da PUCSP. Dr. Júlio Marino de Carvalho, Secretário de Educação. Brig.ro Pinheiro Machado, Comandante da 5ª Zona aérea. Dep. Procópio Duval, Presidente da Assembléia Legislativa. Des. Hugo Candal, Presidente do Tribunal de Justiça. Eliseu Paglioli, Prefeito Municipal. Des. Homero Martins Batista, Presidente do Tribunal Eleitoral. Rev. Irmão Afonso, Assistente Geral dos Irmãos Maristas. Dr. Camilo M. Teixeira, Presidente do Tribunal de Contas. Cel. Pedro Eugenio Pires, Chefe do Estado Maior da 3ª R.M. Prof. Salgado Martins, Diretor da Faculdade de Direito do Estado. P.e Leopoldo Artzen, Provincial dos RR. PP. Jesuítas. Irmão Gabriel, Provincial dos Irmãos Lassalistas. Irmão Vendelino, Provincial dos Irmãos Maristas. Cônsules da França, Espanha, Itália, Uruguai e Argentina. Professores Armando Dias de Azevedo, Antônio César Alves e Francisco Juruena, respectivamente Diretores das Faculdades de Direito, Filosofia e Ciências Políticas e Econômicas da PUCRS. Prof. Juan Llambias de Azevedo, da Universidade de Montevidéu, especialmente convidado para dar um Curso de extensão universitária. Representantes do Comando da Brigada Militar, do Chefe de Polícia e da Secretaria da Agricultura. Inúmeras personalidades da vida cultural e social enchem o majestoso Salão Nobre da Universidade.

Na mesma sessão, a Universidade outorgou o título de “Doutor Honoris Causa” ao Rev. Irmão Afonso, Assistente Geral dos Irmãos Maristas, idealizador e fundador da Universidade.

Foi o seguinte o programa da sessão:

1 - Abertura da sessão pelo Magnífico Reitor.

2 - Leitura do Decreto de Roma conferindo à Universidade o título de *Pontifícia*.

3 - Oração de Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.ma Dom Vicente Scherer.

4 - Leitura da Ata de outorga do Título de “Doutor Honoris Causa” ao Ir. Afonso.

5 - Saudação pelo Reitor Prof. Armando Câmara.

6 - Discurso do homenageado, Rev.mo Irmão Afonso.

7 - Aula inaugural a cargo do Prof. Juan Llambias de Azevedo, de Montevidéu.

8 - Encerramento, por Sua Em.<sup>a</sup> Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara.

Ao encerrar a sessão, o Sr. Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara saudou as autoridades presentes elogiando a obra dos Irmãos Maristas, dizendo do seu contentamento em ver mais uma Universidade Pontifícia instalada, para o bem do Brasil. Ressaltou a importância das Universidades para a elevação do nível intelectual, moral e espiritual das gerações brasileiras.

*Discurso de sua Ex.<sup>a</sup> Rev.ma Dom Vicente Scherer na Instalação da Pontifícia*

“A Universidade Católica do Rio Grande do Sul convocou esta magnífica sessão solene, à qual conferem excepcional fulgor a púrpura cardinalícia do diletíssimo Sr. Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, Gran Chanceler da Pontifícia Universidade Católica da Capital da República, a grata e honrosa presença dos ilustres prelados desta

Província Eclesiástica, das nobres autoridades civis e militares, do Assistente Geral dos estimados Irmãos Maristas, do Vice-Reitor e representantes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e de eminentes pessoas gradas, para traduzir a íntima alegria e o profundo reconhecimento do Episcopado, do clero e do povo católico deste Estado pelo título de consagradora distinção que a Santa Sé acaba de conceder a este Estabelecimento de Ensino Superior, um precioso documento cuja leitura acabamos de ouvir, da Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades de Estudos, de 1º de novembro do ano findo, data memorável e gloriosa da proclamação do dogma da Assunção corporal de Maria Santíssima aos páramos celestes. As galas desta noite inesquecível desejamos depor aos pés do trono vinte vezes secular de Pedro e assegurar ao seu 165º sucessor, a Sua Santidade Pio XII, que a denominação de *Pontifícia* outorgada a esta Universidade nos servirá a todos que nos sentimos responsáveis pelos seus destinos e suas atividades, de perseverante estímulo para cultivar nesta casa, com crescente esforço e irradiar por ela, sempre mais intensamente para todo o Estado o saber humano e o conhecimento da verdade divina.

#### *Tarefa orientadora*

Colocada sob o direto patrocínio do Pontificado Romano, por mais uma razão, participa agora a Universidade Católica do R. G. do Sul da missão de ensinar, própria do Vigário de Cristo em cuja pessoa o Divino Fundador depositou a plenitude do magistério e do governo de sua Igreja. Nas aulas deste Instituto de alta cultura se ouvirá sempre a exposição da verdade científica, conhecida e demonstrada, rigorosamente, pela razão natural. Mas, nunca se apresentará como certo o que não passa de hipótese, e se rejeitarão meras hipóteses que porventura contradigam doutrinas certas da mensagem cristã. Face ao progresso das ciências, considerou a Igreja em todos os tempos obrigação essencial sua, decorrente do caráter de instituição salvadora das almas, conservar e transmitir aos homens em toda pureza e integridade o

conteúdo da revelação divina. No exercício desta missão é-lhe forçoso analisar os dados da pesquisa científica, quando dizem respeito aos princípios da fé, alertando os estudiosos e a multidão dos fiéis, quanto a erros ou conclusões precipitadas facilmente conducentes ao erro. Sempre a Igreja fez esta análise e pronunciou tal julgamento de doutrinas atinentes à fé e fê-lo ainda recentemente na Encíclica “*Humani Generis*”, exame sereno e objetivo de multiformes e desencontradas teorias e conclusões filosóficas e pseudocientíficas da atualidade, estudadas à luz inconfundível dos princípios imutáveis, porque certos, da verdade revelada.

### *Papel da Universidade*

O ensino elementar e secundário, que se ministra em numerosos estabelecimentos fundados por entidades eclesiais em nosso Estado, recebeu sua cúpula majestosa pela criação deste centro universitário que hoje, na Festa de Santo Tomás de Aquino, mestre supremo e patrono dos ateneus católicos, celebra a obtenção da maior honra que poderia ambicionar. Cabe-lhe a excelsa missão de conservar, defender e distribuir o patrimônio dos bens e valores espirituais da humanidade. Nasceram e prosperaram as Universidades no seio da Igreja, valendo por uma prova, suficiente por si só, do carinho que ela consagrou no decurso dos tempos às ciências e à instrução. Surgiram na Idade Média, numa época que espíritos primários e apaixonados classificam de trevosa, porque iluminada pelos princípios eternos que os caluniadores daquele período histórico negam e combatem. Pretende ser esta Universidade um farol cintilante que, em meio à confusão crescente de teorias e contradições, indica o rumo seguro ao porto tranqüilo da verdade; quer ser uma forja onde se temperam caracteres firmes no cumprimento do dever à custa dos mais penosos sacrifícios; apresenta-se como instituição educadora que cultiva e aperfeiçoa o espírito humano, preparando cidadãos exímios e capazes de nos diversos departamentos das atividades públicas e particulares, enfrentar

vitoriosamente os árduos problemas econômicos, políticos e sociais de cuja solução depende o bem-estar dos indivíduos e das nações.

### *Formação de dirigentes*

Principalmente, o regime democrático exige cuidadosa preparação de dirigentes. O povo exercerá sua influência na administração e nos destinos do país mediante representantes que, além de um profundo espírito público e social, possuirão uma cultura multiforme e aprimorada que é resultado essencial para desempenhar com êxito cargos de responsabilidade e para diminuir os sofrimentos dos que com o voto designaram os depositários de suas esperanças de progresso e elevação.

### *Influência das idéias*

Exerce certamente a Universidade uma importante tarefa orientadora da mocidade estudantil e da sociedade em geral. Não são os sentimentos mas as idéias, certas ou errôneas, construtoras ou revolucionárias, que arrastam os indivíduos e decidem o curso dos acontecimentos humanos. Das cátedras universitárias foi lançada, em gestos audazes, a semeadura de idéias malsãs, materialistas, e destruidoras dos fundamentos da fé e da ordem social. Popularizadas pela divulgação na imprensa e de viva voz, prepararam o ambiente propício para a eclosão de tremendas crises que convulsionam a sociedade. As idéias dominantes plasmam e modelam a vida. São elas mais fortes, no dizer acertado de Napoleão, do que a espada. Por isso, os contemplativos, os filósofos, os criadores de sistemas, ainda que afastados do campo trepidante da ação, são os condutores dos espíritos, os agitadores benéficos ou catastróficos das multidões, quando suas afirmações correspondem aos ardentes anseios do povo, rasgando-lhe reais ou falsos horizontes de um futuro melhor. Na base de toda civilização, no centro de qualquer época, encontram-se verdadeiros moventes, imóveis idéias e



princípios que, resplandecendo como astros do alto ou brilhando como a luz enganadora da “fata morgana” sobre pântanos, iluminam consciências, suscitam sentimentos, acendem paixões, criam correntes impetuosas de opinião, provocam revoluções fatais ou conduzem à prosperidade, dando feição e rumo aos acontecimentos.

### *Educação e sentimentos*

Toda verdadeira educação moral e cristã visa precisamente a subordinar os sentimentos à razão, os impulsos instintivos ao governo de princípios superiores ditados pela lei natural e confirmados pelo decálogo, as decisões irrefletidas da “massa” aos atos conscientes do “povo”, que se determina e age sob o influxo de uma causa final a ser concretizada pela escolha e o emprego de meios adequados. O estudo, a disseminação e a defesa das idéias, que fundamentam a concepção cristã e católica da vida, constituem a razão primordial de ser da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Como é bem de ver, os alunos não são obrigados a práticas religiosas que supõem convicções profundas; pois a fé deve ser um ato de submissão racional do entendimento à autoridade revelante de Deus.

### *Compreensão e apoio*

Dada a missão religiosa, moral e cultural desta instituição, não lhe faltarão a compreensão e o apoio, também material, do clero, da sociedade e do poder público. Pela incessante elevação do nível dos estudos e pelo aperfeiçoamento da educação religiosa procurará a Universidade formar homens e mulheres de escol, capazes e desejosos de colocarem as energias invencíveis de uma vontade adestrada no bem e as luzes inapagáveis de sólida cultura ao serviço não só das legítimas aspirações pessoais, mas também, com igual dedicação e perseverança, das grandes causas da coletividade. Nenhum país se tornará forte nem se manterá na prosperidade,

por tempo dilatado, se os cidadãos, dominados pela ambição e vencidos pelo egoísmo mais implacável da ordem social, viverem voltados unicamente para a satisfação dos seus pequenos interesses individuais, alheios quando não contrários às exigências da comunidade social. Um povo de civilização sem alma, apesar do progresso material porventura atingido, não dominará as crises sociais e motais inevitáveis quando ideologias agnósticas e hedonísticas substituem o ideal do homem crente.

### *Homenagem e compromisso*

Em prol dos superiores interesses terrenos e espirituais do povo rio-grandense a Pontifícia Universidade Católica toma posição ao lado de sua coirmã, a Universidade Oficial do Rio Grande do Sul que conquistou alto conceito no Estado, no Brasil e na América pela cultura dos seus mestres e as realizações das turmas sucessivas de alunos que diplomou. À Universidade do Estado, nesta hora festiva, a sincera homenagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Nossa Universidade promete servir, sem desfalecimentos, no ideal expresso no honroso título que acaba de lhe ser conferido pela Santa Sé. A fidelidade à sua missão cultural e religiosa lhe assegura a conquista de glórias e louros, ao serviço da Pátria e da Fé. "Vivat, crescat, floreat", que viva, cresça e produza abundantes flores e frutos no campo da ciência e da educação".

Transcrevemos a nota do OSSERVATORE ROMANO no dia 16 de dezembro de 1950:

"Por decreto da Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades datado de 1º de novembro, foi canonicamente ereta a *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*, em Porto Alegre, Brasil.

É esta a terceira Universidade Católica que, no período de poucos anos, vemos surgir no Brasil; as outras duas acham-se no Rio de Janeiro e em São Paulo.

O merecimento dessa providencial Instituição de cultura católica cabe aos Irmãos Maristas que desembarcaram no Brasil precisamente há meio século e lá fundaram grande número de escolas e colégios. Atualmente os Irmãos Maristas contemplam uma seara imensa e exuberante de obras por eles realizada em benefício da juventude e do povo, e no meio delas a magnífica Universidade do Rio Grande do Sul.

No dia 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição, com a participação de todas as autoridades eclesiásticas e civis, comemorou-se na Universidade o Cinquentenário da chegada dos Irmãos Maristas ao Brasil e nessa solenidade foi lido solenemente o Decreto Pontifício da Ereção da Universidade.

A nova Universidade já foi reconhecida pelo Estado e suas atividades científicas gozam do melhor conceito. A instituição dos primeiros cursos remonta ao ano de 1931. Já são numerosos os alunos que neles se formaram e ora ocupam posições de relevo na sociedade.

Funcionam nela as Faculdades de Ciências Políticas e Econômicas, de Filosofia, de Letras, de Pedagogia, de Direito, a Escola de Serviço Social e outros Institutos diversos.

A administração é afeta aos Irmãos Maristas que a fundaram e a mantêm. Todo o Episcopado da Província Eclesiástica do Rio Grande do Sul lhe presta decidido apoio e o Ex.mo Sr. Dom Vicente Scherer, Arcebispo de Porto Alegre, é o primeiro Grande Chanceler.

Um bem selecionado corpo docente constitui seu maior título de glória e milhares de estudantes sua melhor coroa.

O Brasil católico enveredou, decididamente, pelo caminho da cultura e nele avança a passos gigantescos. Mostra assim a sua fidelidade às diretrizes da Santa Igreja e, particularmente, à exortação do Santo Padre Pio XII que na recente Encíclica "Humani Generis" estimulou novamente os católicos ao estudo e ao cultivo das ciências nos limites da fé e da submissão a Deus.

O Estado do Rio Grande do Sul espera de sua Universidade homens dignos de sua civilização cristã. Fazendo de sua fé o fundamento de suas atividades, esses cidadãos cooperarão com eficiência para a elevação espiritual de sua grande pátria, o Brasil”.

O editorial do JORNAL DO DIA de 7 de março de 1951 foi sugestivo e entusiasta. Ei-lo:

## UMA UNIVERSIDADE PONTIFÍCIA

As galas de Pontifícia que serão, neste dia de Santo Tomás de Aquino, concedidas à Universidade Católica do Rio Grande do Sul, constituem uma consagração merecida que vem coroar os esforços, a dedicação e o zelo apostólico despendidos pela benemérita Congregação dos Irmãos Maristas em favor da ciência e da fé.

É mais uma demonstração expressiva do carinho com que a Igreja sempre estimulou e favoreceu a criação de Universidades, para que fossem centros de cultura científica e baluartes de defesa e propagação da fé. É o testemunho imperecível dado através dos séculos pelo trabalho sereno e constante da Igreja em busca do aprimoramento do homem e do seu espírito.

A Igreja, como transmissora da fé, não recua e não se detém ante a ciência, pelo contrário, avança com ela para a conquista de novas posições, amparando-a, protegendo-a, mostrando-lhe os atavios do erro e advertindo-a para que não penetre nesses meandros perigosos por onde fatalmente perder-se-á de Deus.

A ciência e a fé são valores distintos, nunca antagônicos. Enquanto a ciência baseia-se em experiências e conhecimentos próprios, a fé firma-se numa autoridade que, sem processo de intuição ou dedução, possui e lhe transmite a verdade. O perquerir, através dos métodos propostos pela ciência, não pode opor-se a um ato de fé. A pesquisa de Agostinho fez-se doutrina em Santo Agostinho. Não houve um perecimento, o que se verificou foi uma transformação valorativa.

Crer é aceitar por verdade tudo o que Deus revelou, e o que a Igreja nos propõe a crer. O ato de fé tem um fundamento na veracidade de Deus que não pode enganar-se e nem faltar com a verdade. Para que o homem dê, livre e plenamente, sua aquiescência, para que sua fé seja lúcida e convicta, é necessário que o homem esteja em condições de a justificar perante a razão e a consciência.

Vezes muitas, neste assentimento, é o homem impedido de formulá-lo por mera pretensão da ciência, que procura antepor-se a esse ato de vontade. São essas intromissões pretensiosas, filhas de uma ciência que desconhece sua origem e perdeu-se do seu fim, que uma Universidade Católica deverá impedir. Com isso estará realizando uma obra meritória, cujo valor não se poderá calcular em função do tempo, mas apenas perceber em contemplando a eternidade.

Ao vermos, hoje, pender sobre a jovem Universidade Católica do Rio Grande do Sul as galas pontifícias, nos lembramos da exortação de São Pedro feita do alto das colinas eternas: “Estais aparelhados a responder a todos os que vos pedirem razão da esperança que vos anima” (1Pd, 3,15).

Simbolizando a perenidade da mensagem que a Voz de Roma transmite ao mundo, aí está de pé, sobre as plagas rio-grandenses, esta Pontifícia Universidade, como um eco vibrante e uma ressonância majestática ao que exortou o primeiro Papa, há quase dois milênios.

À Universidade Católica cabe, pois, a missão de aparelhar a todos os que comungam da mesma esperança e da mesma fé para que apontem aos outros onde está o centro de sua força, de seu ânimo e de sua vida.

Ao sacrifício e à abnegação dos apóstolos denodados, que são os Irmãos Maristas, devemos esta Pontifícia Universidade. Representa ela uma honra para a cultura brasileira e um penhor de segurança para os dias futuros. Com a ciência orientada catolicamente, como católicos são o Brasil e o seu povo, longe de perder, teremos um aumento constante de nossa fé católica! Que Deus assim o queira!

E aos Irmãos Maristas, campeões desta grande cruzada e heróis desta extraordinária vitória, a gratidão e o reconhecimento do Rio Grande!

## **OUTORGA DO TÍTULO “DOCTORIS HONORIS CAUSA” AO IRMÃO AFONSO**

Na mesma sessão de instalação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 7 de março de 1951, foi outorgado o título “*Doctoris Honoris Causa*” ao fundador da Instituição - Irmão AFONSO, Assistente Geral dos Irmãos Maristas.

A cerimônia caracterizou-se pela profunda emoção e pela sóbria solenidade dos grandes atos acadêmicos, coroamento de um ideal e realização de um sonho redentor.

Destacam-se os discursos do Reitor – Prof. Armando Pereira Corrêa da Câmara, e a resposta do homenageado. Constituem-se verdadeiros documentos basilares e marcos diretivos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

*Discurso do Dr. Armando Câmara saudando o Irmão Afonso, Doutor “Honoris Causa”*

Rev.mo Irmão Afonso,

Desde o Advento do Cristianismo, desde que o Verbo se fez homem e habitou entre nós, lá onde se desencadeia uma energia espiritual inspirada pela graça, um gesto ou uma sucessão de gestos humanos tangidos pela Caridade, ali está presente, ativa, uma força criadora de bens culturais, de elementos e formas de civilização.

A História o diz: apostolizar é civilizar, viver o Evangelho é criar cultura.

E a explicação cristã desse aparente paradoxo do amor gerando sabedoria e criando conhecimento é simples como todas as explicações cristãs redutoras do mistério do ser ao supremo mistério de Deus, desse Deus que é para o homem a suprema distância e, ao mesmo tempo, a intimidade suprema.

Não foi o gênio de Patmos que, na inspiradora lucidez de sua visão do Absoluto, definiu o amor como sendo o substratum último de ser, quando disse que Deus é caridade?

E esse amor que na Teologia “cantabile” da Divina Comédia, “move o sol e as outras estrelas”, não será, talvez, o mesmo Pensamento ordenador dos mundos, cuja presença, no cosmos, registrou o gênio grego através de Anaxagoras?

Que há de estranho, pois, no fato, registrado pela História e pela Sociologia, de ser a caridade fonte de cultura? Toda a alma que se abandona ao Amor Primeiro, sendo portadora da caridade que é Deus, ou é, também, do logos, do verbo que era no princípio. A caridade está tão cheia do Pensamento divino, que se faz, nas almas, luz intelectual, fonte de conhecimento, sabedoria potencial.

Na visão amorosa do evangelista que, idilicamente, repousou a fronte genial no coração de Cristo, estava lá intuída, embora informulada, toda essa prodigiosa cosmovisão fixada, mais tarde, pelo Doutor Angélico, na Suma Teológica.

Para que essa caridade que, um dia, Cristo acendeu no coração humano, frutificasse em bens culturais, era necessário, tão só, a fidelidade do homem à sua vivência. E esta fidelidade fê-la traduzir-se nos mais altos valores que integram a civilização humana. Essa caridade palpitou e fremiu nas criações maiores do gênio ocidental: estava presente nas telas de Rafael, na arquitetura de um Miguel Angelo, na música de Bach, na poesia de Dante, nos pensamentos de Pascal, na ciência cheia de adoração de um Pasteur; ela estava na base da atitude mental condicionante do surto da Ciência moderna e

da decorrente conquista da Técnica, do saber voltado para o domínio e a fruição da natureza e do mundo.

E assim as mãos orantes dos que viveram para o amor de Cristo, porque as animava a caridade, plasmaram um teor de psicologia humana, criaram um clima espiritual, estilizaram uma forma de compreensão e de convívio, configuraram um tipo de comportamento face à natureza, um modo de estar no mundo e de usar a vida, que são os valores maiores e originais da cultura moderna.

Se o amor que arrebatou místicos, santos e ascetas, não os fez artifícios conscientes, agentes diretos de bens culturais específicos - se Paulo de Tarso não compôs sinfonias, se Pedro não legou painéis, se Francisco de Assis alegremente ignorou o cálculo das probabilidades, e Vicente de Paulo nada sabia sobre a técnica da dissociação atômica, no entanto, porque viveram heroicamente o “único necessário”, realizando em plenitude a caridade de Cristo, fazendo de suas vidas corolários do teorema evangélico, estiveram não-presentes nas condições criadoras da civilização contemporânea, que se pode apontá-los como seus inspiradores artífices.

As Universidades da Idade Média, emergindo das catedrais, ilustraram essa vocação da caridade para criar conhecimento e produzir cultura. Em verdade, toda a sabedoria medieval foi o desenvolvimento temário de um madrigal a Deus; seu tecido nobre e profundo é constituído de estrofes, embora abstratas, de um poema de fidelidade a Cristo.

Tudo isso sugere que a cultura não é obra exclusiva da razão, e a civilização, produto específico da inteligência. No mistério de nosso ser, no universo espiritual do homem, outras forças vivem e atuam, talvez, mais profundas e criadoras, -“a razão tem razões que a razão ignora, diria Pascal, irônico e reticente. Sobre a misteriosa realidade do espírito, sobre suas potencialidades e aptidões ainda desconhecidas, poderíamos repetir ao Racionalismo simplista, o sugestivo epigrama de Shakespeare - “Muita coisa há no céu, muita na terra, que ignora tua vã Filosofia”. E se a experiência



histórica não bastasse para sugerir que as autênticas fontes da civilização situam-se além, muito além do mundo dos silogismos, das realidades lógicas e abstratas, e também muito acima do círculo da experiência sensorial e dos fatos brutos da observação direta, então aí estariam os melhores registros da psicologia sobre a gênese do conhecimento, para sugerir o condicionamento deste por outras forças espirituais estranhas à razão, e muito próximas da afetividade e do amor. Não será talvez, o conhecimento, um convívio? Conhecer não é conviver com os demais seres, através da imagem que deles se forma em nossa consciência? E o convívio não implica afeição e amor? Realmente a compreensão é uma forma de caridade.

Rev.do Irmão Afonso, vosso arguto espírito gaulês já apreendeu, certamente, o sentido desta aparente digressão de meu discurso. Percebestes, já, as razões por que esta Universidade que fundastes, homenageia-vos nesta solenidade.

Um dia, nessa Galia que ouvira os ensinamentos de Tomás de Aquino, que dera ao mundo a caridade de um Vicente de Paulo, que o empoagara com a eloquência de Bossuet, que enriquecera a ciência experimental com a genialidade de Ampère e de Pasteur, que dera à Europa esse prodigioso gênio militar, político e moral que foi Joana D'Arc; um dia, nesse século que Daudet irreverentemente cognominou de “o estúpido século XIX”, um jovem Charles HERBAUX sonhou um sonho cheio de beleza moral. Ele sonhou renunciar ao mundo efêmero e caduco, para viver a plenitude da vida, na fidelidade aos apelos de Cristo.

Homem de seu século, esse jovem bem lhe conhecia o drama espiritual; gaulês fiel ao seu batismo, ele tinha o coração sangrando face à melancólica apostasia da França que, na expressão plástica de Brunetière, como “un enfant qui bâta sa nourrice”; perseguia a Igreja que plasmara seu ser histórico e lhe dera os perenes valores de sua civilização maravilhosa.

E ao amor desse jovem ao Cristo repudiado e à Igreja perseguida, sua compaixão pelo homem enfermo e ímpio, fizeram-no eleito do Senhor. E

Charles Herbaux fez-se Frère Alphonse, um religioso missionário de Cristo em terras do Brasil.

E os frutos da sementeira que fez, em meio século de labores apostólicos, aí estão sob os nossos olhos cheios de admiração. A opulência dessa seara é mais uma ilustração da força civilizadora da caridade cristã.

Missionário de uma Congregação que assim ensinando, que ama ao homem educando-o, Irmão Afonso viu, com angústia, as ameaças que pairavam sobre a vida espiritual das loiras criancinhas que povoavam suas escolas primárias, dos jovens estudantes de seus cursos humanísticos, ao ingressarem num ambiente cultural, de ensino superior laico, carente de uma sabedoria integradora da vida, tumultuariamente, se justapunham as mais heterogêneas formas do saber especulativo e prático.

E, ainda uma vez, a caridade cristã face a essas almas ameaçadas de frustração de seu destino pelo agnosticismo do ensino oficial, pela mentirosa neutralidade do Estado laico, foi uma fonte criadora de cultura, Irmão Afonso quis que os espíritos que amavam o Deus que habita as catedrais, O adorassem nesse santuário da inteligência que é a universidade integral restituída à sua história e natural destinação de órgão elaborador de uma sabedoria salvadora do homem. E, inspirado no arrojo missionário, no gênio apostólico de sua Congregação, ele criou esta Universidade, mobilizando figuras exponenciais de nossa cultura, convocando os valores maiores de uma geração que perseveraram no amor ao Cristo ou que a Ele retornaram, através da palavra de apóstolos pensadores, de sábios missionários, como o eminente Werner von Mühlen e do não menos eminente capuchinho Frei Pacífico de Bellevaux.

E assim, tangido pela caridade, Irmão Afonso, plasmando esta força elaboradora de bens culturais, situou-se entre os apóstolos que mais contribuíram para a valorização espiritual do Rio Grande. Eis por que esta Universidade fá-lo, neste momento, Doutor “Honoris Causa”.

Porque, com sua generosidade apostólica, com seu elã missionário, venceu mil resistências, superou incompreensões sem número, suportou todos os riscos dessa soberba ventura de criar, entre nós, um órgão de humanismo integral, por isso, o Irmão Afonso é, em verdade, mestre de todos os que, aqui ensinando, jamais esquecem que toda a ciência, todas as riquezas da vida intelectual, todas as descobertas do espírito humano, todos os valores da cultura, sem a caridade, sem o amor a Deus e ao próximo, são, na imagem do apóstolo, como o soar do címbalo e o tinir do metal.

Irmão Afonso! Sem ocupar uma cátedra desta Universidade, pela vossa vivência heróica do humanismo cristão, ensinais, através da palavra de todos os seus mestres, que inspiram seu pensamento nessa sabedoria, que é na expressão de Dante, “luz intelectual cheia de amor”. Disse.

#### *Resposta do Irmão Afonso*

A honra insigne que me acaba de ser conferida, não justifica merecimentos pessoais, não louva iniciativa ou labor individual, nem caracteriza tradição que não se formou ainda, fruto dum conjunto de esforços amigos e benevolentes criados na luta comum por um ideal hoje conseguido e consagrado. Se a recebo, emocionado e agradecido, é porque diviso, na intenção dos seus amáveis iniciadores, uma homenagem generosa e simpática à Congregação de religiosos educadores cuja missão de ensinar nos colégios e escolas, as mais altas verdades e as mais puras belezas humanas, para irradiar do seu seio, a única Verdade e Beleza de que emanam, se coloca cada vez mais alto, entre as missões mais elevadas e úteis. Permitti, Sr. Reitor, que a alta distinção que me conferistes eu a leve aos meus Irmãos de Ordem, eu a deposite aos pés desta Mãe minha, a Congregação dos Irmãos Maristas, de quem tudo recebi, inspiradora dos nossos alentos, doce aconchego familiar e amigo temperando os ardores, consolando as mágoas e trabalhos, e recompensando as atividades espirituais.

Quando nasceu, no coração do Fundador que veneramos como santo e guia, a ideia de acudir à educação da infância desvalida, afugentando as trevas da ignorância que os desvarios duma Revolução concentrava sobre as populações camponesas, longe estava de pensar que a obra não se limitaria à formação inicial, por capital que ela seja. No coração apostólico do P. Champagnat, simples coadjutor de aldeia, germinava contudo o desejo ardente de irradiar a obra encetada na humildade duma escola paroquial, pelas rotas do mundo inteiro. Na sua imaginação fértil, aguçada por todos os motivos de ordem apostólica, não havia lugar para restrições e cálculos. Pareceu-lhe bem nítido que o melhor meio de guardar ou conquistar as almas para Cristo seria estudar e ensinar afrontando os erros do tempo com a mesma convicção dos seus fins, a mesma firmeza de querer, o mesmo rigor do método, a mesma fé na eficácia do magistério. Além dos horizontes das suas capelas paroquiais, o Fundador via a infância e a juventude do mundo inteiro, sedento de Saber e de Verdade, acorrendo ao redor das cátedras dos seus Irmãos a procurar os benefícios da educação cristã. “As dioceses do mundo inteiro entram em nossas vistas”, declarava ele. Permitti, Senhores, que em tamanha solenidade, o filho consagre ao Pai a quem tudo deve, o elogio e o merecimento que recebe da vossa mão dadivosa. O historiador do Fundador dos Irmãos Maristas, pena elegante e consagrada das Letras francesas, pôde exclamar: “Depois de profundo exame da personalidade de Champagnat, de pesquisas e análises de suas iniciativas ousadas e apostólicas, não hesito em declarar ter-me achado em presença dum gigante da caridade, dum benfeitor insigne da juventude, cuja vida se deveria escrever de joelhos”. Em circunstância tão festiva e alentadora como esta, relevai-me, Senhores, de evocar a figura santa e extraordinária de Champagnat, apóstolo da juventude e fundador da Congregação a quem votei a minha vida.

Responderei agora a uma pergunta que na aparência poderia ter sinais de dúvidas, quiçá insidiosas. Por que não se contentariam os Irmãos Maristas de limitar os seus esforços ao ensino primário e secundário tão

deficiente entre nós, bradando por todos os recantos deste imenso País, pela multiplicação dos educandários religiosos, necessários à cultura espiritual das massas?

Não negarei que os encargos de Institutos Universitários eram de natureza a paralisar muitas obras de educação indispensáveis. A necessidade que não é uma atividade vaidosa, se fez imperiosa. Os membros do magistério têm necessidade de aprofundar seus estudos, de formar-se com vigor acadêmico acentuado, e de ganhar os seus graus. A sublime missão de educador exige uma cultura pouco comum, e as lições da experiência, isto é, as prementes exigências hodiernas, impuseram a cada divisão administrativa do Brasil marista, a fundação de algumas entidades universitárias, para a formação do seu corpo docente. Fiéis ao impulso iniciador da sua obra, quiseram que tais Institutos servissem para a causa geral, e sem medir sacrifícios e trabalhos dobrados que só conhecem amigos da primeira hora, abriram as portas da Universidade aos alunos dos seus estabelecimentos secundários.

A educação é a base da renovação do mundo. Por muito ousada que seja esta fórmula encerra pouca ênfase. O educador é esse viajante que considera uma fonte, turvada por um instante; atento e recolhido, ele espera que a água renovada, brada da rocha ou do solo, triunfe pouco a pouco da lama, e dê à fonte a sua pureza primeira. Assim reclinada sobre os destinos da humanidade, ele confia que nova geração estudantil poderá melhorá-la, e aproximar ainda mais da Verdade e do Amor. Tal esperança anima a vocação do educador, que para tanto tem mister de preparação aprimorada. Estudemos por exemplo estas estatísticas demográficas que publicamos às vezes nos jornais e revistas; tomaremos ali uma consciência aguda deste dramático intercâmbio das gerações umas nas outras. Nada mais seco, mas nada mais impressionante do que essas curvas de nascimentos e óbitos, nos diferentes países do mundo. Através desses sinais geométricos e desses algarismos tem-se de antemão os destinos próximos da humanidade, os problemas

econômicos, sociais ou internacionais para cada nação. Enormes problemas humanos, enormes problemas cristãos. Se a Igreja quer preparar seus militantes de amanhã, é sobre a juventude de hoje que Ela se deve esforçar de agir. Quem possui a escola, possui o futuro. E a escola tem seus dois pólos: a escola da massa, primária ou profissional e a escola superior, a escola das elites, aquela onde se procura e elabora o pensamento, que amanhã guiarão o mundo. Drama social e religioso de intermináveis proporções rodela a juventude: o destino da Igreja e da humanidade. No coração de cada adolescente: drama não menos trágico do seu destino pessoal. A obra do educador é portanto obra minuciosa de artista. Aqui o material não é necessariamente dócil, e o resultado é sempre incerto. Contudo o resultado dessa tentativa é grave: falhar a educação dum homem é frustrar a humanidade dum esperança; falhar a educação dum cristão é privar a Igreja dum testemunho de Cristo. A sorte espiritual do mundo está dependendo da educação da juventude. É neste espírito que os nossos Irmãos educadores e os seus dedicados auxiliares leigos devem desempenhar a sua sublime missão. Sua vocação se origina nesta realidade permanente: o mundo tem um destino espiritual; a liberdade se acha colocada em face dum opção essencial: dum lado, Jesus Cristo e a sua Igreja - do outro, Satanás e as forças do mal. Eis a razão de ser da Universidade Católica: preparar os educadores e os dirigentes de amanhã com cultura essencialmente católica, capaz de assegurar à humanidade e à Igreja uma geração de futuros lutadores para os seus fins sublimes.

Além disso, afigura-se-me ser tríplice o papel da Universidade Católica, hoje, por favor da Santa Sé, ornada com as prerrogativas de Pontifícia:

- trazer à sociedade moderna a Verdade, isto é, Deus;
- encarnar e defender uma liberdade essencial;
- preparar para a Pátria elites cristãs, conscientes de suas responsabilidades.

I- Somente o amor de Deus dá o termo a todo esforço de procura da verdade, pois esta se identifica com o Homem Deus. A ausência de Deus despovoou o Universo. Entretanto, forçoso é convir que o homem é feito para a contemplação. E a contemplação o leva para o infinito. Para isso nos convidam poetas e artistas, profetas muitas vezes inconscientes da presença de Deus no sensível. Mas muito mais se impõe a contemplação, quando abordamos as realidades espirituais e o admirável circuito de amor que limitam os nossos mistérios. A contemplação restitui a cada coisa o seu lugar verdadeiro. Ela permite julgar e excluir as místicas atéias, tão escravizantes como as construções sociais que elas inspiram. Nesse domínio há iniciadores e guias que o universitário deve consultar. Deixemo-nos de ilusões! “Nada de doces sonhos, mas o vôo severo do espírito tendido para a posse eterna”, como afirma Psichari. A contemplação, para se nutrir, precisa de pesquisa. Pesquisa apaixonada que traz exaltante a alegria de conhecer, mas que exige o sacrifício. Nem a Igreja subestima essa ascese que reclama as pesquisas científicas e que obriga a acorrentar-nos à verdade. Não será senão a mais alta forma da caridade? Contemplação e pesquisa das verdades levam à descoberta e ao amor da Verdade. A fé é que nos revela os segredos dessa Verdade. A Verdade é um ser, uma pessoa, “o verbo de Deus”. Aquele que disse; “Sou a Verdade” e que é não somente o apóstolo, mas o objeto da Verdade e do Amor. Sublime objetivo da Pontifícia Universidade Católica que consignou nos artigos do seu Regimento: A Universidade Católica é destinada a ser um centro de cultura católica; de pesquisas da Verdade pelos meios que a Igreja oferece.

II - Não será desnecessário sublinhar aqui a necessidade dum real e efetiva liberdade de ensino. A Igreja reclama esse direito e pretende que não seja nem restrito nem diminuído: pois não podemos admitir o monopólio exclusivo nem o dirigismo das consciências. Mercê de Deus, os legisladores do Brasil bem o compreenderam. Os fins dum UC demonstram claramente que o acordo é possível entre a alta ciência e a fé. Que além disso, é

indispensável seguir o movimento das idéias, filtrando, assimilando, produzindo, acolhendo qualquer válida colaboração humana, participando ao labor dos homens, inserindo a fé eternamente jovem no movimento do pensamento constantemente renovado. As UCs são o terreno de encontro preparado para sacerdotes, religiosos e leigos. Se esta UC com a sua organização e trabalhos vem merecer da fé cristã e do espírito humano, não será menos vantagem para a Pátria. Entre mestres e alunos dos Institutos Superiores Católicos e outras do Ensino Oficial, não há guerra, mas estima e emulação. Além disso, a UC é a garantia da liberdade de ensino nas outras Universidades. Que havia de acontecer, com efeito, se o Estado tivesse a possibilidade de tudo fazer, com os meios de que dispõe, face à única Universidade livre? “La puissance, - disse Bossuet, - est le principe le plus ordinaire de l’égarement”. Afirmando nossa liberdade garantimos a dos outros.

III - A Universidade Católica tem pois por missão de formar homens que, em todas as circunstâncias, saibam julgar cristãmente, pensem cristãmente, se compenetrem do pensamento da Igreja, distinguindo-se como discípulos de Cristo nos seus menores reflexos. Deve ela pois fazer a síntese dos diversos ramos do saber, transformar em vestido inconsútil o mosaico das especializações. Tal síntese deve ser procurada sempre. Central para a ação, não pode ser o refúgio das abstrações. Missão alvissareira, enorme responsabilidade! Numa sociedade como a contemporânea, em que massas, ascendendo à sua maioria procuram descobrir em si mesmas os seus quadros dirigentes em que os problemas econômicos de produção e de intercâmbio dominam a vida das nações e dos indivíduos, em que enfim a cultura artística e literária aparece, senão como um luxo, pelo menos como um passatempo, é possível falar em elite ou então em elites no plural? O problema é grave; pois se as carreiras científicas que dão acesso aos altos postos do comércio, da indústria e da agricultura exigem que os estudantes sejam iniciados cedo às noções da ciência, que se desperte neles o gosto das pesquisas criando também no espírito exigências de método, é evidente que o



técnico será sempre incompleto, se não for homem cultivado, tendo ao seu dispor, para beneficiar sua própria técnica, a arte de pensar, de falar ou de escrever. Este ideal de alto equilíbrio humano, de irradiação total das faculdades humanas, esse êxito perfeito que se procura na educação das elites, parece ser um dos mais belos objetivos duma Universidade Católica. E esta pesquisa permanente dos valores humanos mais sedutores, não parece em oposição com a lei da abnegação evangélica. As elites temporais, elites do espírito e da cultura, são elites que a Igreja não cria, mas a quem Ela se obriga, para não deixar nenhum valor humano fora da graça de Cristo, a dar uma visão do mundo, conforme ao ideal evangélico. A presença do fermento evangélico, na economia, na técnica, na política, na ciência, nas artes humanas, exige que os Institutos Superiores Católicos ensinem essas disciplinas com não menos competência e prestígio do que qualquer outro. Se é verdade que toda pessoa é chamada natural e providencialmente a aproximar o seu espírito quanto possível das idéias verdadeiras e das formas belas, isto é, a expandir-se nas zonas superiores da ciência e da arte, parece que os nossos estudantes sejam soberanamente chamados a esta ascensão da inteligência, favorecida por todas as iniciativas da UC. Depositários duma palavra divinamente revelada, como ousariam confiá-la à sua inteligência, sem tomar a precaução de tornar este repositório claro, sólido e belo? Não existe demarcação entre o que convenciamos chamar o profano e o sagrado. O encontro dos dois domínios apresenta um problema de pessoas. A feliz fusão duma vasta cultura geral e duma cultura sacra proporcionadas às possibilidades de cada um, ambas, frutos de sérios estudos universitários católicos, teria por resultado o aparecimento duma elite cristã, em que a vida religiosa deveria estar à altura das convicções e do saber. A organização de tais elites, em nossos dias, é de urgente necessidade, sob pena de reduzir a irradiação do pensamento cristão e de fazer cristianismo, uma cidade coroada, prestes a ser invadida pelas idéias do século, exposta ao desprezo de todos.

Não podemos aceitar, para a obra de Cristo, uma situação inferior. Eis o ideal da ação social e religiosa que incumbe à Universidade Católica.

Para ela viver e cumprir as suas altas finalidades, deixo um férvido apelo meu ao Venerando Episcopado rio-grandense aqui presente. A decisão da Santa Sé, o título que lhe foi outorgado, preme de responsabilidades, me levam a depositar os destinos deste Instituto Superior nas mãos magnânimas dos condutores dos nossos destinos religiosos. De Vós, Senhores Bispos, esperamos as diretivas e os conselhos necessários para prosseguir em trabalho tão honroso quanto árduo. E o progresso da Igreja e da sua doutrina que queremos antes de tudo. Dignai-vos de amparar os nossos esforços e sacrifícios.

Aos distintos representantes das autoridades civis, apelamos com confiança. Muito honrou o Governo a generosa cooperação trazida à nossa iniciativa; reconhecidos somos pelos auxílios que permitiram realizações votadas sem dúvida a fracasso inevitável com os meios minguados de que dispúnhamos.

Apelo para nossos numerosos ex-alunos, distribuídos por todos os setores de atividade, glória de 50 anos de labores incessantes, em que tombaram chefes denodados, como o saudoso Irmão Weibert. Esta Universidade Católica, último e mais belo florão da educação marista, é seu patrimônio.

A um grupo de universitários alemães recebidos ultimamente em audiência, S.S. o Papa Pio XII dirigia as seguintes palavras:

“Se quiserdes cumprir com perfeição a missão para a qual vos preparais, sede antes de tudo homens crentes. Somente dirigentes e chefes crentes podem assegurar o bem comum e somente um povo que crê em Deus pode ser dirigido e governado uma maneira digna do homem. Podem o estudo e a ciência, em toda parte, fornecer uma confirmação e um fundamento à fé e à revelação. É sua função natural. Dai testemunho, por vossas palavras e conduta, de que a ciência conduz à fé vivida”.

Os nossos alunos universitários ouvirão por certo este apelo, para a glória da Santa Igreja e o progresso sempre crescente do nosso Brasil.

## **ANEXOS**

## ANEXO N.1

---

### Comissão de Ensino Superior - Parecer N. 323

**ASSUNTO: Equiparação da Universidade Católica de Porto Alegre, (Processo N. 41137/747 com anexos 80793/47, 83872/47, 94634/47, 98005/47 e 50479/48).**

A União Sul Brasileira de Educação e Ensino, Sociedade Civil, com sede em Porto Alegre, em petição de 15 de abril de 1947, requereu ao Sr. Ministro da Educação a equiparação, como Universidade livre, da Universidade Católica de Porto Alegre, e a aprovação de seus Estatutos.

O processo, depois de estudado na Diretoria do Ensino Superior, foi objeto do Parecer n. 248, lido em 5.9.47 e convertido em diligência em 8.9.47.

O parecer n. 248/47, de autoria do eminente Cons. Reynaldo Porchat, estudou o pedido de equiparação com a proficiência e clareza que caracterizam todos os trabalhos do grande mestre.

Baseou-se na legislação vigente: Decreto 29.852, de 11.4.31 e em seus artigos 3º e 5º, regulamentado pelo Decreto n. 24.279, de 22.5.34, com a nova redação dada pelo Decreto-lei n. 8.427, de 26.12.45.

Estudou o eminente relator as condições exigidas pela lei quanto à equiparação.

Considerou preenchidas as exigências do art. 18, do Decreto 24.279 de 22.5.34, quanto à primeira e a segunda condições aí estabelecidas. A terceira condição, relativa aos recursos financeiros de que deve dispor a Universidade para garantir o funcionamento normal dos cursos e a plena eficiência das atividades universitárias, foi considerada não preenchida, em face da documentação apresentada e, nessas condições, concluiu o eminente relator pelo indeferimento do pedido de equiparação.

Subscreveram o parecer do Prof. Reynaldo Porchat, os Cons.s Cesário de Andrade, e Paulo Parreiras Horta, ficando assim constituído em parecer da Comissão de Ensino Superior.

Durante a discussão do parecer, em 8.9.47, foi apresentada e aprovada unanimemente uma proposta do Sr. Cons. Alceu Amoroso Lima, assim redigida: “Proponho que se converta o julgamento em diligência para que fiquem esclarecidas as condições financeiras da Universidade Católica de Porto Alegre”.

A Diretoria do Ensino Superior tomou imediatas providências, junto à entidade mantenedora, União Sul Brasileira de Educação e Ensino, dando ciência do Parecer 248/47 e do aditivo aprovado, procedendo-se a longo expediente, a fim de ser juntada ao processo a documentação exigida.

A entidade mantenedora enviou copiosa documentação, constante do processo, a partir de fls. 114 até 164.

Mereceu tal documentação exaustivo e magnífico estudo na DES, de autoria do dedicado oficial administrativo Sr. Armando Barcelos, merecendo o apoio do Chefe da S.E.O., D. Nair Fortes Abu-Merhy.

Os bens imóveis da USBEE, devidamente avaliados, montam a Cr\$ 56.694.090,70, não incluída aí a avaliação de 17 estabelecimentos pertencentes à União, por escassez de tempo.

Constam do processo certidões de títulos da propriedade e respectivas avaliações efetuadas pelas Prefeituras locais.

Do minucioso estudo dos balanços da entidade mantenedora, conclui-se pela demonstração da existência de um patrimônio líquido de mais de 14.000.000,00 de cruzeiros, ao par da boa situação financeira, como conclui acertadamente o Sr. Armando Barcelos, após detida exposição.

Verifica-se, pois, estar cumprida a determinação do Conselho Nacional de Educação e, ao mesmo tempo, fica evidenciado possuir a entidade mantenedora recursos financeiros suficientes para garantia de funcionamento normal dos cursos e plena eficiência das atividades universitárias.

Os itens IV e V, do art. 18, já referido, estão igualmente atendidos satisfatoriamente.

As condições básicas para a equiparação da Universidade encontram-se realizadas, de acordo com a legislação vigente.

Torna-se necessário, no entanto, o exame dos Estatutos da entidade mantenedora, Estatutos da Universidade aprovados pela entidade mantenedora, Regimentos dos Institutos incorporados e documentos necessários para satisfazer às exigências das letras e, f, g, h (alínea II do art. 18 do Decreto n. 24279).

A USBEE apresentou a documentação acima referida, constante de exemplares de Estatutos da entidade mantenedora, exemplares dos Regimentos Internos da Faculdade Católica de Filosofia, da Faculdade Católica de Direito e da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas de Porto Alegre, esta última Faculdade uma das raras reconhecidas pelo Governo Federal por decreto, como observa com toda a razão a Sr. Nair Fortes Abu-Merhy.

Em conclusão, a Comissão de Ensino Superior, é do seguinte

#### PARECER

1) Pode ser concedida a equiparação, como Universidade livre, da Universidade Católica de Porto Alegre;

2) Esta concessão depende ainda do pronunciamento da dita Comissão de Estatutos, Regulamentos e Regimentos;

3) A Universidade Católica de Porto Alegre será constituída inicialmente, dos seguintes estabelecimentos de ensino superior:

a) Faculdade Católica de Filosofia de Porto Alegre, reconhecida pelos Decretos 9708 de 16.6.42 e 17398 de 19.12.44 (cursos nele discriminados).

b) Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas de Porto Alegre, reconhecida pelo Decreto n. 23993 de 12.3.34.

c) Faculdade Católica de Direito de Porto Alegre, autorizada a funcionar pelo Decreto 20442 de 13.1.47.

4) A Escola de Serviço Social de Porto Alegre, referida na petição de fls. 1, cujas condições não são conhecidas, precisa ser previamente estudada para que possa fazer parte da Universidade.

Sala das sessões, 23 de agosto de 1948.

*(ass.) Paulo Parreiras Horta, relator.*

## **ANEXO N.2**

### **Comissão de Estatutos, Regulamentos e Regimentos**

#### **Parecer N.428**

##### **Processo n.41.137/47**

Nos termos do parecer da egrégia Comissão de Ensino Superior vieram estes autos referentes à instituição e à equiparação da Universidade Católica de Porto Alegre ao exame da Comissão de Estatutos, para que esta apreciasse o projeto que foi oferecido.

Peça de tal vulto, pela sua significação, somente comparável à alta significação, que tem o erguimento de nova Universidade entre nós, mereceu especiais cuidados da Comissão e estudo acurado, dos quais resultou a certeza de que se não compadecia o projeto com os objetivos que cuidava alcançar. Daí a necessidade de melhor aprender o pensamento do plano diretor dos responsáveis pela organização, o que demandou tempo, sobretudo para a espera de quem pudesse falar e esclarecer em nome da instituidora. Somente depois disso pôde a Comissão assentar seu trabalho, resultando o substitutivo que, reduzindo os 60 artigos do projeto a 47, nestes consubstanciou o necessário à vida da Universidade, conforme o permite a lei, e consubstanciou tudo quanto a lei impõe em casos que tais.

Além das partes gerais, comuns a organizações desse tipo, e tendo em mira o Estatuto da Universidade Católica do Rio de Janeiro, aprovado por este Conselho, foi possível à Comissão deixar expressa a obrigatoriedade de os regimentos das escolas componentes serem aprovados por esta casa, guardiã maior da uniformidade do uso e da boa aplicação da lei. Além disso, consignada ficou a obrigação clara de serem presentes, ao Ministério da Educação, os relatórios do Reitor, que compreenderão os dos diretores das diferentes unidades.



Vale mencionar especialmente a situação da Escola de Serviço Social. Figura ela, no art. 6 do substitutivo, como agregada, porque não mantida pela entidade que institui a Universidade. Mas, atendendo a que a situação dessa Escola não está perfeitamente definida, o disposto no parágrafo único do art. 5, do Decreto n. 19.851, de 11 de abril de 1931, com a redação que lhe deu o art 1, do Decreto-lei n. 8.457, de 26 de dezembro de 1945, foi mister incluir, nas Disposições Transitórias, restrição formal, no sentido de que a corporificação dessa Escola na Universidade, mesmo como agregada, somente se efetivará depois de comprovada a satisfação da exigência contida no mencionado parágrafo único do art. 5.

Merece, ainda, especial destaque a possibilidade obrigada no parágrafo único do art. 44, do substitutivo. Em casos de mudanças de denominação ou de entidade mantenedora ou de sede, fixadas no Estatuto, é capaz, para aprovar, o Conselho Nacional de Educação, medida que dispensa alteração do Estatuto e expedição de novos decretos.

As variantes regionais, de que cogita o art. 3, do Decreto n. 19.851 de 11 de abril de 1931, foram usadas, tanto mais se trata de Universidade Católica.

Por fim, cabe esclarecer que a entidade instituidora pleiteia a mudança de denominação: - ao invés de Universidade Católica de Porto Alegre, pretende ser chamada Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no que não há inconveniente algum.

Feita esta exposição, a Comissão apresenta ao exame do egrégio Conselho o substitutivo que redigiu. Quando aprovado, e si tanto merecer, caberá pronunciamento da entidade mantenedora, definindo-se pela sua aceitação ou não.

Sala das sessões, 8 de outubro de 1948.

*(ass.) Jurandir Lodi, relator.*

## **ANEXO N.3**

### **Pronunciamento da Entidade Mantenedora**

Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1948

Ex.mo Sr. Presidente do Conselho Nacional de Educação,

Atenciosas saudações!

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.a o seguinte:

1 - que havendo conhecido o substitutivo constante do Parecer desse Egrégio Órgão sobre o projeto dos Estatutos da Universidade Católica de Porto Alegre, a União Sul Brasileira de Educação e Ensino, por mim representada, está de acordo com o substitutivo e pede a sua aprovação;

2 - outrossim solicita seja alterada a denominação para UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL.

Aproveito o ensejo para apresentar a V.Ex.a e demais membros do C.N.E. os protestos de distinta consideração.

*(ass.) Irmão Faustino João*

## **ANEXO N.4**

### **ATA da Assembléia Geral Extraordinária da Instalação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**

Aos sete dias do mês de março de mil novecentos e cinqüenta e um, às 21h00min, no Salão de Atos Acadêmicos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, presente o Doutor Armando Pereira da Câmara, Reitor Magnífico desta Universidade, comigo, Secretário Geral Substituto no impedimento do titular do cargo, teve lugar a primeira Assembléia Geral Extraordinária dos Professores de todas as Faculdades integrantes desta Casa de Ensino Superior. Conferida a presidência honorária a Sua Eminência o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara e a efetiva ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Dom Vicente Scherer, Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre e Chanceler da Universidade, procedeu-se à solenidade da outorga do título de *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*; cujo documento foi lido por ordem de sua Excelência Reverendíssima, o Presidente efetivo da Sessão; passando-se, a seguir, à entrega ao Reverendo Irmão Afonso, Assistente Geral da Congregação dos Irmãos Maristas, do Título de *Doctor Honoris Causa* em Filosofia conferido pela Faculdade correspondente; e levada a efeito pelo Reitor, Doutor Armando Pereira da Câmara. Realizada, finalmente, a aula inaugural para todos os cursos desta Pontifícia Universidade, foi encerrada a presente sessão pelo Excelentíssimo e Reverendíssimo Dom Vicente Scherer, de que para constar lavrei Ata que vai assinada pelo Excelentíssimo Senhor Chanceler e pelo Reitor Magnífico Doutor Armando Pereira da Câmara, comigo, Irmão Faustino João, Secretário Geral Substituto.

*(ass.) Dom Vicente Scherer, Chanceler  
Prof. Armando Pereira da Câmara, Reitor  
Irmão Faustino João, Secretário Geral.*

## ANEXO N.5

### QUADRO DOS DIPLOMADOS PELA UNIVERSIDADE

	Faculdade de Ciências Econômicas	Faculdade de Filosofia		Faculdade de Direito	Escola de Serviço Social
ANOS	Bacharéis	Bacharéis	Licenc.	Bacharéis	Ass. Sociais
1934	6				
1935	17				
1936	23				
1937	28				
1938	10				
1939	4				
1940	21				
1941	21				
1942	25	29			
1943	39	31	11		
1944	62	65	21		
1945	66	63	44		
1946	35	68	51		
1947	57	26	62		
1948		54	19		11
1949	49	65	45		3
1950	38	86	53		29
1951	38	117	81	29	29
<b>TOTAL</b>	<b>539</b>	<b>604</b>	<b>383</b>	<b>29</b>	<b>64</b>
<b>TOTAL GERAL: 1619</b>					

## ANEXO N.6

### MATRÍCULA GERAL DA UNIVERSIDADE 1931 – 1951

ANOS	Faculda-de de Ciências Pol. Econôm.	Faculda-de de Filosofia	Faculda- de de Direito	Escola de Serviço Social	TOTAL
1931	12	-	-	-	12
1932	26	-	-	-	26
1933	42	-	-	-	42
1934	71	-	-	-	71
1935	166	-	-	-	166
1936	76	-	-	-	76
1937	80	-	-	-	80
1938	77	-	-	-	77
1939	41	-	-	-	41
1940	83	93	-	-	176
1941	82	119	-	-	201
1942	159	138	-	-	347
1943	200	276	-	-	476
1944	190	322	-	-	512
1945	197	266	-	47	510
1946	138	290	-	80	559
1947	197	351	41	142	731
1948	174	396	92	169	831
1849	219	506	134	107	966
1950	222	539	200	77	1038
1951	211	567	247	83	1108

## **ANEXO N. 7**

### **CORPO DOCENTE EM 1950**

- 1 Adolfo Laranjeira Mariante - Filosofia
- 2 Adroaldo Mesquita da Costa - Direito
- 3 Irmão Afonso Herbaux - Economia
- 4 Padre Afonso Schmidt - Direito
- 5 Alarico Schultz - Filosofia
- 6 Alberto André - Filosofia e Serviço Social
- 7 Côn. Alberto Etges - Direito
- 8 Albino Mathias Steintrasser - Economia
- 9 Alcides Flores Soares Júnior - Economia
- 10 Dom Alfredo Vicente Scherer - Filosofia
- 11 Amadeu F. de Oliveira Freitas - Filosofia
- 12 Amir Borges Fortes - Filosofia
- 13 Anery Fortini Albano - Serviço Social
- 14 Angelo Ricci - Filosofia
- 15 Irmão Anísio Fabbris - Filosofia
- 16 Anor Butler Maciel - Direito
- 17 Antonio Bottini - Filosofia e Direito
- 18 Antônio César Alves - Filosofia, Direito e Economia
- 19 Padre Antônio Löbmann, SJ - Filosofia e Serviço Social
- 20 Irmão Arialdo Fin - Filosofia
- 21 Armando Brenner - Filosofia
- 22 Armando Dias de Azevedo - Filosofia e Direito
- 23 Armando Pereira C. da Câmara - Filosofia e Direito
- 24 Armando Kraemer - Economia
- 25 Alvaro de Figueiredo Paz - Economia
- 26 Irmão Arnulfo Luft - Filosofia

- 27 Ascânio Illo Frediani - Filosofia
- 28 Ary Jobim Meirelles - Economia
- 29 Ary Nunes Tietbohl - Filosofia e Economia
- 30 Padre Attilio Fontana - Filosofia
- 31 Baltazar Gama Barboza - Direito e Serviço Social
- 32 Bruno Kiefer - Filosofia
- 33 Camilo Martins Costa - Direito
- 34 Carlos de Brito Velho - Filosofia
- 35 Carlos Torres Martins - Economia
- 36 Celso Afonso Pereira - Direito
- 37 Christiano Ehlers - Economia
- 38 Dante de Laytano - Filosofia
- 39 Darcy Azambuja - Filosofia e Direito
- 40 Darcy D'Avila - Filosofia
- 41 Irmão Dionísio Fuertes - Filosofia
- 42 Dorival Silva Schmidt - Filosofia
- 43 Padre Edmundo Kunz - Filosofia e Economia
- 44 Egberto Guido Becker - Direito
- 45 Egomar Lund Edelweiss - Serviço Social
- 46 Eliseu Paglioli - Filosofia
- 47 Eloy José da Rocha - Filosofia, Direito e Economia
- 48 Elpídio Ferreira Paes - Filosofia e Direito
- 49 Elsa Helm - Serviço Social
- 50 Irmão Elvo Clemente - Filosofia
- 51 Ernani Maria Fiori - Filosofia
- 52 Ernesto Alves Braga - Filosofia
- 53 Irmão Estanislau Müller - Economia
- 54 Irmão Faustino João - Filosofia e Economia
- 55 Fernanda Pinto Ferraz - Serviço Social
- 56 Fernando A. Gay da Fonseca - Serviço Social

- 57 Fernando Grosser - Filosofia
- 58 Florentino Nems - Economia
- 59 Francisco Casado Gomes - Filosofia e Serviço Social
- 60 Francisco Machado Carrion - Filosofia
- 61 Francisco Silva Juruena - Filosofia, Direito e Economia
- 62 Irmão Gabriel Víctor Labroy - Economia
- 63 Gaspar Dilermando Ochoa - Filosofia
- 64 Gastão Dias de Castro - Filosofia
- 65 Irmão Gelásio Maria Mombach - Filosofia
- 66 Guilhermino César - Filosofia
- 67 Guilherme Moojen - Economia
- 68 Heinrich Adam Wilhelm Bunse - Filosofia
- 69 Helio Paranhos Hoffmann - Direito
- 70 Irmão Henrique Justo, FSC - Filosofia
- 71 Henrique Fonseca de Araujo - Economia
- 72 Hernani Estrella - Direito
- 73 Irmão Hilário Máximo Camilotto - Filosofia
- 74 Homero Barbosa - Filosofia
- 75 Irajá Damiani Pinto - Filosofia
- 76 Ivo Wolff - Filosofia
- 77 Jean Roche - Filosofia
- 78 João Emílio Müller - Direito e Serviço Social
- 79 João Cardoso - Serviço Social
- 80 João José Planella - Filosofia
- 81 João Pedro dos Santos - Economia
- 82 João Simões da Cunha - Filosofia e Economia
- 83 João Zurlo - Economia
- 84 Joaquim Araujo Pereira Neto - Filosofia
- 85 Jorge Godofredo Felizardo - Filosofia
- 86 José Aleixo Dischinger - Filosofia



- 87 Padre José Breitenbach - Filosofia
- 88 José Gomes de Campos - Filosofia e Economia
- 89 José Luiz Martins Costa - Direito
- 90 Irmão José Otão Stefani - Filosofia e Economia
- 91 Irmão José Próspero Naudet - Filosofia
- 92 José Rafael Alves de Azambuja - Filosofia
- 93 José Salgado Martins - Direito
- 94 José Nunes Tietbohl - Filosofia
- 95 Irmão Leôncio José Rubio - Filosofia e Economia
- 96 Irmão Liberato Hunke - Filosofia
- 97 Leonidas Soares Machado - Serviço Social
- 98 Luiz Alberto Cibils - Economia
- 99 Luiz Bonneti Piffero - Economia
- 100 Luiz Dariano - Economia
- 101 Luiz Lesseigneur de Faria - Filosofia
- 102 Luiz Pilla - Filosofia
- 103 Manoel Coelho Parreira - Filosofia
- 104 Manoel Lobato - Filosofia
- 105 Marcelo Bidart da Silva - Serviço Social
- 106 Maria Clara Mariano da Rocha - Serviço Social
- 107 Maria Fialho Pereira - Serviço Social
- 108 Mario Bernd - Filosofia
- 109 Mario Goulart Reis - Serviço Social
- 110 Mem de Sá - Filosofia, Direito e Economia
- 111 Nelson França Furtado - Filosofia
- 112 Ney da Silva Wiedmann - Direito
- 113 Ney Chrysostomo da Costa - Filosofia e Economia
- 114 Nilo Antunes Maciel - Serviço Social
- 115 Notburga Reckziegel - Serviço Social
- 116 Padre Octávio da Encarnação - Filosofia

- 117 Osvaldo Caminha - Direito
- 118 Osvaldo Ehlers - Economia
- 119 Cônego Otto Skzypczak - Filosofia
- 120 Paulo Barbosa Lessa - Direito
- 121 Paulo Lovemberg - Filosofia
- 122 Pery Riet Corrêa - Filosofia
- 123 Irmão Rafael Antônio Doncel - Economia
- 124 Raul Franco di Primio - Filosofia
- 125 Raul Silva Moreira - Filosofia
- 126 Renato Costa - Economia
- 127 René Ledoux - Filosofia
- 128 Ricco Harbich - Filosofia
- 129 Irmão Roque Maria Stefani - Filosofia e Direito
- 130 Rubens Dautas - Filosofia
- 131 Rubens Sant'Ana - Direito
- 132 Rui Cirne Lima - Direito
- 133 Silvio Ferreira Paes - Economia
- 134 Frei Teodoro - Filosofia e Serviço Social
- 135 Tito Montenegro Barboza - Serviço Social
- 136 Padre Urbano Thiesen - Filosofia
- 137 Victor de Brito Velho - Filosofia e Serviço Social
- 138 Waldemar Cabral Dau - Economia
- 139 Walter Becker - Direito
- 140 Walter José Diehl -Direito
- 141 Yedda Maria Souto Franzen - Serviço Social

## ANEXO N.8

### ARMAS DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

Em campo de arminho, um tau de vermelho, invertido e tocando os bordos do escudo, carregado de uma rosa de prata e de um sol de ouro de 7 raios. Em timbre, as chaves papais e a tiara, e num listel pendente das chaves, o lema *Ad verum ducit*.

#### SIMBOLISMO

*Tau de vermelho, invertido* (Cruz de São Pedro); a Arquidiocese de Porto Alegre, cujo padroeiro principal é o Príncipe dos apóstolos, e em cuja sede se acha localizada a Universidade: por extensão, a Igreja Universal.

*M marista*: símbolo da Ordem Marista. Como a Virgem Maria consagrou a vida a serviço de Cristo, Salvador dos homens, os Irmãos Maristas consagram a vida à educação da juventude.

*Sol de ouro, de 7 raios*: o saber cristão, sintetizado nos 7 dons do Espírito Santo, fonte de toda verdadeira sabedoria.

*O arminho*: Cristo, a verdade.

Por meio da sabedoria cristã, dentro das normas infalíveis da Igreja, sob a proteção maternal de N. S<sup>ª</sup>. do Rosário, a Universidade Pontifícia do Rio Grande do Sul se propõe conduzir as inteligências ávidas de saber e de verdade, a Cristo, Verdade suprema: “*ad verum ducit*”.

O ARMINHO é um das cores suplementares da Heráldica. Além dos esmaltes (vermelho, azul, verde, púrpura, preto, e prata), essa nobre ciência e arte usa na composição de um brasão de armas, de duas outras cores, ditas peles, por causa de sua proveniência: o arminho e os veiros.

O arminho (*armillini mures* ou *mus pontinus*) é um animalzinho da família dos mustelídeos, muito parecido com a doninha ou com a nossa lontra. É de cor ruiva no verão, mas durante o inverno fica com pêlo finíssimo e de uma alvura deslumbrante, conservando, porém, a cauda, curta e pequena, sempre preta. Essa sua pele de inverno foi sempre considerada como muito

preciosa, tendo sido usada como adorno dos mantos dos reis e príncipes. Daí o ter passado na Heráldica como símbolo de nobreza e dignidade. Ainda hoje é sinal de distinção e serve para enfeitar as becas e capelos de catedráticos de Universidades, além de generalizado uso eclesiástico, simbolizando os altos postos da hierarquia.



Costuma-se representá-lo nos brasões por um campo de prata semeado ordenadamente de umas manchas pretas, ditas *mosquetas*, que têm essa forma convencional exclusiva da Heráldica, e os escudos que o têm em seu campo ou figuras são, em geral, escudos muito solenes. As *mosquetas* não têm simbolismo especial: com o campo de prata, constituem uma cor só, o arminho, como se fosse vermelho, azul, ouro ou prata, com o seu simbolismo explicado ao brasonar; na Heráldica eclesiástica ou religiosa, costuma representar Nosso Senhor, Cristo Rei, como o azul é a cor de N. S.a do Rosário.

Quando não se pode fazer o campo de prata (numa bandeira ou flâmula, p.ex.), as mosquetas não são mais estilizadas como dantes, mas colocadas a esmo, num campo de branco, com esse outro feitio menos rigoroso, como se fosse o escudo todo (ou bandeira) guarnecido da alvíssima roupagem de inverno do arminho, com as manchas pretas da cauda contrastando agradavelmente com a brancura alvinitente do conjunto: assim eram forrados os mantos da nobreza medieval.

TAU na Heráldica é uma cruz em forma de T (de *tau*, letra T em grego) - tau invertido é uma dessas cruces de cabeça para baixo.

As chaves e a TIARA são atributos dos escudos papais, a chave de ouro simbolizando o poder de magistério (*clavis doctrinae*), e a de prata, o de jurisdição (*clavis jurisdictionis*). Por privilégio, as Universidades Pontifícias podem usá-los, em timbre, como adornos de seus brasões de armas.



DE SEMINARIIS ET STUDIORUM UNIVERSITATIBUS  
DECRETVM



ot inter sollicitudines hoc in primis Sacra Congregatio de Seminariis et Studiis Universitatibus  
perpetuo curat ut salubria sapientiae atque virtutis germina teneris adolescentium mentibus in-  
serta lectissimam subolem praeparant donarum frugum probitalis doctrinaeque feracem.

libentier ergo novimus religiosos viros Institutu Fratrum Maritarum scholarum anno Domini MCMXXI  
in civitate Portuensi Brasiliae Meridionalis scholas superiorum studiorum iuvenibus aperuisse, ultimis  
vero haece annis Res academicae constituisse quas civilis Magisterialis approbatione munivit.

Cum Excimus Archiepiscopus Portuensis supplices preces nobis porrexerit ut nova haec Universitas cano-  
nice erigeretur, haece Sacra Congregatio accurate perpendit: Statuta ipsi diligenter subiecta, normasque quibus  
cathedrae singularium Facultatum reguntur, omninoque vidit bene disposita esse ad propositum suum assequendum

christianae inventaris rite instituendae educandaeque. Pro munere igitur rem Augusto Pontifici in auctoritate nobis  
concessa humiliter subiecit. Qui nobis manus contulit: Universitatem canonicis erigendi. -

Quapropter haec eadem Sacra Congregatio de Seminariis et Studiis Universitatibus, auctoritate a S. M. P. M. J. de:  
P. M. XII sibi collata, Facultates cum annexis scholis a laudatis Fratribus Maritis Portuensis conditas in

UNIVERSITATE ERIGIT atque ERIGENDIS atque PORTUENSIS UNIVERSITATIS PORTUENSIS conditas in  
et privilegia quae ad huiusmodi Instituta pertinent, dammodo fideliter serventur quae tam U. Vice Juris Canonici tum  
legibus huius Sacrae Congregationis praescribuntur, conditis quibuslibet minimis obstantibus. -

X. Cal. s. i. m. Novembris, in festo Omnium Sanctorum, dogmaticae definitioni M. Mariae Virginitis in caelum  
Assumptae sacro, anno Jubilei MCMII.

PRÆFECTUS  
+ *[Signature]*

SECRETIS  
+ *[Signature]*

## BIBLIOGRAFIA

- AJASSA, Matteo et alii. *Un Uomo per la Storia, un Santo per la Chiesa*. Roma, Mistica Rosa, 1967.
- BULLA, Leônia Capaverde. *Serviço Social, Educação e Práxis: tendências teóricas e metodológicas*. Tese de doutoramento, inédita, CPG Educação UFRGS, 1992.
- CAÑON, Anibal Presa. *Crónicas Maristas, i el Fundador*. Zaragoza, Luis Vives, 1979.
- COTTA, Gildo, *Educare, principi pedagogici di Marcellino Champagnat*. Roma, 1991.
- DAMIÃO, Ir. Eugênio, *Histórico da Província do Brasil Meridional (1900 - 1950)*. Porto Alegre: Tipografia Champagnat, 1950.
- DORADO, Maria Angeles Soto. *El pensamiento educativo de la Institución Marista*. Valencia: Nau Libres, 1984.
- FURET, Jean Baptiste. *Vie du Vénérable Marcellin-Joseph-Benoît Champagnat* Paris: Desclée & Cie, 1931.
- MARTINS, Adelino da Costa. *Contexto histórico e social da obra educativa de Champagnat*. EDIPUCRS, Porto Alegre, s/d.
- PONTY, L. *Vie du Frère François (1808-1881)*. Emmanuel Vitte, Lyon, 1899.
- SOARES, Mozart Pereira e DA SILVA, Pery Pinto Diniz. *Memória da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre:UFRGS, 1992.
- Anais da Faculdade Católica de Filosofia de 1940 a 1946.
- Anais das Faculdades Católicas de Porto Alegre, 1947.
- Anuários da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, de 1931 a 1948.
- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - 40 anos a serviço da Cultura (1931-1971).
- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - 25 anos de Universidade (1948-1973).

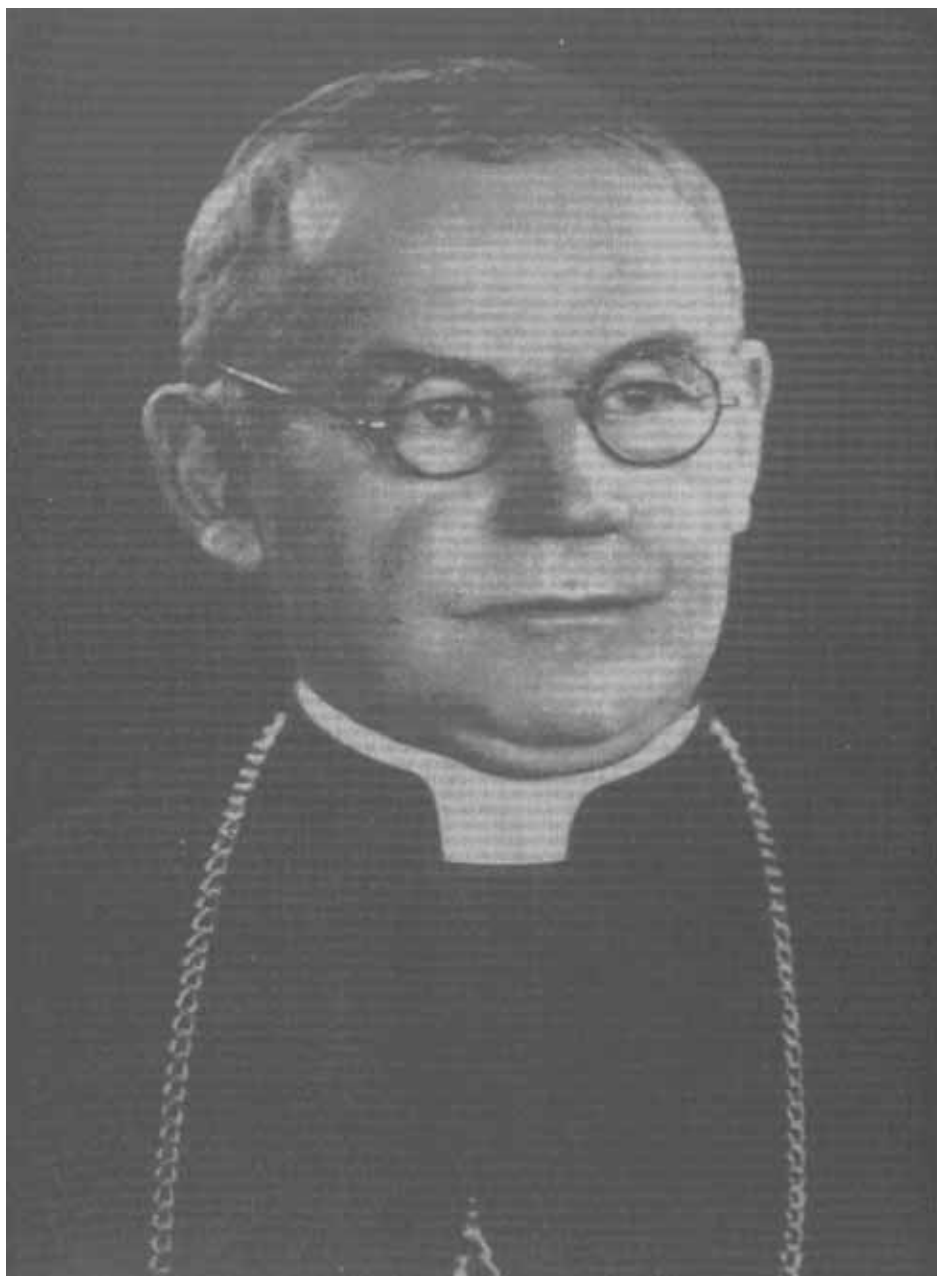


Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Anuários de  
1948 a 1951.

Provincialato Marista, *Presença Marista no Brasil e no Mundo* (1817 -1897 -  
1967). Ambrosiana, São Paulo, 1967.



1. Pio XII outorgou o Título de Pontifícia à Universidade, em 1º de novembro de 1950.



2. Dom João Becker, Arcebispo de Porto Alegre, de 1912 a 1946.



3. Dom Vicente Scherer, Arcebispo de Porto Alegre, de 23 de fevereiro de 1947 a 16 de setembro de 1981, Chanceler da Universidade de 1948 a 1981.



4. Irmão Afonso (Charles Désiré Joseph Herbaux), Fundador da Universidade.



5. Grupo dos professores fundadores da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas de Porto Alegre em 1931. Sentados, da esquerda para a direita: Dr. Eloy José da Rocha, Irmão Weibert, Irmão Afonso, Dr. Elpídio Ferreira Paes, Dr. Colombo Rodrigues de Lima. Em pé: Irmão José Inácio Calvo, Dr. Carlos Sacknies, Irmão Gondolfo e Irmão Gabriel Vítor.



6. Primeira turma de Bacharéis em Ciências Políticas e Econômicas, 1933.

Sentados, da esquerda para a direita: Carlos Pedro Gerlach, Otávio Lund, Luiz Baroni, João Schmidt. Em pé: Lanes Menezes, Décio Oscar Kramer, Arlindo Borsato. Antônio Maria da Silva Filho, Ciro Menezes da Cunha.



7. Vista da Igreja de N. Sª do Rosário, onde começaram as aulas do Colégio Rosário em 7 de fevereiro de 1904.





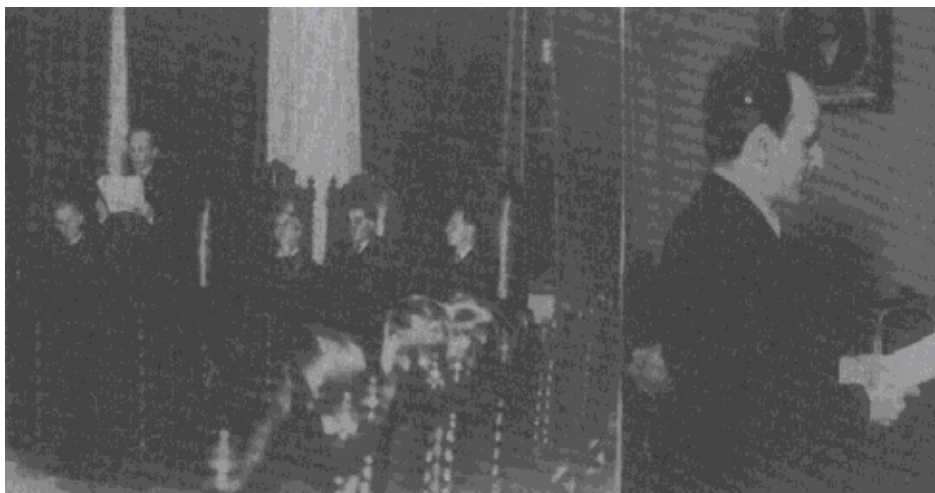
8. Primeira sede da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas na Praça Dom Sebastião, nn. 80-86-92.



9. Vista do segundo prédio da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, Praça Dom Sebastião, n. 12.



10. Sede da Universidade, de 1943 a 1967, na Praça Dom Sebastião n. 2-60-100, atual Colégio do Rosário.



11. Inauguração dos cursos da Faculdade de Filosofia no Salão Nobre da Faculdade de Direito da Universidade de Porto Alegre a 26 de março de 1940. Na mesa, da esquerda para a direita: Cônego Alberto Colling, Prof. Armando Câmara, Dr. José P. Coelho de Souza, Prof. Ary de Abreu Lima, Prof. Eloy José da Rocha.



12. A assistência, no ato inaugural da Faculdade de Filosofia, 26.3.1940.



13. A Congregação da Faculdade de Filosofia, 1942. Da esquerda para a direita: Elpídio F. Paes, Ney Chrysostomo da Costa, Amadeu Fagundes Oliveira Freitas, Helio Hoffmann, Secretário, Eloy José da Rocha, Diretor, Mario Bernd, Raul Franco di Primio, Salomão Pires Abrahão, Armando Câmara.



14. Instalação da Universidade, 8.12.1948, presentes: Armando Pereira da Câmara, Reitor, Irmão José Otão, Vice-Reitor, Dom Vicente Scherer, Chanceler, Eloy José da Rocha, Armando Dias de Azevedo, Diretor da Faculdade de Direito.



15. Instalação da Universidade, 8.12.1948: Dom Vicente Scherer, Prof Eioy José da Rocha, Prof. Armando Dias de Azevedo, Irmão José Otão, Irmão Faustino João, Secretário "ad hoc".



16. Instalação da Pontifícia Universidade Católica, no dia 7 de março de 1951. Vista da mesa que presidiu o ato.



17. Dom Vicente Scherer, Chanceler, pronuncia o discurso inaugural, 7.3.1951.





18. O Irmão Afonso recebe o Título de *Doctor Honoris Causa*, 7.3.1951.



19. Vista da assistência na sessão inaugural, 17.3.1951.



20. Anuando Pereira da Câmara, Diretor da Faculdade de Direito, de 12.2.47 a 8.12.48. Reitor, de 8.12.48 a 8.12.51.



21. Eloy José da Rocha, Diretor da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, de 1933 a 1938, e Diretor da Faculdade de Filosofia, de 10.4.1939 a 31.1.1946.



22. Salomão Pires Abrahão, Diretor da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, de 1942 a 17.3.1943.



23. Francisco da Silva Juruena, Diretor da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, de 1939 a 1941, e de 1943 a 1951.



24. Ivo Wolff, Diretor da Faculdade de Filosofia, de 31.1.1946 a 25.3.1947.



25. Antônio César Alves, Diretor da Faculdade de Filosofia, de 25.3.47 a 8.12.51.





26. Mário Goulart Reis, Diretor da Escola de Serviço Social, de 1945 a 1951.



27. Armando Dias de Azevedo, Diretor da Faculdade de Direito, de 8.12.1948 a. 12.1951, e Reitor Interino em 1948.



28. Elpídio Ferreira Paes, pessoa importante na constituição da Universidade.

**epccê**  
prática

**E**  
EDIPUCRS

1931-1951

VOLUME

I

*"Pretende ser esta Universidade um farol cintilante que, em meio à confusão crescente de teorias e contradições, indica o rumo seguro ao porto tranqüilo da verdade; quer ser uma forja onde se temperam caracteres firmes no cumprimento do dever à custa dos mais penosos sacrifícios; apresenta-se como instituição educadora que cultiva e aperfeiçoa o espírito humano, preparando cidadãos exímios e capazes de, nos diversos departamentos das atividades públicas e particulares, enfrentar vitoriosamente os árduos problemas econômicos, políticos e sociais de cuja solução depende o bem-estar dos indivíduos e das nações.*

*(Cardenal Vicente Scherer, discurso na instalação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 7 de março de 1951)*